



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ALESSANDRA SOARES DE MOURA

TRABALHAR NA RUA:

**Análise dos usos e apropriação do espaço por camelôs e ambulantes no bairro do Centro
de João Pessoa/PB**

Novembro de 2014

João Pessoa - PB



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHAR NA RUA:
Análise dos usos e apropriação do espaço por camelôs e ambulantes no bairro do Centro
de João Pessoa/PB

ALESSANDRA SOARES DE MOURA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, como parte obrigatória para obtenção do título de Mestre.

Orientação da Prof^a Dr^a Jovanka Baracuhy Cavalcanti Scocuglia.

Novembro de 2014

João Pessoa – PB

ALESSANDRA SOARES DE MOURA

TRABALHAR NA RUA:

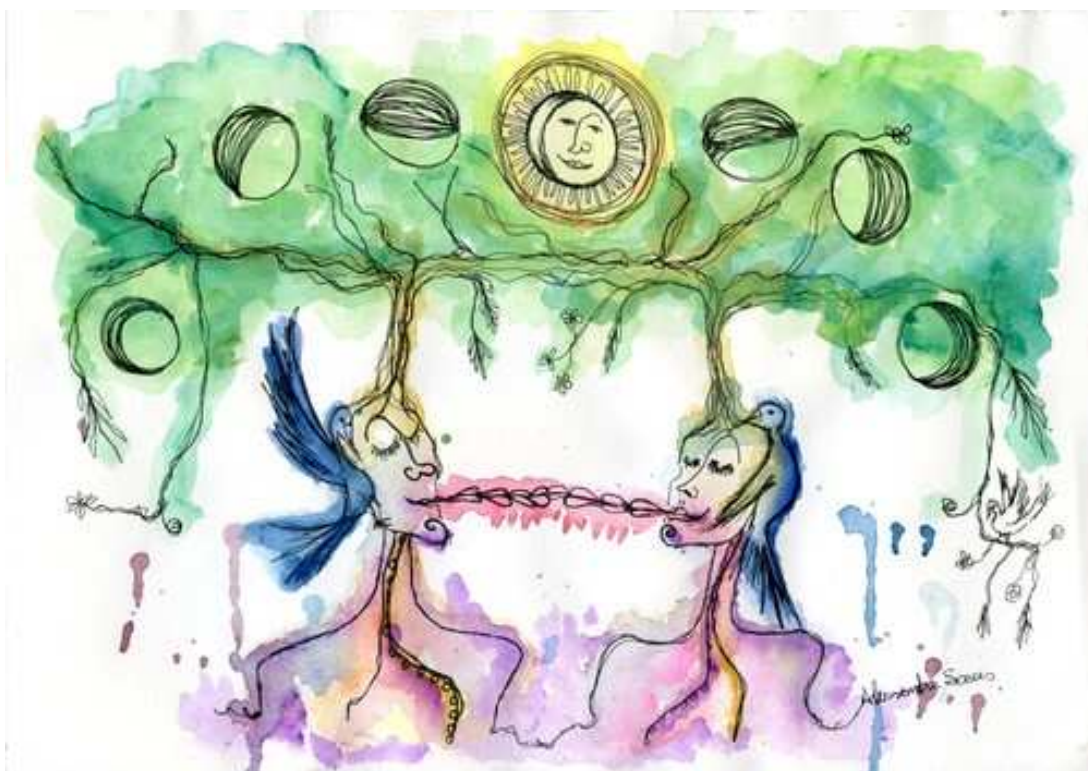
**Análise dos usos e apropriação do espaço por camelôs e ambulantes no bairro do Centro
de João Pessoa/PB**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba,
como parte obrigatória para obtenção do título
de Mestre.

Orientação da Prof^a Dr^a Jovanka Baracuh
Cavalcanti Scocuglia

Data da defesa: 28 de novembro de 2014

MEMBROS EXAMINADORES	
Orientadora (UFPB/PPG-AU):	Jovanka Baracuh Cavalcanti Scocuglia
Examinadora interna (UFPB/PPG-AU):	Tereza Queiroz
Examinador interno (UFPB):	Francisco de Assis da Costa
Examinadora externa (PPG-AU/UFBA):	Thais de Bhanthumchinda Portela



Para Artur, companheiro de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe e ao meu pai, por abrirem portas e me deixarem escolher o caminho que desejo seguir. É importante saber que de vocês tenho o apoio para construir o que acredito. Ousar, ser curiosa e questionar. A meu irmão Lucas, muitas vezes no silêncio nós compreendemos na mesma condição, a sua presença é sempre importante. À minha família, pela presença e apoio. À minha família de coração, Paula, Maria, Alice e João, pelo carinho que recebo.

Agradeço a Jovanka, por me orientar, me acolher nesse processo e confiar no meu desenvolvimento e capacidade. Obrigada pela contribuição!

Obrigada a Anne, Denise, Paula, Annelisse, Andrei, Carol, Camila, Patrícia e todos os outros com os quais dividi problemas, satisfações e a compreensão do que é um mestrado. Principalmente a Marcela, por estar sempre presente e compartilhar uma escolha de caminho.

Ao Dialógica, pelas conversas e leveza que trouxe durante a pesquisa - e por dividir comigo essa “fase mestrado”. Os diálogos interdisciplinares e projetos conjuntos influenciaram diretamente essa pesquisa. Ao GEU: Marina, Wilma, Luciana, Raquel, Helena, pelas tardes de discussões intensas e instigantes. Ao LECCUR, pelo apoio, acolhimento e consonância nas discussões. Ao PPGAU, principalmente a Marcio e a Sinval, que desenvolvem um excelente trabalho e ajudaram no que foi preciso. A CAPES, pelo apoio fundamental e crucial para ter mantido esse pesquisa como projeto principal do meu cotidiano.

Às professoras Tereza Queiroz, Thaís Portela e ao professor Xico Costa, por aceitarem compor minha banca de qualificação e de defesa final, pelas sugestões e análises significativas às quais tentarei atender na versão definitiva do texto.

A todas as colegas da dança e ao professor Canízio, por me ajudarem a manter o equilíbrio e a compreender um pouco mais sobre o movimento e o corpo.

Sou grata a todos que me possibilitaram acessar fragmentos de suas vidas, através de depoimentos intensos. Cada conversa modificou algo em mim.

E a todos que de alguma forma fizeram parte desse momento!

TRABALHAR NA RUA: Análise dos usos e apropriação do espaço por camelôs e ambulantes no bairro do Centro de João Pessoa/PB

RESUMO

O presente estudo problematiza conflitos contemporâneos no espaço urbano a partir da perspectiva e das experiências de ambulantes e camelôs no bairro do Centro, localizado em João Pessoa-PB. A pesquisa se estrutura através de três pontos: um espaço - a rua, uma perspectiva - prática cotidiana, um sujeito – ambulantes e camelôs. A questão central que o movimenta é: Como os camelôs e ambulantes inseridos no bairro do Centro de João Pessoa experienciam a rua e compreendem o espaço em que atuam? Não pretendemos romantizar a rua, mas tentar apreendê-la enquanto espaço de conflitos, discutindo ferramentas de planejamento e de gestão urbana a partir da análise qualitativa de descrições, das apropriações e narrativas acerca das práticas cotidianas de ambulantes e camelôs. A análise é dividida em três dimensões: o caminho, o espaço/tempo e as tensões, a partir das quais identificamos aspectos da relação espaço, tempo, corpo e ações nas ruas da cidade, destacando características como a heterogeneidade do trabalho de rua, padrões de apropriação, e consensos estabelecidos sobre ações. Reafirmamos, dessa forma, a dinâmica cotidiana das ruas do Centro de João Pessoa – PB, (espaço vivo e pulsante) e a importância de reflexões acerca dessa dinâmica urbana na prática do planejamento urbano.

Palavras-chave: ambulantes e camelôs, práticas urbanas, cotidiano, espaço público, planejamento urbano.

TRABAJAR EN LA CALLE: Análisis de los usos y apropiaciones del espacio por ambulantes en el barrio del Centro de João Pessoa/PB.

Resumen

El presente estudio problematiza conflictos contemporáneos en el espacio urbano desde la perspectiva y experiencias de los ambulantes en el barrio del Centro de la ciudad de João Pessoa- PB. La pesquisa es estructurada por tres puntos: el espacio – la calle, una perspectiva – práctica cotidiana, un sujeto – el ambulante. La cuestión central que mueve la pesquisa es: ¿cómo los ambulantes inseridos en el barrio del Centro de João Pessoa experimentan la calle y comprenden el espacio que actúan? No tenemos la intención de romantizar las calles, y si aprender como espacio de conflictos, discutiendo herramientas de planeamiento y gestión urbana desde el análisis cualitativo de descripciones, de apropiaciones y narrativas sobre las prácticas cotidianas de ambulantes. El análisis se divide en tres momentos: el camino, el espacio/tiempo y las tensiones, en las cuales identificamos aspectos de la relación espacio, tiempo, cuerpo y acción en las calles de la ciudad, destacando características como la heterogeneidad del trabajo en la calle, patrones de apropiación, y consensos fijados sobre acciones. Reafirmamos, la dinámica cotidiana de las calles del centro de João Pessoa – PB (espacio vivo e que pulsa) y la importancia de reflexiones acerca de la dinámica urbana en la práctica del planeamiento urbano.

Palabras clave: trabajadores de la calle, prácticas urbanas, cotidiano, espacio público, planeamiento urbano.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 e 02 – (a) Rua Miguel Couto, barracas na calçada em frente à atual Prefeitura Municipal de João Pessoa.....	40
Figura 03 – Ações de camelôs/ambulantes no Centro de João Pessoa-PB.....	44
Figura 04 – Exemplos de trabalhadores de rua no Centro de João Pessoa.....	44
Figura 05 – Representação do espaço da conversa, com destaque para o expositor de Júnior.....	48
Figura 06 – Espaço onde conversei com Jorge e Lôra, antes de começar a expor as mercadorias.....	49
Figura 07 – Espaço de conversa com Jorge e Lôra, durante um período de vendas.....	49
Figura 08 – Espaço de convivência e local da entrevista com A. e a mãe.....	50
Figura 09 – Davi e a ocupação do seu local de trabalho.....	51
Figura 10 – <i>Frames</i> do trajeto realizado com Luciano.....	52
Figura 11 – Desenho do lugar de trabalho de Jô e João.....	54
Figura 12 – Ocupação do espaço por Pé de Pato.....	56
Figura 13 – Integração da Praça Vidal de Negreiros com o trecho para pedestres da Rua Duque de Caxias.....	56
Figura 14 – Calçada onde ocorreu o Percurso 03.....	57
Figura 15 – Perspectiva do viaduto da Av. Miguel Couto. Percurso 03.....	58
Figura 16 – Espaço do Percurso 03.....	59
Figura 17 – Local de trabalho de Cabedelo.....	62
Figura 18 – Registro realizado dentro do galpão onde camelôs e ambulantes guardam suportes de trabalho e mercadorias, no momento em que um deles estava saindo para trabalhar.....	70
Figura 19 – Camelôs vendendo material escolar - registro realizado no mês de Janeiro de 2014.....	74
Figura 20 – Formas de ocupar a calçada pelos camelôs. Fonte: Ilustrações, fotografias e edição.....	77
Figura 21 – Expositor de óculos apoiado na fachada de um comércio. Rua Santo Elias.....	79
Figura 22 – Organização dos camelôs na praça Vidal de Negreiros.....	82
Figuras 23 e 24 – Comparação (a) 1997 (b) 2014.....	92
Figura 25 – Sequência de imagens do ponto descrito anteriormente, entre as 16h – 18h.....	94
Figura 26 – Comparação do espaço em horários diferentes.....	94
Figura 27 – Protótipo de uma das propostas desenvolvidas pelo Deputado Estadual Toinho do Sopão para camelôs que trabalham no Centro.....	100

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Área designada como ponto de partida. Identificação dos locais onde ocorreram os três percursos realizados na pesquisa de campo.....	34
Mapa 02 – Localização dos shoppings populares de João Pessoa.....	41
Mapa 03 – Mapa de localização e pontos citados ao longo das entrevistas.....	45
Mapa 04 – Localização do Percurso 01.....	46
Mapa 05 – Localização da Av. Duque de Caxias com a Praça Vidal de Negreiros e fotografias.....	54
Mapa 06 – Primeiro ponto de conversa do segundo percurso.....	58
Mapa 07 – Espaço de trabalho de Cabedelo.....	61
Mapa 08 – Localização do espaço para camelôs e ambulantes guardarem suas mercadorias.....	70

LISTA DE ESQUEMA

Esquema 01 – Etapas da pesquisa e ferramentas utilizadas.....	32
Esquema 02 – Esquema da realização de um percurso.....	35
Esquema 03 – Relação entre o pesquisador e o sujeito pesquisado.....	37
Esquema 04 – Trama de caminhos dos trabalhadores do Centro de João Pessoa.....	71
Esquema 05 – Esquema que representa a relação espacial dos camelôs e ambulantes	84
Esquema 06 – Apropriação da rua por camelôs e ambulantes.....	102

LISTA DE TABELA

Tabela 01 – Resumo dos procedimentos da pesquisa de campo.....	38
--	----

SUMÁRIO

Notas de uma busca.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 01	
“Fazer cidade”: o conflito da produção do espaço.....	17
1.1. Formas de produzir cidade.....	18
1.2. A produção hegemônica do espaço.....	20
1.3 A produção contra-hegemônica do espaço	25
CAPÍTULO 02	
Processos e percursos: construindo a pesquisa empírica.....	31
2.1. Processo de apreensão da cidade: articulações entre a teoria e a experiência.....	32
2.2. Trabalhador de rua: camelô e ambulante	38
2.3. Apresentando os três percursos realizados	
2.3.1 Primeiros contatos.....	42
2.3.2. Percurso 01	45
2.3.3. Percurso 02	53
2.3.4. Percurso 03.....	57
CAPÍTULO 03	
O Camelô e o Ambulante no Centro de João Pessoa: a experiência nas ruas.....	63
3.1. Caminhos: introdução ao universo dos camelôs e ambulantes do Centro de João Pessoa/ PB – a heterogeneidade do trabalhador de rua.....	64
3.2. Tempos/espaço: apropriações dos espaços públicos no Centro de João Pessoa pelos camelôs e ambulantes.....	72
3.3. Tensões: relação entre camelô e poder público.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS.....	106
APÊNDICE A.....	109

Notas de uma busca

A formação como Arquiteta e Urbanista me permitiu construir um olhar mais atento aos movimentos na cidade, a partir da estrutura urbana e das pessoas. Perceber a intrínseca relação existente entre o homem e o espaço ao longo do tempo me possibilitou buscar conhecer várias cidades, especialmente João Pessoa-PB.

Ao longo do curso se fez necessário visitar locais de estudo, conhecer ou reconhecer espaços e, algumas vezes, realizar "diagnósticos". A partir dessas atividades, passei a desenvolver uma relação de afetividade e de identidade com alguns locais, principalmente com o Centro da cidade de João Pessoa. Comecei a frequentar, por vontade própria, muitas vezes sem objetivos específicos, lugares nada comuns ao meu dia-a-dia, espaços que não sabia classificar entre público ou privado e que geralmente não são levados em consideração nos projetos desenvolvidos para as disciplinas da universidade.

A desenvoltura dos trabalhadores de rua, suas gambiarras, puxadinhos, adaptações e a naturalidade de todas essas ações me chamaram a atenção durante muitas das caminhadas que realizei pelo Centro. Percebi que muitas das áreas escolhidas para estudos universitários eram repletas de trabalhadores de rua, mas havia certo consenso de que deveríamos desconsiderá-los.

Com as vivências que tive nas ruas, a minha inquietação cresceu e surgiu um conflito constante de ideias, entre aquelas transmitidas dentro da universidade e as que vivenciava fora dela; entre aquilo que me ensinaram como "certo", admissível ao ato de projetar, relacionado à ordem e à beleza, e o que encontrava na rua. Como pensar o espaço sem considerar os indivíduos que o habitam cotidianamente, ou desconsiderando as ações de apropriação do mesmo? Para mim, ignorar o que acontece na rua era como projetar algo demasiado hipotético e, pela faceta pedagógica, transmitir um conhecimento a partir de um plano abstrato, "desde cima". Esse pensamento despertou em mim o interesse em conhecer melhor a relação entre o homem e o espaço, me levou a buscar, dentro do campo da Arquitetura e do Urbanismo (de forma interdisciplinar), um conhecimento que não costuma estar previsto no projeto.

Através dessa busca surge a presente pesquisa que, por um lado, representa meu desejo de conhecer melhor a rua e os que nela estão todos os dias, modificando-a e, por outro, representa a tentativa de compreender melhor a cidade e novas formas de pensá-la, a partir da perspectiva do arquiteto e urbanista.

Abraçando essas ideias e reflexões, desenvolvi a presente pesquisa...

Introdução

Nos últimos anos, com a onda de manifestações sociais¹ existente nas ruas de diversos países, o debate sobre a produção do espaço urbano veio à tona com muita vivacidade. Esses acontecimentos recentes revelam características fundamentais da cidade, como por exemplo, o fato de ser um lugar de construções de pactos coletivos, do encontro, das possibilidades de explicitação dos conflitos, e da presença de diversos grupos sociais.

Apesar das especificidades das manifestações em cada país, há algumas questões unificadoras entre elas: todas se relacionam, de alguma maneira, com a expansão do reino do mercado, que se traduz, muitas vezes, no fechamento dos espaços públicos, em privatizações (condomínios fechados, de shoppings *centers*, do privilégio do automóvel, entre outros) e no desmantelamento dos serviços sociais². Essa expansão produz um urbanismo que utiliza estratégias de exploração dos espaços através da privatização, da homogeneização e da pacificação³.

A materialização desse tipo de espaço urbano gera modificações na rua e nas oportunidades de vivenciá-la, por existir uma influência direta nas possíveis experiências do corpo, pois é ele que se locomove e atua no espaço.

É esse pano de fundo que alimenta o objetivo de problematizar conflitos contemporâneos no espaço urbano a partir da análise de experiências cotidianas de grupos marginalizados⁴, presentes nas ruas da cidade, colocando em debate a relação entre experiência urbana enquanto prática cotidiana e o urbanismo.

A presente pesquisa investiga, especificamente, as experiências de ambulantes e camelôs⁵ - um grupo pertencente ao setor informal⁶ - em um espaço da cidade de João Pessoa/

¹ Nos referimos às manifestações ocorridas em 2011 no Oriente Médio, conhecidas como Primavera Árabe, e em Nova York, designadas como *Occupy Wall Street*, assim como às eclodidas em 2013 na Turquia e no Brasil.

² Žižek, 2013.

³ “[...] espaços pacificados, ou seja, espaços assépticos onde os conflitos são devidamente eliminados. Richard Sennett, a partir dos estudos de Michel Foucault, nos mostrou como esses espaços pacificados estão diretamente relacionados com a pacificação de nossos corpos” (JACQUES, 2009).

⁴ Nos referimos a uma grande parcela de indivíduos anônimos, como prostitutas, catadores de lixo, camelôs, mendigos, entre outros.

⁵ Os ambulantes são trabalhadores autônomos – ou “por conta própria” – que estão vinculados ao circuito de venda direta e indireta, realizando atividades que, apesar de subordinadas ao mercado, ainda têm certa margem de autonomia (ALCÂNTARA, 2013, p.43).

PB.⁷ Pretendemos analisar as práticas e a atuação dos ambulantes/camelôs nas ruas do bairro do Centro da cidade de João Pessoa; refletir sobre as relações entre a gestão dos espaços pelos poderes públicos e as práticas/experiências/vivências dos ambulantes nas ruas do bairro do Centro.

Autores como Magnani (1993, p. 3) apontam que soa como “[...] romantismo anacrônico pensar em “rua, suporte da sociabilidade””. Outros, como Jacques (2012a, p.14), afirmam que talvez “[...] estejamos vivenciando hoje um processo, uma busca hegemônica, de esterilização da experiência, sobretudo da experiência da alteridade na cidade”. O que esses autores parecem querer mostrar, entre outras coisas, é que a rua contemporânea vem passando por profundas modificações, sendo talvez a mais significativa o processo de deixar de ser um lugar de convívio, local para ver e ser visto, e se tornar, sobretudo, a principal infraestrutura de grandes “sistemas de circulação” (ASCHER, 2010).

Mas, para esses e outros pensadores - que se detêm nos usos e apropriações dos espaços no cotidiano - também importa levar em consideração a ideia de que “[...] as ruas das cidades servem a vários fins além de comportar veículos; e as calçadas – a parte das ruas que cabe aos pedestres – servem a muitos fins além de abrigar pedestres” (JACOBS, 2000, p.29). Elas podem ser além de espaços destinados ao fluxo, a casa, a vitrine, ao protesto em dia de passeata, palcos, lugares de trabalho ou pontos de encontro (MAGNANI, 1993).

Concordamos com De Certeau (1994) quando aponta a existência de “maneiras de fazer” no cotidiano, isto é, de práticas “[...] pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural”. As “maneiras de fazer” são entendidas por ele (Ibid., p. 41) como as “[...] operações microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu fundamento por uma multiplicidade de táticas articuladas sobre o detalhe do cotidiano”.

As possibilidades de existência de “subversões” cotidianas da lógica hegemônica de estruturação das ruas nas cidades capitalistas são apresentadas por Milton Santos através do

Muitas vezes, “ambulante” e “camelô” aparecem como termos sinônimos. Por questões de diferenciação, nessa pesquisa, entendemos que o primeiro é associado ao trabalhador informal que atua nas ruas se locomovendo com mercadorias, e o segundo, como o trabalhador informal que comercializa em espaços fixos.

Quando utilizarmos o termo “trabalhador de rua” ou trabalhador informal, estaremos contemplando os camelôs e ambulantes.

⁶ Compreendemos o comércio informal como setor de trabalhos ou serviços que não tem regulamentação legal, é isento de obrigações fiscais e está à margem da lei.

⁷ Ressaltar que a pesquisa se passa em uma cidade de médio porte. De 769.607 hab. (dados do IBGE 2013).

conceito de “espaço opaco”, que se contrapõe à ideia de “espaço luminoso”. Ao falar de “espaços opacos”, Santos (2008a) se refere aos espaços não dotados de técnica, invisíveis à lógica dominante, e que se encontram dentro dos “espaços luminosos”, isto é, no interior dos espaços adaptados às exigências globais, cheios de técnica, e pertencentes à lógica dominante.

A tendência urbanística mercadológica presente na maioria das cidades contemporâneas favorece o desenvolvimento dos “espaços luminosos”, em detrimento dos “espaços opacos”. E a partir de transformações levadas a cabo por tal tendência, muitas práticas urbanas deixam de existir, são fragmentadas ou marginalizadas. Mas outras práticas “escapam”, e além de não terem desaparecido, resistem e ganham novos formatos, deixando transparecer conflitos.

Levando em consideração tudo o que foi colocado acima, advém o seguinte posicionamento fundamental para a nossa pesquisa: o espaço urbano é palco de conflitos, de contradições, de diversidades, alteridades e está em perpétua transformação.

O presente trabalho se aproxima de pesquisas que problematizam conflitos urbanos, usos e apropriações dos espaços (De Certeau, 1994; Ribeiro 2012c; Jacques 2012a; Scocuglia 2012, Trigueiro 2012). Tópicos multidisciplinares que na esfera da arquitetura e do urbanismo são debatidos, muitas vezes, através de reflexões sobre o uso das ruas - modos de apropriação do espaço - e sobre a possibilidade de ampliação da participação dos usuários nas decisões que fundamentam os projetos e intervenções urbanísticas. É comum o fato de essas reflexões desaguardarem em profundas críticas ao modelo dominante de planejamento urbano.

Compreendemos que a discussão acerca dos tópicos citados possibilita novos enfoques que permitem problematizar a complexidade dos espaços, ultrapassando as limitações do urbanismo mercadológico como, por exemplo, ao abranger heterogêneas manifestações continuamente encontradas na rua.

Aqui, a realização da discussão desses tópicos se dá através da análise de certas práticas cotidianas que “subvertem” a lógica dominante de constituição dos espaços urbanos. Assim como Ribeiro (2012c, p.102), entendemos que “[...] é preciso valorizar as racionalidades alternativas, buscar outras racionalidades, outras maneiras de ver e de pensar”. E que para podermos reconhecer as diversas possibilidades futuras é necessário valorizar a experiência

urbana, o “território usado” [conceito proposto por Milton Santos], pois “[...] sem dúvida, a cidade viva, insurgente e experimental não morreu” (RIBEIRO, 2009, p.149).⁸

Estruturamos a pesquisa a partir de três pontos fundamentais: (1) um espaço - a rua -; (2) uma perspectiva - prática cotidiana -; (3) um sujeito – o camelô/ambulante. Pretendemos analisar a rua enquanto espaço de conflitos, discutindo as ferramentas de planejamento e de gestão urbana a partir da análise das práticas cotidianas dos ambulantes, das suas experiências, usos e apropriações das ruas centrais da cidade de João Pessoa. O problema que a movimenta é: Como os ambulantes/camelôs inseridos no bairro do Centro de João Pessoa experienciam a rua e compreendem o espaço em que atuam? A busca por respostas ao problema colocado parte da consciência da necessidade de conectar duas visões: a do (1) pesquisador e a do (2) ambulante/camelô.⁹

Prezamos por uma leitura qualitativa da vivência dos ambulantes/camelôs no bairro do Centro de João Pessoa. Pretendemos atingir o objetivo proposto através de um corpo teórico e um corpo empírico. Sendo o primeiro referente a um debate interdisciplinar e o segundo universo constituído por uma pesquisa de campo realizada durante cinco meses¹⁰, período que resultou na realização de três percursos no Centro.

Com o intuito de expor com clareza as reflexões e os resultados da pesquisa, apresentamos, a seguir, a estruturação da dissertação. No primeiro capítulo, apresentamos uma discussão acerca da produção do espaço, expondo, através de uma divisão histórica, os momentos e as formas de atuação de um urbanismo que podemos chamar de dominante. Em segundo momento do capítulo, introduzimos algumas reflexões sobre a possibilidade de existência de práticas cotidianas urbanas que vão de encontro a certos princípios desse urbanismo dominante.

O segundo capítulo tem por objetivo apresentar e descrever os instrumentos e os procedimentos utilizados para a coleta e análise dos dados, justificando o uso de tais

⁸ Também nos aproximamos da perspectiva teórica de De Certeau quando afirma que: “[...] ao invés de permanecer em um terreno de um discurso que mantém o seu privilégio invertendo o seu conteúdo (que fala de catástrofe e não mais de progresso), pode-se enveredar por outro caminho: analisar as práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem a seu perecimento” (CERTEAU, 1994, p.174-175).

⁹ Levando em consideração que no trabalho a visão do ambulante e do camelô é a visão do pesquisador a partir das narrativas deles.

¹⁰ Houve um intervalo de tempo entre cada percurso realizado no qual percorríamos o centro apenas para observações. Decidimos deixar esse intervalo e ter uma pesquisa de campo longa para poder assim observar períodos diversos do centro como, por exemplo, algumas festividades.

instrumentos e procedimentos com base na fundamentação teórica apresentada no capítulo 1 e nas questões de pesquisa que norteiam este trabalho. Contextualizamos brevemente a realidade dos ambulantes e dos camelôs no campo nacional e no espaço estudado. Em seguida, apresentamos os três percursos realizados, a partir de narrativas dos ambulantes e camelôs entrevistados.

Buscaremos, no terceiro capítulo, a partir dos dados obtidos com análise empírica e de conceitos e ideias debatidos inicialmente, responder ao problema da pesquisa, como os ambulantes/camelôs inseridos no bairro do Centro de João Pessoa experienciam a rua e compreendem o espaço em que atuam, levando em consideração que tal resposta não pode ser definitiva, nem muito menos completa. Mas, deve despontar no sentido de abrir espaço ao aprofundamento da discussão empreendida no primeiro capítulo acerca das formas conflitantes de produção do espaço urbano.

Capítulo 1

“Fazer cidade”: o conflito da produção do espaço



G1-PB, Portal de notícias, *Prefeitura de João Pessoa inicia operação para desocupar calçadas. Operação Calçada Livre visa retirar ambulantes de calçadas públicas. Segundo Sedurb, determinação é do Ministério Público*, 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2013/04/prefeitura-de-joao-pessoa-inicia-operacao-para-desocupar-calcadas.html>>. Acesso em: 18 maio 2013.

“A rua continua, matando substantivos, transformando a significação dos termos, impondo aos dicionários as palavras que inventa, criando o calão que é o patrimônio clássico dos léxicos futuros”

João do Rio, *A Alma Encantadora das Ruas* (2008, p.29).

1.1. Formas de produzir cidade

Como o foco do presente trabalho está na discussão sobre a produção do espaço por ambulantes e camelôs, entendemos que é imprescindível, nesta primeira parte, abordar alguns conceitos envolvidos nas reflexões acerca da problemática da produção do espaço.

Compreendemos que a cidade abarca múltiplas facetas, dentre as quais destacamos duas relativas à produção do espaço urbano que aparecem imbricadas na realidade, e se relacionam às tentativas de dominação e apropriação do espaço. Uma, visível, hegemônica, e outra, invisível, contra-hegemônica. As nossas reflexões introdutórias sobre essas duas facetas da produção do espaço urbano se baseiam em três autores: Henri Lefebvre, Michel De Certeau e Milton Santos.

Para o primeiro desses autores, o espaço urbano não é neutro e se estrutura através de conflitos e contradições. Lefebvre considera a cidade um espaço mediador que comporta diferentes dimensões da realidade, algumas visíveis, outras não:

[a cidade] se situa num meio termo, a meio caminho entre aquilo que se chama de *ordem próxima* (relações dos indivíduos em grupos mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, relações desses grupos entre eles) e a *ordem distante*, a ordem da sociedade, regida por grandes e poderosas instituições (Igreja, Estado) (LEFEBVRE, 2008, p.52).

A ordem distante se institui no nível "superior" do poder, "ela se impõe. Abstrata, formal, supra-sensível e transcendente na aparência, não é concebida fora das ideologias. [...] Esta ordem distante se projeta na realidade prático-sensível" (Ibid., p.52). Enquanto a ordem próxima está "[...] contida na ordem distante, ela se sustenta; encarna-a; projeta-a sobre um terreno (lugar) e sobre um plano, o plano da vida imediata" (LEFEBVRE, 2008, p.54).

Essas duas ordens estão contidas dentro da produção do espaço urbano (no sentido mais amplo da palavra de produto e produção), que Lefebvre explica através da tríade conceitual interdependente: prática espacial, representação do espaço e espaço da representação. A prática espacial cotidiana envolve uma relação dialética entre dominação e apropriação do espaço. A representação do espaço compreende a ciência, o planejamento e o urbanismo; é a abstração do espaço imposta como verdadeira. É a partir da imposição de uma lógica hegemônica no espaço que a representação do espaço se relaciona com a dominação presente na prática espacial. Em outra "esfera" se encontra o espaço da representação: é o espaço vivido,

das interações cotidianas, que se relaciona mais com a apropriação, e onde podemos enxergar possibilidades de mudança.

Entendemos que De Certeau (1994) reflete sobre a dominação e a apropriação do espaço a partir da noção de “relação de forças”, da ideia de combates ou jogos entre o forte e o fraco - e das ações que o fraco pode empreender. Dois conceitos, o de estratégia e o de tática, são fundamentais na sua problematização acerca dos embates da produção do espaço.

A estratégia, para De Certeau (1994, p.99), é o “[...] cálculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (um empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado”. A partir da estratégia o espaço pode ser dominado, manipulado, controlado e medido. Já a tática é “[...] a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem lugar senão o do outro” (Ibid., p.100). É a ação no espaço controlado pelo inimigo, aproveitando as ocasiões para agir “golpe por golpe”. Por estar no espaço do adversário, o dominado não tem “[...] um projeto global nem [é capaz] de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivo” (Ibid., p.100). A tática é a “arte dos fracos”, sem lugar próprio. Assim, o que distingue essas duas “forças” é que a “[...] tática é determinada pela ausência de poder assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder” (Ibid., p.101). De Certeau concentra os seus estudos na análise de práticas urbanas e nas “artes de fazer”, isto é, nas táticas.

Milton Santos (2011), de alguma forma, exprime essas duas ordens - ou forças - ao afirmar que o espaço é “esquizofrênico”, por acolher os vetores da globalização - que nele se instalam para impor sua nova ordem -, e, de outro lado, por também acolher a produção de uma contraordem, “[...] uma produção acelerada de pobres, excluídos, marginalizados (Ibid., p.114). Como o espaço é vivo, com experiências renovadas, abre a possibilidade de contrarracionalidades - ou irracionalidades, do ponto de vista dominante. Essas duas racionalidades são forças dependentes e concomitantes: “Na realidade, a mesma fração de território pode ser recurso e abrigo, pode condicionar as ações mais pragmáticas e, ao mesmo tempo, permitir vocações generosas” (Ibid., p.112).

As racionalidades dominantes pertencem às verticalidades e se contrapõem às contrarracionalidades, que são contra-hegemônicas e horizontais¹¹. Para Santos, as

¹¹ "Ao contrário das verticalidades, regidas por um relógio único, implacável, nas horizontalidades assim particularizadas funcionam, ao mesmo tempo, vários relógios, realizando-se paralelamente, diversas temporalidades" (SANTOS, 2011, p.111).

contrarracionalidades se encontram, de um ponto de vista geográfico, nas zonas opacas, isto é, em espaços justapostos aos luminosos: “[...] espaços do aproximativo e da criatividade, opostos às zonas luminosas, espaços da exatidão” (SANTOS, 2008a, p. 326).

[As] contra-racionalidades se localizam de um ponto de vista social, entre pobres, os migrantes, os excluídos, as minorias; de um ponto de vista econômico, entre atividades marginais, tradicional ou recentemente marginalizadas; e, de um ponto de vista geográfico, nas áreas menos modernas e mais “opacas”, tornadas irracionalidades para usos hegemônicos. (Ibid., p.309)

Enquanto os espaços luminosos, envolvidos com a racionalidade hegemônica, são os de “[...] reconhecimento, de valorização e, enfim, da vida plena, *clean* e justa que, envolta em beleza, não teme se expor e, até mesmo, se oferece à exposição e às celebrações laicas” (RIBEIRO, 2012, p.67); os espaços opacos, envolvidos com a contrarracionalidade, são aqueles “[...] representados como feios, sem interesse ou perigosos pelo pensamento dominante, [e que] oferecem materializações de racionalidades alternativas”¹² (Ibid., p.68).

A seguir, objetivamos discutir mais pormenorizadamente essas duas formas de produção do espaço, que tanto Lefebvre quanto De Certeau e Milton Santos trazem à tona, cada um à sua maneira, com um arcabouço conceitual próprio. Optamos por realizar tal discussão utilizando as noções de espaços luminosos e espaços opacos.

A produção hegemônica do espaço

Importa destacar, inicialmente, a longa duração do ideário da iluminação¹³, criado no contexto de modernização e da revolução científica do século XVII (Idade Moderna na Europa), com base em um conhecimento racional de representações, ordem e números, que influencia transformações nas cidades.

Os espaços luminosos surgiram a partir do contexto da emergência de um novo modelo de cidade, a “Cidade do Capital”, como denomina Rolnik (2004). Esse novo tipo de cidade,

¹² Essas palavras de Ana Clara Torres Ribeiro se fundamentam em obras de Milton Santos, mais especificamente nos livros *A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção* e *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*.

¹³ “À luz da razão”, “a luz da inteligência”; “a luz do espírito” (RIBEIRO, 2012).

caracterizada pela mercantilização dos espaços¹⁴, se constitui com o fortalecimento de uma nova classe envolvida com a acumulação do capital¹⁵, a burguesia.

A classe burguesa européia, sobretudo a partir do século XIX, passou a pautar as transformações urbanas através de um modelo que opõe a casa (espaço da ética e da racionalidade) à rua (espaço do inesperado e do não dominado); o território do poder e do dinheiro (espaços luminosos) ao território popular (espaços opacos). “Para a burguesia, o espaço público deixa de ser a rua – lugar das festas religiosas e cortejos que engloba a maior variedade possível de cidades e condições sociais – e passa a ser a sala de visitas, ou salão” (ROLNIK, 1988, p.48). Dualidades que expressam uma relação de conflito e luta por espaço.

No século XIX, as construções dos espaços luminosos fizeram parte da realização de transformações urbanas profundas, empreendidas com o envolvimento marcante do Estado. Reformas que atingiram principalmente os centros das cidades, através de grandes demolições, construções de largas avenidas, para os novos meios de transporte, e diferentes formas de segregação espacial, que passaram a ditar novos padrões, o de uma sociedade burguesa elitizada - e a serem designadas como modernistas e embelezadoras.¹⁶

Paris é um exemplo emblemático desse modelo de transformação da cidade através de reformas urbanas. No século XIX ela passou por uma série de revoltas políticas, a exemplo da revolução de 1848, e por sérios problemas de densidade, pois “[...] era uma cidade cuja forma urbana tinha seus limites sempre forçados pelo crescimento da população” (SENNETT, 1993, p.170). Uma aparente solução surgiu no ano de 1850, através do prefeito do segundo império, o Barão Haussmann, com a execução de uma transformação urbana espacial cuja proposta estrutural de cidade previa ao mesmo tempo ampliar e melhorar a infraestrutura urbana, “limpar” das ruas os pobres ou “a multidão de vagabundos” e enviá-los para locais estratégicos de fácil controle político e social.

Essas transformações, que correspondem a uma forma específica de dominação do espaço, foram realizadas através de algumas estratégias, sendo uma delas as técnicas de representação como, por exemplo, a perspectiva e os mapas. Através delas o espaço pode ser

¹⁴ A partir da mercantilização do espaço, as cidades se tornaram zonas de circulação de mercadorias, e as suas ruas, lugares de passagem e de suporte, isto é, espaços destinados à locomoção da casa ao trabalho.

Como afirma Sennett (2008, p. 271), “[...] palavras como “artéria e veia” entram para o vocabulário urbano no século XVIII, aplicadas por projetistas que tomavam o sistema sanguíneo como modelo para o tráfego”.

¹⁵ Cf. Rolnik, 1988.

¹⁶ Rolnik, 1988.

mensurado objetivamente e apresentado como um conjunto de lugares formais. Essa lógica objetiva de ver e manipular o espaço acarreta um distanciamento entre a cidade vivida e o planejador urbano.¹⁷

Rolnik (2004) procura mostrar que a estratégia indicada acima continua presente no planejamento urbano contemporâneo:

Uma das características distintivas da estratégia e modo de ação do Estado na cidade capital é a emergência do plano, intervenção previamente projetada e calculada, cujo desdobramento na história da cidade vai acabar desembocando na prática do planejamento urbano, tal como conhecemos hoje (ROLNIK, 2004, p.55).

Através do pensamento de Rolnik (Ibid.) podemos dizer que muitas das ideias presentes nos projetos dos espaços luminosos surgiram dos desenhos das utopias¹⁸ renascentistas, onde já está plasmada a possibilidade do controlar a cidade. Os projetos utópicos renascentistas têm importância na produção do espaço urbano por meio da leitura mecânica da cidade - vendo-a como circulação de fluxos -, assim como pela ideia de ordenação matemática racionalizada da produção do espaço, a fim de criar uma cidade sem males.

A partir de Ana Clara Torres Ribeiro, os espaços luminosos podem ser compreendidos como “[...] produtos da razão que amplifica estrategicamente comandos da modernidade, [pois] denotam a força da racionalização emanada do pensamento instrumental, que, ao selecionar o que tem ou não valor, é capaz de seduzir e convencer (RIBEIRO, 2012, p.67).

A história (ocidental) do desenvolvimento dos espaços luminosos no século XX pode ser dividida em três fases de práticas urbanas regidas por vertentes ou correntes específicas, que coincidem com a evolução do urbanismo moderno.¹⁹ A primeira fase corresponde à vertente funcionalista (racionalista ou progressista), a segunda fase à humanista, e a terceira à vertente mercadológica.

O primeiro momento, funcionalista, teve início com as vanguardas modernistas e finalizou no contexto do pós- II Guerra. Nessa primeira fase, pensa-se a cidade como um fato

¹⁷ De Certeau (1994) compara essa lógica com um observador olhando a cidade a partir do 110º andar do World Trade Center. Para ele “[...] a cidade-panorama é um simulacro “teórico” (ou seja, visual), em suma, um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas” (Ibid., p.171).

¹⁸ Cf. obra de Thomas More (1478-1535)

¹⁹ Divisão das vertentes dominantes espelhada em Olivieri (2011). Não podemos encará-la como algo rígido, pois na realidade a mudança das fases das práticas urbanas não é abrupta.

objetivo, projetada para um homem universal (*Le modulator*²⁰) e padronizado, através da idealização de espaços separados por funções - circulação, habitação, trabalho e lazer.

Os urbanistas modernos passaram a organizar as ruas por uma hierarquia baseada na velocidade, e a estruturar as cidades “[...] em funções da física dos fluidos” (ASCHER, 2010, p. 19), através da lógica da sistematização dos transportes e maximização do tráfego. Tentaram conceber a rua moderna impulsionados, sobretudo, pela mudança de escala das aglomerações decorrente do rápido crescimento das cidades, das mobilidades e, principalmente, pelo surgimento do automóvel, a partir de avanços tecnológicos. Para Le Corbusier “[...] uma cidade feita para a velocidade é uma cidade destinada ao sucesso” ²¹ (FRAMPTON, 2008, p.186).

Para conduzir e dar continuidade ao pensamento urbanístico da primeira fase foi fundamental o surgimento dos CIAM (Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna), onde foram indicados os caminhos a serem seguidos. A declaração do CIAM de *La Sarraz*, realizado em 1928, reforçou a idéia do urbanismo funcionalista, assumindo uma atitude racional em relação ao planejamento urbano, ao pontuar: “[...] a urbanização não pode ser condicionada às reivindicações de um esteticismo pré-existente; sua essência é de ordem funcional” (Ibid., p.328).

Possivelmente, o CIAM IV (ocorrido em 1933, dominado pela personalidade de Le Corbusier e tendo como tema a cidade funcional) foi o mais importante para sustentar a vertente funcionalista e para o planejamento urbano. É um marco, pois nele surgiu um relevante documento para o urbanismo, a Carta de Atenas²². Segundo Reyner Banham:

As cento e onze proposições que compreendem a Carta consistem em parte de declarações a respeito das condições das cidades e em parte propostas para retificação dessas condições agrupadas em cinco categorias principais: Habitações, Área de Lazer, Trabalho, Transportes e Edificações Históricas (BANHAM apud FRAMPTON, 2008, p.328).

Os estudos e críticas voltadas às transformações funcionalistas da cidade começaram a ganhar força entre as décadas de 1950 e 1960, através da aparição de novos paradigmas interdisciplinares. Uma “virada humanística” no urbanismo tem como marco o CIAM IX (1953), onde se desafiou as categorias funcionalistas da Carta de Atenas, e teve origem o *Team X*,

²⁰ Um sistema de medições que representa um indivíduo imaginário criado por Le Corbusier.

²¹ Frase lançada em 1925, ao falar do *Plan Voisin* para Paris.

²² “Os participantes produziram o documento mais olímpico, retórico e essencialmente destrutivo que já surgiu dos CIAM: a Carta de Atenas” (FRAMPTON, p.328).

grupo que propôs um modelo de maior complexidade urbana, mais adequado às necessidades de identidade. Frampton (2008, p.330) reproduz a seguinte declaração dada por tal grupo:

O homem pode identificar-se de imediato com seu próprio lar, mas não se identifica facilmente com a cidade em que este está situado. "Pertencer" é uma necessidade emocional básica – suas associações são de ordem mais simples. Do "pertencer" provém o sentido enriquecedor da urbanidade. A ruazinha estreita da favela funciona muito bem exatamente onde fracassa com frequência o redesenvolvimento espaçoso.

Outra mudança importante ocorreu no início dos anos de 1970, com o surgimento de teorias pós-modernas que trouxeram uma "nova agenda", que não necessariamente implicou rupturas com a vertente anterior, porém está mais atrelada ao desenvolvimento urbano enquanto mercadoria²³, a um urbanismo mercadológico²⁴ que tem como principal modelo o planejamento estratégico.²⁵

A partir das colocações de Otilia Arantes (2012) sobre o urbanismo contemporâneo, podemos afirmar que, com a abordagem mercadológica do urbanismo, os espaços luminosos são potencializados a se tornarem espaços da sedução, para gerar boas oportunidades e trazer respostas competitivas aos desafios da globalização, através de um planejamento estratégico.

Atualmente, o urbanismo não vem mais para corrigir, mas para incrementar a proliferação urbana, para otimizar a competitividade das cidades, todo o vocabulário aliás é nitidamente empresarial. Trocamos a máquina de morar moderna pela máquina de crescimento atual... (Ibid., p.15).

Essa nova etapa do urbanismo, de acordo com Arantes, está baseada na mercantilização total das cidades associada à dimensão cultural²⁶. Aqui, "[...] se casam o interesse econômico da cultura e as alegações culturais do comando econômico" (ARANTES,

²³ "O que está sendo chamado de "terceira geração" urbanística, a meu ver, não representa – mais uma vez... – nenhuma ruptura maior de continuidade com a anterior. Se há novidade, ela se resume ao "gerenciamento", como se diz no novo jargão, agora assumidamente empresarial, de um lado e do outro do oceano – o que levou, não por acaso, a ressuscitar o vocabulário descartado do "planejamento", posto em descrédito pela voga contextualista anterior" (ARANTES, 2011, p.12 e 13).

²⁴ Vamos nos reter e explorar um pouco mais essa terceira fase, pois é nela que o presente trabalho se situa historicamente.

²⁵ "Plano estratégico é a definição de um projeto de cidade que unifique diagnóstico, concretize atuações públicas e privadas e estabeleça um quadro coerente de mobilização e de cooperação dos atores sociais urbanos" (BORJA, 1996, p.98).

²⁶ "Mas não um cultural qualquer, aqui o *turning point* que está nos interessando demarcar, quanto a esta última guinada urbanística: um culturalismo – da indústria da consciência às grandes fachadas, passando pelas gentificações pertinentes – paradoxalmente (ou não) respaldando pela aura libertária da resistência antiprodutivista cuja gênese remontaria aos movimentos dos anos 1960" (ARANTES, 2012, p. 24-25).

2011, p.25), surgindo o "pensamento único de fazer cidades". Para encontrar certo protagonismo, no contexto da total mercantilização, as cidades precisam ser dotadas de uma boa estratégia de *marketing*²⁷.

[...] fala-se cada vez menos em racionalidade, funcionalidade, zoneamento, plano diretor etc., e cada vez mais em *requalificação*, mas em termos tais que a ênfase deixa de estar predominantemente na ordem técnica do Plano – como queriam os modernos – para cair no vasto domínio *passe-partout* do assim chamado “cultural” e sua imensa gama de produtos derivados (Ibid., p.15).

Para Jacques (2012), os atuais projetos urbanos hegemônicos, fundados nessa lógica mercantil, são criados nas cidades através de uma estratégia espetacular, asséptica e homogeneizante. Esses “espaços-slogans” envolvem um processo de esterilização da experiência urbana, que

[...] não destrói completamente a experiência, ele busca a sua captura, domesticação, anestesiamento. A forma mais recorrente e aceita hoje deste processo esterilizador faz parte do processo mais vasto de espetacularização das cidades e está diretamente relacionado com a pacificação dos espaços (Ibid., p.52).

A pacificação dos espaços públicos, no seu entender, gera falsos consensos e procura esconder as tensões que lhes são próprias.²⁸ Contudo, contrariando o urbanismo hegemônico, existem ações que o subvertem. Compreendemos que tais ações advêm, geralmente, da realidade “dos de baixo”.

A produção contra-hegemônica do espaço

Para refletirmos acerca dos espaços opacos, partimos da seguinte afirmação de Ana Clara Torres Ribeiro: “[...] o excesso de luz, produzido pela técnica e pela máquina, também traz cegueira” (RIBEIRO, 2012, p.67).

Os espaços opacos

[...] oferecem materializações de racionalidades alternativas e saberes relacionados à apropriação socialmente necessária dos recursos disponíveis, possibilitando a sua multiplicação. São espaços com menos técnicas e mais inventividade, com menos

²⁷ “Por essas e outras considerações, quando se fala hoje em dia, a torto e a direito, em “fazer cidade”, tamanho eufemismo vale bem a pergunta: quem de fato “faz cidade”? A resposta, ao menos a partir dos anos 1990, parece inequívoca: naturalmente, as grandes empresas, com as mediações de praxe, é claro. Por isso, a mesma paisagem por toda a parte, ou melhor, sem contar os simulacros na periferia [...]” (ARANTES, 2012, p.24).

²⁸ Cf. o artigo *A experiência errática da cidade: em busca da alteridade urbana*, presente na obra *Leituras da Cidade*, organizada por Ana Clara Torres Ribeiro, Lilian Fessler Vaz e Maria Laís Pereira da Silva (2012).

dominação e mais domínio. [...] O espaço opaco instaura o enigma da invisibilidade do muitíssimo visível (Ibid., p.68).

São espaços excluídos, flexíveis e fluidos, gerados pela lógica dos espaços luminosos e atravessados pela racionalidade dominante, assim como por outras racionalidades.²⁹ Por abarcar diversas realidades, temporalidades e a capacidade de se construir segundo novas definições, os espaços opacos estabelecem uma relação dialética com os espaços luminosos, impedindo que os atores do poder hegemônico dominem completamente o espaço (SANTOS 2011).

Os espaços opacos são constituídos por práticas “estranhas” “[...] ao espaço “geométrico” ou “geográfico” das construções visuais, panópticas ou teóricas” (DE CERTEAU, p.172); pelo “[...] homem ordinário, praticante das cidades, que escapa – resiste e sobrevive – no cotidiano” (JACQUES, 2012, p.195) -, pertencente ao setor informal da economia (moradores de rua, catadores, prostitutas, ambulantes, camelôs, favelados, entre outros; indivíduos anônimos³⁰ que constroem sua própria racionalidade).

As práticas do “homem ordinário” ³¹ podem, muitas vezes, ser consideradas como contra-hegemônicas, pois ganham relevância por sua resistência, por garantir vitalidade aos “[...] espaços públicos a partir de uma forma de apropriação que contraria, desvia ou subverte as imposições autoritárias dos projetos urbanísticos mais luminosos e espetaculares” (JACQUES, 2012, p.196), mesmo que de forma inconsciente.

Essas práticas foram retratadas por diversos artistas que tomaram a cidade em um momento de profundas mudanças urbanísticas como foco de suas obras. Um exemplo desse tipo de retrato pode ser encontrado em obras de Baudelaire³², artista que acompanhou as transformações ocorridas em Paris em meados do século XIX, e que realizou uma nova leitura do mundo moderno, utilizando, muitas vezes, personagens marginalizados. No poema “Os olhos dos pobres” Baudelaire explicita a tentativa dos projetos luminosos, regidos pela burguesia, de mascarar os conflitos e excluir as práticas dos homens ordinários:

²⁹ “Na verdade, [...] contrarracionalidades, isto é, formas de convivência e de regulação criadas a partir do próprio território e que se mantêm nesse território a despeito da vontade de unificação e homogeneização” (SANTOS, 2011, p.110).

³⁰ Conceitualmente, as pessoas consideradas à margem foram identificadas como “homens lentos” por Milton Santos, “sujeitos corporificados”, por Ana Clara Torres Ribeiro, “praticantes ordinários das cidades”, por Michael De Certeau (JACQUES, 2012) e o “Outro urbano”, por Paola Jacques.

³¹ Conceito utilizado por De CERTEAU, 1994.

³² Cf. *O Spleen de Paris*, Baudelaire (2011).

[...] mergulhei em seus olhos tão belos e tão bizarramente doces, nos seus olhos verdes, habitados pelo Capricho e inspirados pela Lua, quando você me disse: "Não suporto essa gente com seus olhos arregalados como as portas das cocheiras! Será que você poderia pedir ao *maître* do café para afastá-los daqui?" (BAUDELAIRE, 2011, p. 135).

No Brasil, a obra *A alma encantadora das ruas*, escrita por João do Rio, também revela experiências de "homens ordinários" em um período de grandes transformações urbanísticas. Desta vez, na cidade do Rio de Janeiro do começo do século XX. Engraxates, trabalhadores de estiva, viciados em ópio, músicos ambulantes, mercadores de livros, prostitutas e velhos cocheiros são alguns dos personagens que podem ser encontrados nessa narrativa.

O movimento denominado Internacional Situacionista (1957-1970), da mesma forma, incorporou as práticas dos "homens ordinários" em suas reflexões. O grupo, que não pode ser enquadrado apenas no campo da arte, se tornou importante ao questionar as práticas do urbanismo funcionalista, a ausência do "caráter lúdico" nas cidades e a monotonia e alienação da vida cotidiana. Foi contra a ideia de fragmentação das funções no espaço do urbanismo e defendeu uma teoria do "urbanismo unitário". Debord, autor integrante da Internacional Situacionista, assim se expressa acerca do urbanismo unitário:

Sabe-se que o urbanismo unitário não tem fronteiras; pretende constituir uma unidade total do meio humano no qual as separações do tipo trabalho-lazer e coletivo-vida privada serão dissolvidas. Mas, antes, a ação mínima do urbanismo unitário é o terreno dos jogos estendido a todas as construções desejáveis. Esse terreno terá o grau de complexidade de uma cidade antiga (DEBORD, 2006).

Essa nova proposta de urbanismo exige uma nova forma de pensar as cidades, podendo ser atingida através de práticas como a deriva.³³ A deriva proposta pelos situacionistas não é uma atividade propriamente artística, mas, principalmente, uma técnica urbana para tentar desenvolver na prática a ideia de construção de situações. Como aponta Debord, no texto "Situacionista e o trânsito" e "Por uma internacional Situacionista":

Os urbanistas revolucionários não se preocuparão apenas com a circulação das coisas, nem apenas com homens paralisados num mundo de coisas. Tentarão romper essas cadeias topológicas por meio de uma experimentação de terrenos, para que os homens transitem pela vida autêntica (DEBORD, 2006).

³³A deriva é um tipo específico de errância urbana, uma apropriação do espaço urbano pelo vivenciador através da ação do andar sem rumo" (JACQUES, 2011, p.213).

"Entre os diversos procedimentos situacionistas, a deriva se apresenta como uma técnica ininterrupta através de diversos ambientes" (DEBORD, (1958), 2007, p.65)

Nossa idéia central é a construção de situações, ou seja, a construção concreta de flashes de vida, elevando-a a um nível superior de qualidade passional. Para conseguir isso, temos que direcionar uma intervenção ordenada sobre os fatores complexos de dois grandes componentes em perpétua interação: o marco material da vida; e os comportamentos que o entranham e que o desordenam. Nossa perspectiva de ação sobre esse marco tende, em última análise, à concepção de um urbanismo unitário (DEBORD, 2007, p.48-49).

Para Jacques (2011), as experiências propostas pelos situacionistas são do tipo tático e estão diretamente relacionadas com a experiência urbana "dos de baixo". Isto é, contrapõem a ideia de um sujeito que observa a realidade urbana "de cima".

No campo da arquitetura e do urbanismo a Internacional Situacionista influenciou outros modelos de abordagem do urbano como, por exemplo, a proposta do "urbanista errante" ³⁴: "[...] o urbanista errante não vê a cidade somente de cima, em uma representação do tipo mapa, mas a experimenta de dentro, sem necessariamente produzir uma representação qualquer desta experiência" (JACQUES, 2006, p.118). A proposta do "urbanista errante" critica os métodos dominantes da disciplina urbanística (diagnósticos, base de dados estatísticos e objetivos), assim como os resultados projetuais do urbanismo mercadológico, que se distanciam da experiência urbana, da própria vivência ou prática da cidade.

Na esfera da ciência propriamente, dita as práticas dos "homens ordinários" despontam em vários trabalhos como "objeto de análise". Exemplificamos essa aparição por meio de escritos de autores como, Michel de Agier, Carlos Nelson F. dos Santos, e Ana Clara Torres Ribeiro.

Michel de Agier, a partir de uma investigação urbana antropológica que desloca o olhar para os sujeitos, para os que "fazem cidade", através de situações de interação de indivíduos, adota uma abordagem situacional para compreender a cidade, observando o que está em processo. Ele afirma: "[...] a cidade já não é considerada "uma coisa" que eu possa ver nem "um objeto" que eu possa apreender como totalidade. Ela transforma-se num todo decomposto, um holograma perceptível, "apreensível" e vivido em situação. [...] eu apenas observo situações" (AGIER, 2011, p.38).

A situação, na perspectiva de Agier, é definida por interações sociais e não pelos limites espaciais. Ele compreende os espaços como plurissituacionais, dependendo do momento do dia.

³⁴ Jacques (2006).

O sentido que os atores dão a uma situação pode ser mais ou menos imposto ou negociado conforme esta se inscreva num espaço muito estruturado, fechado e regulado a priori (por exemplo, uma fábrica, uma escola, uma igreja) ou menos (por exemplo, a vizinhança, a praia a rua) (Ibid., p.75).

Na obra *Quando a rua vira casa*, fruto de uma pesquisa multidisciplinar³⁵ desenvolvida por arquitetos e antropólogos no Centro de Pesquisas Urbanas do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), encontramos a busca pela compreensão dos processos de desenvolvimento da cidade a partir da observação das práticas cotidianas dos "homens ordinários", e do debate acerca da legitimidade das teorias urbanísticas dominantes:

Através da abordagem de um microcosmo dentro do vasto universo metropolitano carioca, chegam a ser questionados grandes postulados da teoria urbanística tidos como "científicos". Tudo na escala conveniente, a do bairro, a da rua, a do quarteirão, a da casa, a da gente de verdade, praticando, a nível material e simbólico, as suas possibilidades efetivas de vida quotidiana. Atos de todos os dias, que, vistos com o devido distanciamento crítico e metodológico, põem em cheque idealizações utópicas sobre o espaço e as formações sociais que comporta. (SANTOS: VOGEL, 1981, p.7).

Para colocar em relevo essas questões, os autores realizaram um estudo de caso no bairro do Catumbi- RJ, que na época da observação estava em processo de renovação urbana: era um "[...] bairro que foi julgado como não servindo mais, como sendo obsoleto. Tudo o que existia dentro dele, incluindo ruas, casas, equipamentos urbanísticos, pessoas e suas atividades, deveria desaparecer para dar lugar a estrutura e modos de vida mais modernos" (SANTOS:VOGEL, 1981, p.8). A intenção do estudo foi registrar e analisar como os moradores se apropriam e percebem esses espaços. Eles também analisaram um conjunto habitacional, a fim de realizar comparações. Esse último, localizado na zona sul do Rio de Janeiro e construído para a classe média - antes de um plano de renovação urbana, o espaço era ocupado por favelas.

De acordo com Ana Clara Torres Ribeiro, estamos atravessando um período em que as análises das práticas concretas dos "homens ordinários" se tornaram fundamentais para o entendimento da realidade contemporânea.

[...] Talvez a saída seja aceitar, mas aceitar de verdade, que o fundamental é a agência humana, contra o agenciamento dominante. Estamos, sim, num momento em que a agência humana deve ser o objeto privilegiado da observação. E, assim

³⁵ O Chefe dessa pesquisa, Carlos Nelson F. dos Santos, é formado em Arquitetura e Urbanismo e pós-graduado em Antropologia. Ele sugere a ideia do "antropoteto", união entre antropologia e arquitetura, para observar em detalhes os acontecimentos urbanos. Cf. SANTOS, 1980.

indicado, vemos como o pensamento que se generaliza, inclusive no planejamento, segue essa direção (RIBEIRO, 2012, p.89).

No caso da presente pesquisa, como já foi apontado, procuramos centrar a análise em grupos "marginalizados" pela lógica dominante: ambulantes e camelôs que exercem o seu trabalho no Centro de João Pessoa. Compreendemos que esses sujeitos podem ser vozes importantes na orientação de projetos e diretrizes urbanísticas, por terem a rua como espaço de trabalho cotidiano.

Todas as noções, ideias e conceitos apresentados nesse primeiro capítulo certamente contribuem ao desenvolvimento da pesquisa empírica, tornando-a mais reflexiva. No entanto, pensamos a realidade dos camelôs e ambulantes a partir do cotidiano deles, e que esses momentos capturados e estudados, provavelmente, apontarão as limitações do estudo.

Capítulo 2

Procedimentos de pesquisa



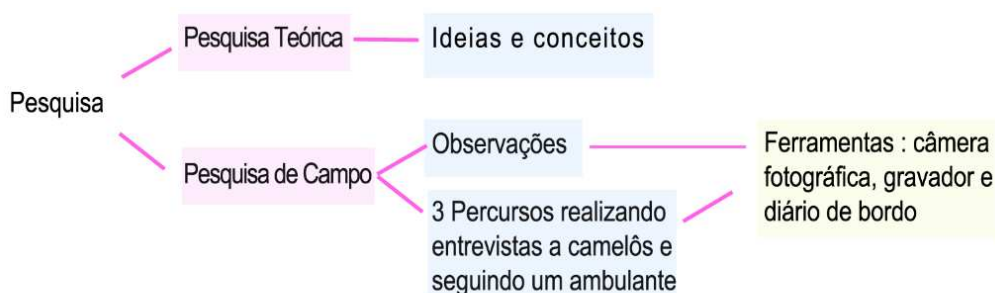
Desenho realizado após as primeiras entrevistas. Retirado do diário de bordo, 2013. Alessandra Soares.

"Que isto de método, sendo, como é, uma coisa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensório, mas um pouco à fresca e à solta, como quem não se lhe dá da vizinha fronteira, nem do inspetor de quarteirão. É como a eloquência, que há uma genuína e vibrante, de uma arte natural e feiticeira, e outra tesa, engomada e chocha". Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2012, pp. 31 e 32).

2.1. Processo de apreensão da cidade: articulações entre a teoria e a experiência

Para respondermos o problema proposto na pesquisa – Como os ambulantes/camelôs inseridos no bairro do Centro de João Pessoa experienciam a rua e compreendem o espaço em que atuam? – adotamos uma abordagem qualitativa que envolve um arcabouço teórico (por meio de uma discussão introdutória que conecta ideias e conceitos distintos de diversos autores) e uma pesquisa empírica (entrevistas semi-estruturadas e observações diretas).

Mediante o esquema gráfico abaixo, apresentamos opções metodológicas adotadas:



Esquema 01 – Etapas da pesquisa e ferramentas utilizadas. Fonte: Alessandra Soares, 2014.

A discussão introdutória foi realizada a partir de coleta bibliográfica, dados e informações sobre trabalhadores de rua. Para recolher algumas informações acessamos o portal digital da Prefeitura Municipal de João Pessoa, na sessão de notícias.³⁶ Nela encontramos matérias importantes envolvendo trabalhadores de rua. Durante a pesquisa de dados também nos deparamos com notícias do jornal “A União” (jornal estatal paraibano), uma dos anos de 1950 e outra de 1997, sobre a realidade de camelôs e ambulantes no Centro de João Pessoa, importantes para algumas discussões da pesquisa.

Verificamos, na prática, que o pesquisador vai a campo com uma ideia preconcebida da metodologia, mas, ao adentrar no espaço escolhido para a pesquisa e entrar em contato com os sujeitos pesquisados, tem a sua metodologia inicial parcialmente desarmada. Daí surge a necessidade de realizar rearranjos metodológicos, de modo a tornar mais sólida a forma de acesso a possíveis respostas ao problema que movimenta a pesquisa. A partir dessa reorganização, criamos um protocolo de observações, onde descrevemos o processo de análise adotado na pesquisa de campo. Para sistematizar a captura das informações nos apropriamos,

³⁶Endereço eletrônico do portal digital da Prefeitura Municipal de João Pessoa – PB <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/category/noticias/>.

moldando à nossa pesquisa, da ideia de corpo de dados, lançada por Carlos Nelson F. dos Santos, na tentativa de compreender a cidade.

A nossa versão do corpo de dados é composta por um conjunto de ferramentas de registro e modos de representação. Um diário de bordo, uma câmera fotográfica/ filmadora, um gravador e desenhos (esboços). Procuramos imprimir no diário de bordo os detalhes do espaço e as sensações do pesquisador durante o tempo de pesquisa. Quando necessário, inserimos algumas dessas anotações no corpo do trabalho.

Para compreender melhor as descrições dos espaços e sua ocupação por camelôs e ambulantes, utilizamos desenhos e fotografias como apoio. Procuramos explorar o potencial do desenho como forma de manifestação de impressões do pesquisador. Alguns desenhos foram realizados a partir de fotografias feitas durante o percurso; outros, a partir de impressões obtidas durante as observações e/ou entrevistas. Carlos Nelson F. dos Santos comenta, em um dos seus principais trabalhos, acerca dessa técnica de pesquisa da seguinte maneira:

O desenho realça aspectos diluídos nas fotografias que confundem o pesquisador com sua “ilusão realista” imediata. Encontros, “pontos”, centros de convívio, locais de jogos e de brincadeiras, situações que conformavam a vida de relações no bairro foram submetidos a observações e registros iconográficos detalhados. Os desenhos obtidos sobre as fotos ou sobre o mesmo tema permitem uma leitura sintética de um conjunto de eventos significativos. [...] A técnica de combinação entre fotografia-desenho, usada de forma experimental, valeu muito para apreendêssomos as dimensões internas da vida social no Catumbi (SANTOS: VOGEL, 1981, p.15).

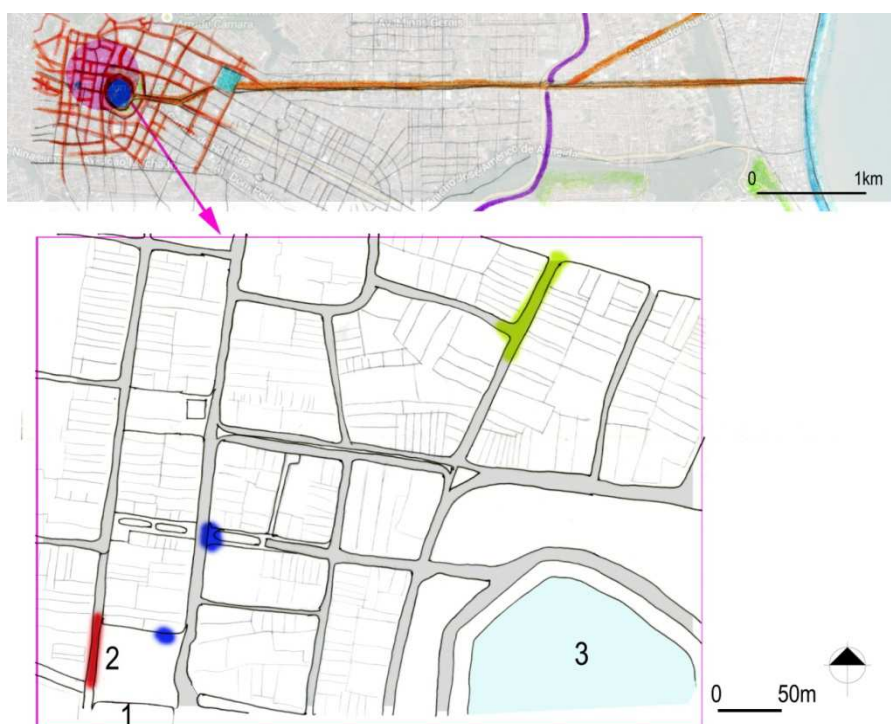
- **Protocolo de observações:**

A pesquisa de campo foi realizada durante cinco meses, de outubro de 2013 a fevereiro de 2014. Optamos por esse intervalo de tempo, relativamente longo, a fim de investigarmos as práticas e perspectivas dos ambulantes/camelôs - que trabalham no Centro de João Pessoa - em diferentes períodos.

Ela foi dividida em duas etapas distintas. (1) Inicialmente realizamos observações a partir de trajetos percorridos a pé. Esses trajetos, percorridos pelo pesquisador, foram feitos em uma área que designamos como “ponto de partida”, e que está compreendida, aproximadamente, entre o anel externo do Parque Solon de Lucena e a Praça Vidal de Negreiros. Procuramos observar os locais de maior permanência de camelôs/ambulantes e

registrá-los através do diário de bordo, de mapas e desenhos. No mapa 01, as ruas percorridas aparecem na cor vermelha.

Após realizar aproximadamente três vezes os trajetos de observação, em diferentes dias da semana, identificamos alguns locais com maior concentração de camelôs e ambulantes. Levando em consideração essa concentração de trabalhadores de rua, escolhemos dois pontos fixos para observação: os bancos da Praça Vidal de Negreiros e o último andar do edifício Paraíba Palace. Esses locais proporcionam visualizar, tanto de longe quanto de perto, alguns aspectos do posicionamento dos camelôs na Praça.³⁷



(1) Paraíba Palace; (2) Praça Vidal de Negreiros; (3) Parque Solon de Lucena;

Amarelo: Percurso 01; Azul: Percurso 02; Vermelho: Percurso 03.

Mapa 01 – Área designada como ponto de partida. Identificação dos locais onde ocorreram os três percursos realizados na pesquisa de campo.

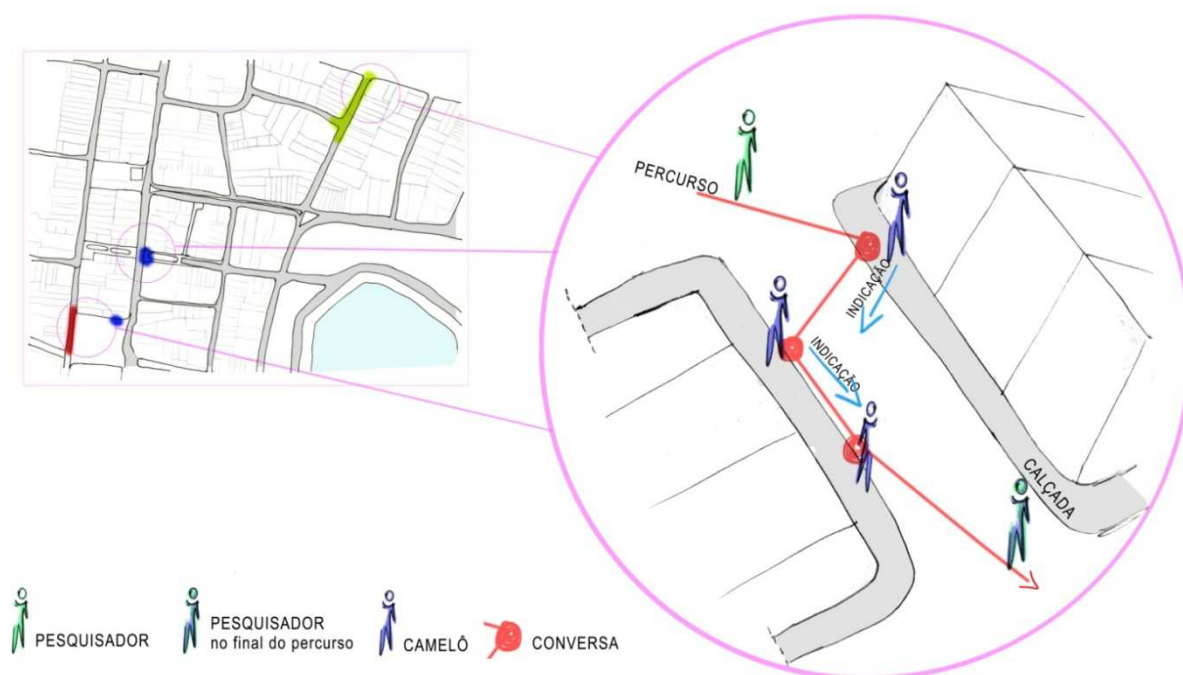
Nessa etapa da pesquisa, a escolha do tempo necessário das visitas a campo, assim como da quantidade, horários e duração das mesmas, se fundamentou na tentativa de captar as mais diversas possibilidades de apropriação e produção do espaço pelos ambulantes/camelôs.

³⁷ Desde o começo das observações, frequentamos a Praça Vidal de Negreiros, por ser um espaço de intenso movimento e local de trabalho de muitos ambulantes/camelôs. Nela existe uma área que chamou a atenção pela diversidade de configurações ao longo do dia.

Procuramos realizar as visitas de campo - que em média duravam de três a quatro horas - em horários diferentes e em dias diferentes da semana.

(2) Na segunda etapa da pesquisa empírica nos aproximamos dos sujeitos pesquisados através de entrevistas. Deixamos as observações distantes, realizadas na primeira etapa, para entrar em contato direto com os camelôs, na tentativa de apreender, a partir das suas falas, a forma como experienciam o Centro. Decidimos não preestabelecer um número total de camelôs e ambulantes a serem entrevistados, muito menos se deveria haver a mesma quantidade de um e de outro. Partimos de três camelôs ou ambulantes (que fomos encontrando ao longo da pesquisa) para construirmos três percursos distintos. Em cada percurso realizamos diversas entrevistas (ver esquema 02).

Procuramos realizar esses três percursos seguindo a ideia de não ser o pesquisador o único a conduzir a sequência das entrevistas, mas de deslocar uma parcela dessa ação para os próprios entrevistados. Assim, cada percurso foi iniciado com um trabalhador de rua que deu origem à trajetória do mesmo. Para que os três percursos fossem construídos a partir das entrevistas, pedimos para cada ambulante/camelô entrevistado escolher outro com quem poderíamos continuar a conversa. Passamos para o sujeito pesquisado o caminho a ser seguido pelo pesquisador no percurso. O esquema a seguir ajuda na compreensão dessa opção da pesquisa de campo:



Esquema 02 – Esquema da realização de um percurso. Fonte: Alessandra Soares, 2014.

O primeiro percurso foi realizado na Rua Santo Elias (representado pela cor amarela no mapa 01 e no esquema acima), o segundo, nas proximidades da Rua Duque de Caxias (representado pela cor vermelha no mapa 01 e no esquema acima) e do Ponto de Cem Réis, e o terceiro, na junção da Rua Visconde de Pelotas com a Avenida Miguel Couto (representado pela cor azul no mapa 01 e no esquema acima).

Em sua maioria, as entrevistas de cada percurso foram realizadas no período da tarde - entre 14h e 18h, durante dias de semana, por ser o momento de maior concentração de trabalhadores de rua. Entre cada percurso houve um intervalo de tempo no qual percorremos espaços do Centro apenas com o intuito de realizar observações. Ao todo, dialogamos com quinze camelôs e um ambulante.³⁸ E ao longo das conversas realizamos as seguintes perguntas: Como é trabalhar na rua? Há quanto tempo trabalha aqui? Onde você mora? Como seria esse espaço ideal para você?

Além de câmera fotográfica/filmadora e do diário de bordo, utilizamos um gravador nessa etapa da pesquisa, a fim de imprimirmos as falas das entrevistas. A partir desse conjunto de informações, lapidamos os dados na tentativa de identificar temas, categorias e problemáticas referentes aos trabalhadores de rua. Transcrevemos as gravações³⁹ no apêndice A e destacamos no texto as falas necessárias para as discussões. Assim, as percepções dos entrevistados acerca da experiência do trabalho de rua no Centro de João Pessoa e outras questões surgem na pesquisa a partir dos seus próprios relatos.

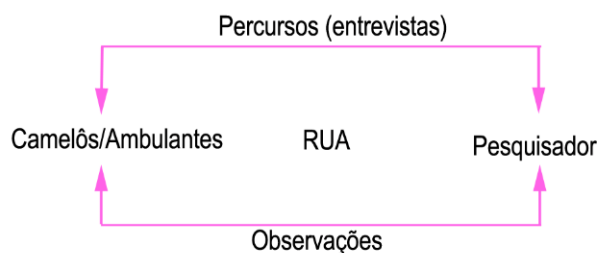
Buscamos um registro simbiótico entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa. Compreendemos que tal registro simbiótico leva a uma espécie de:

[...] novo arranjo que não é mais o arranjo do nativo (mas parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Esse novo arranjo carrega as marcas de ambos [...] é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem como referente o “concreto vivido”. (MAGNANI, 2002, p.17).

No esquema a seguir, buscamos interpretar essa relação do sujeito pesquisado e do pesquisador:

³⁸ Para manter sigilo decidimos modificar os nomes de todos os entrevistados.

³⁹ As entrevistas que não estão na primeira pessoa do singular revelam o fato de não terem sido gravadas.



Esquema 03 – Relação entre o pesquisador e o sujeito pesquisado. Elaborado por Alessandra Soares, 2014.

Procurando extrapolar as descrições do universo pesquisado e chegar a uma dimensão mais reflexiva no trabalho nos aproximamos de certos procedimentos metodológicos da etnografia adotados por José Guilherme C. Magnani (2002). Chamamos a atenção, por exemplo, para o fato de nos apoiarmos em algumas categorias nativas⁴⁰ para a construção de um arcabouço conceitual que enriquece a possibilidade de identificar as regularidades e os padrões da realidade dos sujeitos pesquisados - partindo deles em seus múltiplos contextos e usos do espaço.

Tendo em vista a obtenção de uma compreensão das vivências dos camelôs no Centro, realizamos uma conexão de pensamentos com outros dois autores. Em termos teórico-metodológicos, o presente trabalho se aproxima de certas ideias formuladas por Ana Clara Torres Ribeiro. Entendemos que a sua ocorrência consiste no fato de valorizar a análise da escala da ação possível para aqueles que estão na rua, levando em consideração que a "[...] conjuntura, refletida nessa escala, absorve e refaz, nas práticas sociais, macro tendências da economia e da política" (RIBEIRO, 2012, p.65). Também optamos por nos aproximar do pensamento de Michel de Agier, quando decide modificar a questão "O que é cidade"? para "O que a cidade faz?", isto é, ao deslocar o ponto de vista das cidades para os cidadãos e a problemática do objeto para a do sujeito: "O próprio ser da cidade surge, então, não como um dado, mas como um *processus*, humano e vivo, cuja complexidade é a própria matéria da observação, das interpretações e das práticas de "fazer cidade"" (AGIER, 2011, p. 38 e 39).

Com essas ideias e escolhas de procedimentos, revistas e revisadas ao longo da pesquisa, estruturamos a nossa metodologia. A seguir resumimos, em uma tabela, o protocolo de observações:

⁴⁰ O termo "nativo" vem dos estudos de sociedades designadas como primitivas. Ele foi incorporado, com modificações de seu conteúdo, em pesquisas que se desenvolvem em universos urbanos.

Protocolo de Observações		
	Observações	Entrevistas
Período	Outubro: 6 dias, variando entre manhã e tarde, entre segunda-feira a sábado. Dezembro: 10 dias, variando entre manhã e tarde, entre segunda-feira a sábado. Fevereiro: 6 a 10 dias, todos à tarde, entre segunda-feira e sexta-feira.	Novembro: 5 dias, todos à tarde, de segunda-feira a sexta-feira. Realização do primeiro percurso. Março: 5 dias, todos à tarde, de segunda-feira a sexta-feira. Realização do segundo e do terceiro percurso.
Localização	Proximidades do Anel externo do Parque Solón de Lucena e da Praça Vidal de Negreiros. 2 pontos fixos para observação: os bancos da Praça Vidal de Negreiros e o último andar do edifício Paraíba Palace.	O primeiro percurso foi realizado na Rua Santo Elias; O segundo, nas proximidades da Rua Duque de Caxias e do Ponto de Cem Réis; O terceiro, na conjunção da Rua Visconde de Pelotas com a Avenida Miguel Couto.
Equipe envolvida	Apenas a pesquisadora.	A pesquisadora e um assistente.
Parâmetros de leitura das anotações e apontamentos gráficos.	Leitura qualitativa do espaço, procurando identificar locais com maior concentração de camelôs e ambulantes, assim como aspectos do cotidiano a partir da apropriação destas áreas. Realização de mapas e desenhos.	Leitura voltada para a interpretação das práticas de “fazer cidade”. Busca por meios de responder o problema que movimenta o trabalho. Realização de mapas e desenhos dos locais entrevistados.
Corpo de dados		
Material utilizado	Câmera, diário de bordo, papel e caneta.	Câmera, diário de bordo, papel, caneta e gravador.

Tabela 01 – Resumo dos procedimentos da pesquisa de campo. Elaborado por Alessandra Soares, 2014.

2.2. Trabalhador de rua: o camelô e o ambulante

Aqui, apresentaremos uma caracterização geral dos sujeitos pesquisados e o lugar de onde falam, destacando as situações nas quais os entrevistamos e observamos suas atividades

cotidianas de trabalho. Importa realizar, inicialmente, uma breve caracterização dos sujeitos pesquisados (o ambulante e o camelô) e as situações em que atuam – principalmente no que se refere à cidade de João Pessoa.

O ambulante e o camelô pertencem ao setor informal da sociedade - que representa 52,6% ⁴¹ do mercado de trabalho nacional. O comércio ambulante é uma parte importante da economia urbana informal, na medida em que distribui “[...] bens e serviços acessíveis, oferecendo aos consumidores opções de varejo convenientes e baratas”. ⁴²

Sabemos que nossa atividade é importante para a economia, especialmente para proporcionar o acesso aos diversos bens e produtos produzidos na sociedade como, por exemplo, chapéus, roupas, sapatos, eletrônicos, utensílios domésticos, material de informática, bijuterias, alimentação, bebidas, doces, salgados, acessórios masculinos e femininos, bilhetes de ônibus, entre outros milhares de produtos consumidos diariamente pela população brasileira de todas as faixas econômicas, raça, credo e origem. Quem nunca comprou algum produto com um ambulante que atire a primeira pedra!! (Carta aberta à sociedade: dia Internacional do Ambulante, 2013).⁴³

A partir de uma visão dominante da produção do espaço, o comércio informal tende a ser encarado como um problema a ser "eliminado", "controlado" e/ou "encoberto", através das justificativas principais de comercializar produtos ilegais e atrapalhar a circulação nas ruas - causar desordem. Enquanto a primeira opção remete, geralmente, à tentativa de expulsar ambulantes e camelôs das ruas, as outras comumente reportam à busca por inseri-los em lugares fechados e planejados. Sem dúvidas, todas essas opções envolvem conflitos entre o poder público e os camelôs/ambulantes.

No Brasil, a tentativa de retirada dos ambulantes das ruas se intensificou, entre outras razões, com o crescimento econômico, assim como pela inserção do país na lógica dos megaeventos, que acarretou a necessidade de adaptação a padrões globais de cidade. Nos

⁴¹ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - <<http://www.unainet.com/brasil-um-dos-lideres-do-mercado-informal-de-trabalho>>. Na obra *Ambulantes e Direito à Cidade - Trajetórias de vida, organização e políticas públicas* (2013), produzida pelo Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, encontramos as seguintes informações: "O trabalho informal é responsável por parcela significativa da economia brasileira e emprega quase a metade da população ativa. Conforme o estudo Sínteses de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira em 2012, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), entre 2001 e 2011, a porcentagem de brasileiros com contrato de trabalho passou de 45,3% para 56%. Mesmo assim, quarenta e quatro milhões e duzentos mil trabalhadores estão na informalidade".

⁴² Trecho de um texto presente no site *Cidades Inclusivas*, disponível em: <<http://www.inclusivecities.org/pt/organizando/vendedoresambulantes/#sthash8T2uf1dV.dpuf>>.

⁴³ Carta aberta à sociedade: dia Internacional do Ambulante, assinada pela Comissão Nacional de Vendedores (as) Ambulantes. Disponível em: <<http://www.carosamigos.com.br/index.php/direto-dos-movimentos/3718-carta-aberta-dos-trabalhadores-ambulantes>>, acessado em dezembro de 2013.

últimos anos surgiram inúmeras regras para levar a cabo o “ordenamento” das ruas. De qualquer modo,

[...] a informalidade é mantida mesmo em ciclos de crescimento econômico e de “inclusão” de trabalhadores pelo consumo. No entanto, dados relacionados ao crescimento econômico nas últimas décadas, sustentados no aumento do PIB [Produto Interno Bruto] e do número de empregos com carteira assinada, são utilizados com a intenção de legitimar ações que expulsam ou criminalizam trabalhadores informais urbanos (ALCÂNTARA, 2013, p. 42-43).

Em João Pessoa, a busca por retirar camelôs do Centro não é recente, através de duas notícias no jornal percebemos que aparece em momentos anteriores. Em uma edição do Jornal, *A União*, de 1950, uma notícia aborda o crescimento de barracas nas ruas do Centro da cidade. No mesmo jornal, em uma matéria publicada em 1997, a questão é discutida a partir do surgimento de um possível projeto - ou solução - para a retirada dos camelôs do Centro. Nessa última, o principal problema alegado é o da ocupação de espaço nas calçadas, impedindo a circulação dos pedestres.

A notícia citada acima (de 1997) apresenta duas fotografias de alguns espaços do Centro (fig. 02). É possível perceber a presença de inúmeras barracas e uma ocupação diferente da atual:



Figura 01 e 02 – (a) Rua Miguel Couto, barracas na calçada em frente à atual Prefeitura Municipal de João Pessoa. Legenda da fotografia no jornal: “As barracas armadas na calçada dificultam a passagem de pedestre”. (b) Calçada da Av. Duque de Caxias. Legenda da fotografia no jornal: “As barracas instaladas pelos camelôs tomam conta das ruas e fazem concorrência com os estabelecimentos comerciais de maior porte”. Fonte: Jornal A União, 1997.

Nas últimas décadas, principalmente entre os anos de 2005 a 2012⁴⁴, muitas das "soluções" propostas pelo poder público para o "ordenamento" do espaço urbano, principalmente do Centro da cidade, atingiram diretamente camelôs e ambulantes. Nesse período, ocorreram inúmeros conflitos – inclusive físicos - entre agentes do poder público e trabalhadores informais, assim como foram criados alguns "shoppings populares⁴⁵" no Centro, como podemos ver no mapa a seguir (mapa 02). Aqui, importa salientar que não há cadastro nem dados oficiais acerca da quantidade de ambulantes e camelôs que trabalham na cidade.



Mapa 02 - Localização dos shoppings populares de João Pessoa: 1 - Centro de Comércio e Serviços Varadouro de Passagem (2010); 2 - Shopping 4&400 (2003); 3 - Shopping Terceirão (1999); 4 - Centro Popular de Serviços (2008); 5 - Shopping Paraíba Palace (2013); 6 - Centro Comercial de Passagem (2006). Fonte: Dados e Mapa da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP, 2013). Edição do mapa Alessandra Soares, 2013.

Atualmente parece existir uma maior elasticidade quanto à possibilidade de diálogo do poder público - nível municipal - com os ambulantes e camelôs que exercem suas atividades de trabalho no bairro do Centro. Contudo, operações de "limpeza urbana" continuam sendo registradas na região. A mais recente, intitulada *Operação Calçada Livre*⁴⁶, objetivou "desobstruir" vias do Centro retirando ambulantes que trabalham nas calçadas. Na página oficial da Prefeitura Municipal de João Pessoa, encontramos, em uma matéria publicada em abril de 2013, contexto do início da *Operação Calçada Livre*, a seguinte colocação do atual Secretário de Desenvolvimento Urbano: "A ação realizada na última segunda-feira (15) foi o primeiro passo

⁴⁴ Período da gestão municipal do PSB (Partido Socialista Brasileiro), que teve como prefeito Ricardo Coutinho – substituído pelo seu vice, Luciano Agra, no ano de 2010.

⁴⁵ Os "Shoppings Populares" são espaços institucionais criados para "formalizar" e retirar das ruas o comércio informal.

⁴⁶ A operação foi realizada no primeiro semestre de 2013 - executada pela Prefeitura Municipal de João Pessoa a partir de uma determinação do Ministério Público - em toda a cidade, mas com foco principalmente na Orla e no Centro. Essas informações foram retiradas da página (*web*) oficial da Prefeitura Municipal de João Pessoa.

para garantir o direito de todos de transitar com segurança pelas calçadas da Capital [...]”⁴⁷. O discurso de justificativa da retirada dos ambulantes segue a concepção da rua como espaço de circulação e da presença negativa dos que trabalham na rua.

2.3. Apresentando os três percursos realizados

2.3.1 Primeiros contatos - relatos do diário de bordo

Nesse tópico, apresentamos alguns fragmentos reflexivos - retirados do diário de bordo - acerca das primeiras inserções em campo.

Durante cinco meses fiz várias visitas ao bairro do Centro para realizar observações acerca do cotidiano de ambulantes e camelôs. Inicialmente, busquei manter uma regularidade: ir duas ou três vezes por semana, em dias e horários diferentes. Nesse contexto inicial enfrentei uma série de dificuldades, sendo talvez a principal um **bloqueio no diálogo com os ambulantes e camelôs**. Apresentando-me enquanto pesquisadora interessada em conhecer a forma como trabalhadores informais vivenciam as ruas do Centro, **recebi diversas recusas** em contribuir com o trabalho. Essas recusas iniciais me fizeram adotar uma postura de análise mais “externa”: realizei filmagens a partir de um ponto alto (o Paraíba Palace – na Praça Vidal de Negreiros) e busquei captar elementos da realidade do grupo pesquisado me **aproximando de indivíduos** que o compõe, sem estabelecer um contato direto. A partir dessa primeira observação iniciei as anotações descritivas no diário de bordo, no que se refere à lógica de ocupação de alguns espaços do Centro pelos ambulantes e camelôs.

Mesmo tendo alcançado certo avanço quanto à obtenção de informações necessárias à **busca por respostas ao problema da pesquisa**, a primeira postura de observação adotada rapidamente mostrou-se limitada. **A necessidade de imersão e de diálogos diretos** no/com o grupo pesquisado se intensificou com a tomada de consciência da **complexidade do universo dos camelôs e ambulantes**. Como a barreira que limitava um contato mais aprofundado tocava na questão da confiança, percebi que precisava ser encarada pelos ambulantes e camelôs enquanto “agente confiável”. Assim, um dos caminhos que se abriu para solucionar tal problema foi o estabelecimento de contato com a presidente da Associação de Ambulantes e Trabalhadores em Geral da Paraíba (AMEG-PB).

Bastou-me apenas uma ida à associação, e a participação em uma longa reunião entre a presidente da associação dos ambulantes e alguns ambulantes que lá se

⁴⁷ Após operação ‘Calçada Livre’, Sedurb dialoga com associação de ambulantes. Disponível em: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/apos-operacao-calcada-livre-sedurb-dialoga-com-associacao-de-ambulantes/>.

encontravam, para abrir a possibilidade de ter contatos diretos com alguns trabalhadores do grupo estudado, sem ser encarada com extrema desconfiança e suspeita.

Antes de iniciar a discussão acerca desse segundo momento da pesquisa, interessa-me destacar certos aspectos da conversa citada anteriormente. Durante cinco horas, foram debatidas questões relevantes que remetem à **prática do trabalho dos ambulantes e camelôs**. Em vários momentos a presidente da associação dirigiu-se a mim procurando descrever importantes aspectos da situação deles como, por exemplo, o **embate cotidiano com o poder institucional**, o andamento de levantamentos de dados sobre os ambulantes e camelôs, a facilidade de adaptação que eles têm através de soluções criativas, o problema da perseguição e marginalização que sofrem.

Em um desses momentos, intrigou-me a busca da Associação em **tentar identificar quem é o ambulante**, se é uma pessoa que tem o trabalho de rua como única opção de renda, se tem mais de um tipo de trabalho, ou se, por exemplo, como eles intitulam, são empresários que privatizam o espaço ao contratar pessoas para vender os seus produtos nas ruas.

A partir de algumas falas pude compreender que a Associação classifica os ambulantes em dois grupos: **os ambulantes do cotidiano**, isto é, aqueles que trabalham na rua cotidianamente, geralmente em horário comercial; e **os ambulantes de eventos**, aqueles que trabalham em shows e festividades, a exemplo do Ano novo e do carnaval - geralmente não trabalham todos os dias como os do cotidiano.

De acordo com essa classificação, o recorte da presente pesquisa está voltado ao grupo dos ambulantes do cotidiano, um grupo heterogêneo que através do parâmetro do deslocamento no espaço se diferencia internamente. Existem os trabalhadores móveis - muitas vezes intitulados como ambulantes - que circulam pelas ruas com diferentes produtos (comidas, utensílios domésticos, acessórios etc.) e que geralmente tem o corpo como suporte das mercadorias. Existem também os trabalhadores fixos, que usualmente se autodenominam como camelôs. São os que optam por trabalhar em um lugar determinado da rua. E também existem os trabalhadores fixos/móveis, isto é, "intermediários" entre os dois tipos citados anteriormente. Esses trabalhadores têm o poder de locomoção através de carrinhos, mas muitas vezes selecionam espaços específicos para se estabelecerem, de acordo com o horário e as rotinas dos lugares.



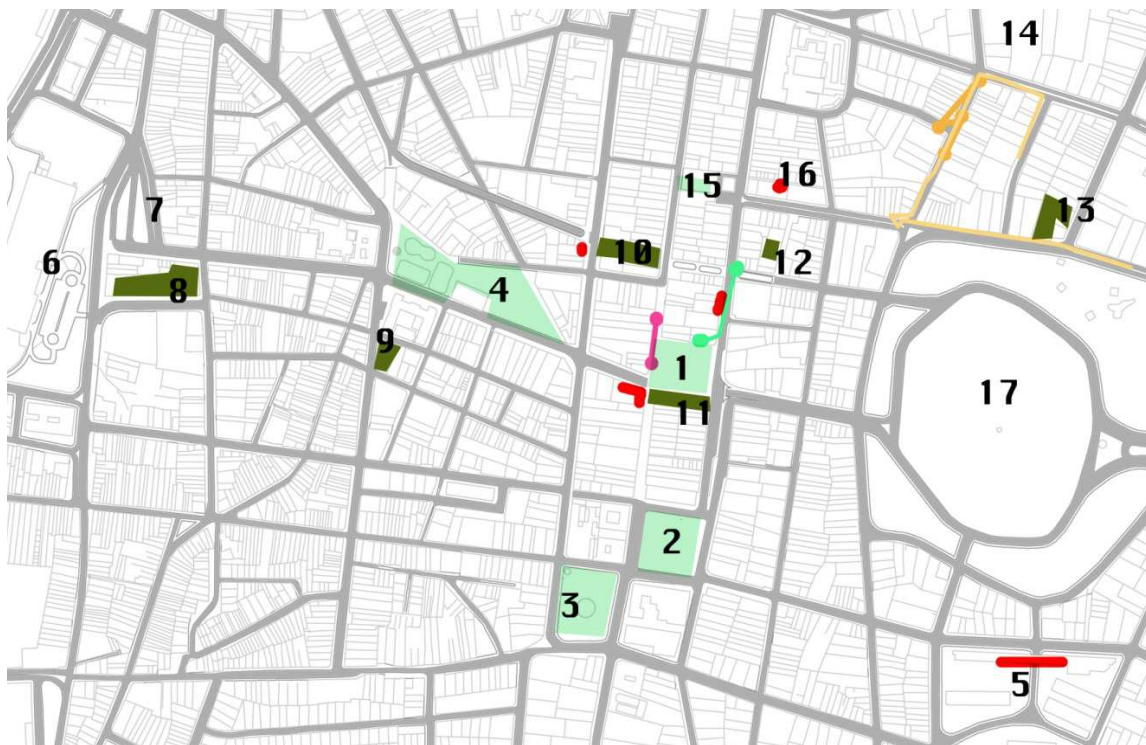
Figura 03 – Ações de camelôs/ambulantes no Centro de João Pessoa-PB. Fonte: Alessandra Soares, 2013.

A imersão aconteceu através de três percursos realizados em diferentes lugares do Centro de João Pessoa, fato que permitiu o acesso a diversos depoimentos e um recorte mais detalhado da realidade dos camelôs e ambulantes.



Figura 04 – Exemplos de trabalhadores de rua no Centro de João Pessoa. Fonte: Alessandra Soares, 2014.

Apresentamos, abaixo, o mapa de localização dos percursos e lugares citados nas entrevistas:



Legenda: 1 – Praça Vidal de Negreiros; 2 – Praças João Pessoa; 3 – Praças Venâncio Neiva; 4 – Praça Pedro Américo; 5 – Mercado Central; 6 – Rodoviária; 7– Terminal de Integração; 8 – Centro de Comércio e Serviços Varadouro de Passagem (2010); 9- Shopping 4&400 (2003); 10 – Shopping Terceirão (1999); 11- Shopping Paraíba Palace (2013); 12 – Centro Popular de Serviços (2008); 13 – Centro Comercial de Passagem (2006); 14 – Shopping Tambiá; 15 – Praça Rio Branco; 16 – Galpão; 17 – Parque Solon de Lucena.

Vermelho: locais que guardam mercadoria. Amarelo: Percurso 01. Verde: Percurso 02. Rosa: Percurso 03.

Mapa 03 – Mapa de localização e pontos citados ao longo das entrevistas. Fonte: Google Maps, editado por Alessandra Soares, 2014.

2.3.2. Percurso 01 Rua Santo Elias

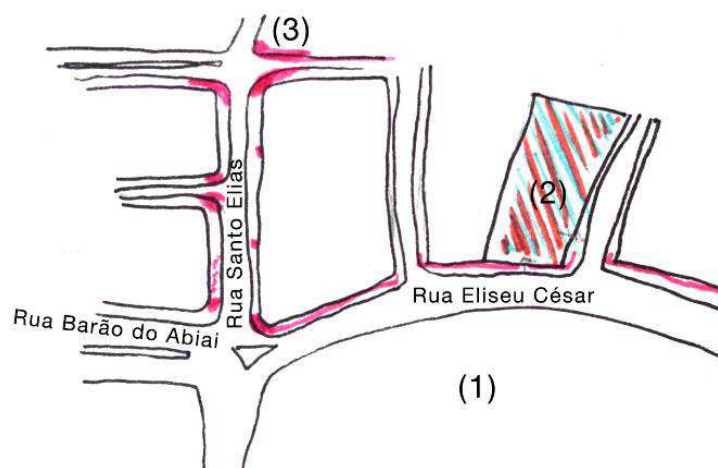
O primeiro percurso se deu na Rua Santo Elias, uma rua localizada próxima ao Shopping Tambiá (ver mapa 04), um importante centro comercial da cidade. A rua dá acesso ao anel externo do Parque Solon de Lucena, e tem aproximadamente 300 metros e todos os seus lotes são edificadas - a maior parte sem recuo frontal ou lateral. O uso comercial prevalece nas edificações, acarretando a existência de muitas portas de entrada e saída. Também possui alguns imóveis abandonados, estacionamento nas laterais da pista de rolamento, calçadas estreitas e um grande fluxo de pessoas durante o dia.

A seguir, apresentamos um panorama da Rua Santo Elias - e proximidades - elaborado a partir de percepções descritas no diário de bordo:

Começo descendo a Rua Santo Elias. Sigo o fluxo. Os ambulantes surgem no meu campo de visão. 10h30 da manhã - o sol marca presença constante. Percebo uma pequena escada repleta de bolsas, paredes repletas de DVDs e óculos, carros que se convertem em lojas, mercadorias em suportes tão adaptados ao corpo (ou o corpo ao suporte). Fica difícil saber o que é corpo e produto. E quanto mais caminho, me aproximando da Lagoa [Parque Sólon de Lucena], cresce a diversidade de ambulantes e camelôs. Aqui [na esquina da Rua Santo Elias com a Rua Eliseu Cezar], os produtos “made in China” dominam: antenas de TV, capas de celular, meias, óculos, brinquedos, produtos de cozinha, bolsas, DVDs. Alguns dos vendedores se posicionam entre a parede da loja e as pessoas que circulam. Outros ficam no pequeno espaço que sobra entre a passagem dos carros e o começo da calçada – a sarjeta –, se posicionando de costas para os carros e de frente para a calçada. Algumas lojas também colocam mercadorias na calçada. Difícil distinguir as mercadorias das lojas e as dos ambulantes.

Entro no Centro Comercial de Passagem [shopping popular CCP] e a atmosfera é outra. Tudo tranquilo. Os vendedores vendo TV, muita roupa à venda e uma praça de alimentação. Fui abordada durante todo o tempo que permaneci dentro. Perguntaram se queria comprar algo. Um espaço com pouco movimento de pessoas.

Percorremos quatro pontos diferentes da Rua Santo Elias. Conversamos com sete camelôs e acompanhamos um ambulante que circula cotidianamente nesse espaço. Os quatro pontos, onde aconteceram os diálogos, estão localizados entre o início e a metade da rua - no sentido Shopping Tambiá/ Parque Solon de Lucena. No mapa a seguir podemos localizar a Rua Santo Elias e os locais com maior concentração de camelôs ao longo da rua:



- (1) Parque Solon de Lucena – Lagoa;
- (2) Shopping Popular - Centro Comercial de Passagem (CCP);
- (3) Shopping Tambiá;
- (.) A cor rosa indica os locais onde percebi maior presença de camelôs e ambulantes.

Mapa 04 – Localização do Percurso 01. Fonte: Alessandra Soares, 2013.

Esta foi a sequência de entrevistas do Percurso 01, elaborada a partir de indicações dos próprios camelôs: Júnior (vendedor de relógios) e Marcos (vendedor de óculos) → “Lôra”

(vendedor de sandálias), não quis falar → Jorge (vendedor de DVDs) → A. e a mãe (vendem açai, capa de celular, DVDs e óculos) → Marcos, com o qual já havia conversado → Davi (vendedor de óculos) → Finalização do percurso acompanhando Luciano (vendedor de brigadeiros).

- **Júnior e Marcos**

Conhecemos Júnior na reunião da Associação dos Ambulantes citada acima. Antes de terminar a reunião combinamos de entrevistá-lo durante a semana. A conversa aconteceu enquanto eles vendiam suas respectivas mercadorias, encostados ao muro e limitados pelo fluxo de pessoas, hora intenso, hora leve, com inúmeras vozes e histórias circulando ao mesmo tempo.

Júnior vende relógios durante o dia, geralmente entre 11h e 16h. Após esse horário, troca a mercadoria, que fica guardada no carro, e se converte em vendedor de DVDs. Volta para casa entre 19h e 20h. Trabalha na Rua Santo Elias há cinco anos e mora próximo ao Cemitério da Boa Sentença, no Bairro do Varadouro. Os relógios de Júnior são expostos em uma estrutura que ele próprio criou (fig. 05). Justifica o formato da estrutura a partir de três quesitos: facilidade no ato da venda, ocupação de pouco espaço na calçada e facilidade de deslocamento. Alguns meses depois da entrevista percebemos que outros vendedores de rua utilizavam estruturas semelhantes para vender as mais variadas mercadorias

Marcos vende óculos de sol e de grau (aceita cartão de crédito). Trabalha geralmente das 7h30 às 18h. Vende óculos na Rua Santo Elias há mais de oito anos e mora próximo ao local. Travamos contato com ele durante a conversa com Júnior.

Júnior e Marcos vendem suas mercadorias na esquina da Rua Santo Elias com a Rua Dom Pedro I, próximo ao Shopping Tambiá. Também se concentram, no lugar onde trabalham, um vendedor de água de coco, outro vendedor de relógio e um vendedor de filhotes de cachorros.

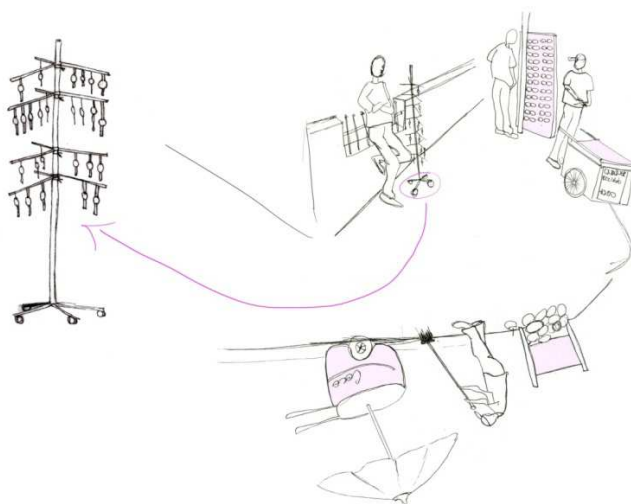


Figura 05 – Representação do espaço da conversa, e detalhe para o expositor de Júnior, com destaque para o expositor de Júnior. Fonte: Alessandra Soares, 2013.

- **Lôra e Jorge**

Explicamos a Lôra em que consiste a pesquisa e perguntamos se poderíamos conversar, pois Júnior o havia indicado. Em tom descontraído, Lôra salientou que a pessoa mais indicada para o que estávamos procurando era Jorge, “o seu representante intelectual”. Jorge estava sentado em um local próximo.

Percebemos que nos encontrávamos em um espaço de convivência, de trocas, semelhante ao da conversa anterior. Algumas pessoas apareceram para beber água, outras para conversar com Lôra e algumas para comprar sandálias. Capturamos uma imagem do lugar em um horário em que os camelôs ainda não haviam começado as suas atividades (fig. 06).

Lôra vende sandálias de plástico na esquina da Rua Santo Elias com a Rua Professor José Coelho. Estaciona o seu carro em tal esquina e dele faz uma espécie de loja, com locais para armazenamento (mala e parte interna) e locais para expor as mercadorias (parte exterior do carro e calçada). Possui dois bancos pequenos e dois reservatórios de água, compartilhados com outros camelôs.

Jorge trabalha vendendo DVDs piratas na Rua Santo Elias, aproximadamente entre 16h e 18h. Antes de montar o expositor e iniciar suas vendas, ajuda Lôra na venda das sandálias. Mora em um quarto alugado em um edifício localizado no final da mesma rua. Estuda Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e trabalha como camelô há dois anos e meio.



Figura 06 - Espaço onde conversei com Jorge e Lôra, antes de começar a expor as mercadorias. Fonte: Alessandra Soares, 2014.



Figura 07 – Espaço de conversa com Jorge e Lôra, durante um período de vendas. Fonte: Alessandra Soares, 2013.

- **A. e a mãe**

A. é menor de idade e há sete anos estuda pela manhã e trabalha à tarde, ajudando sua mãe a vender na rua. Vende DVDs e capas para celular. Se estabelece no meio-fio e expõe as mercadorias na calçada, escorada em um poste. Ao seu lado, a aproximadamente 1.50 m. de distância, situa-se a mãe, escorada na parede de uma loja, vendendo óculos e DVDs. Também possuem um carrinho de açaí, localizado entre as duas. A descrição é representada pela figura 08.

Nas proximidades – também no meio-fio - existem outros ambulantes: um vendedor de tapiocas e um vendedor de sandálias que tem como suporte das suas mercadorias uma

camionete. Assim como nos outros dois espaços onde as entrevistas se desenrolaram, sentimos que nos encontrávamos em um espaço de convivência.

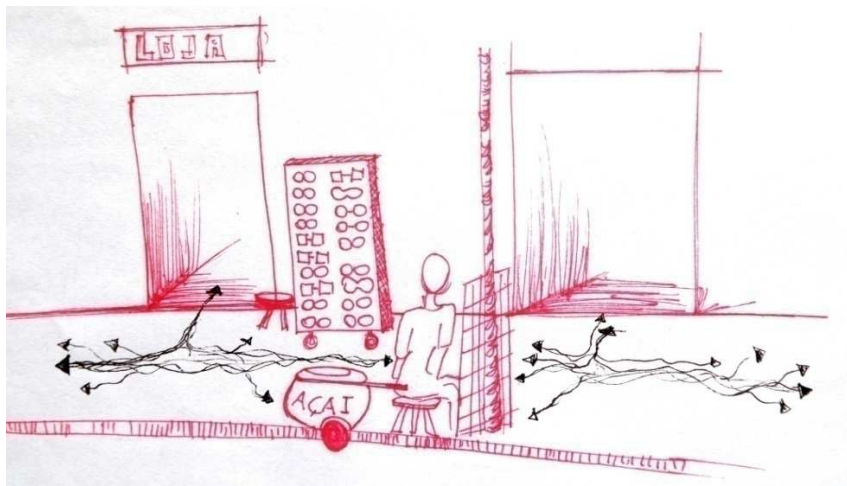


Figura 08 – Espaço de convivência e local da entrevista com A. e a mãe. Fonte: Alessandra Soares, 2014.

- **Davi**

Ao terminar a conversa com a mãe de A., solicitamos que indicasse alguém para conversarmos. Primeiramente indicou Marcos, com quem já havíamos conversado. Depois, Davi, um camelô que se encontrava a alguns metros de distância, encostado em um carro, dialogando com outra pessoa.

Estabelecemos uma conversa "entrecortada" com Davi, devido à quantidade de pessoas que pararam para observar as mercadorias que ele vende - óculos.

Ele explicou que era um dos camelôs mais antigos da rua. Que trabalha no mesmo lugar há 11 anos, através de um acordo que realizou com o dono da loja. Não deixando qualquer outro camelô se estabelecer na parede dessa loja e mantendo o local limpo, ele pode vender no local e guardar suas mercadorias dentro da loja. Mora em Bayeux (município limítrofe de João Pessoa) e realiza o percurso de ônibus.

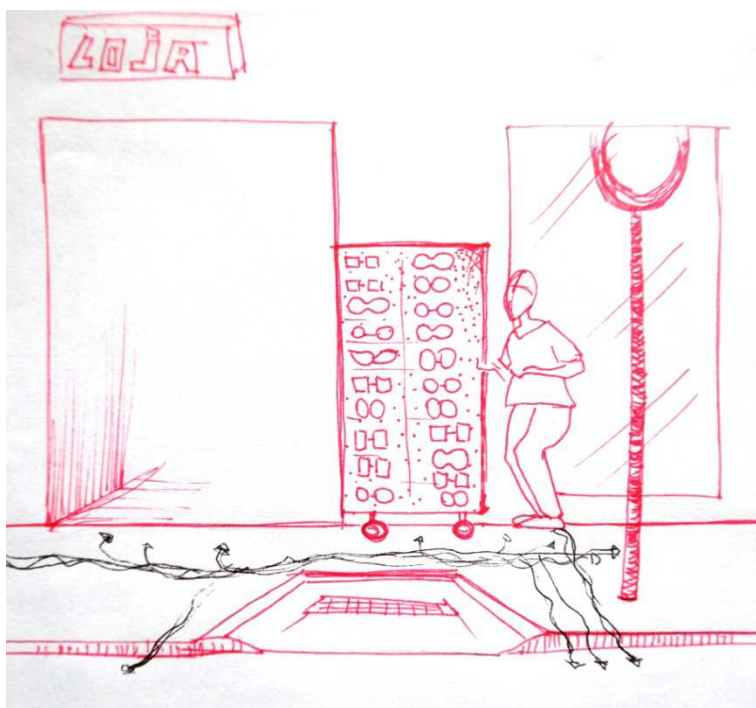


Figura 09 – Davi e a ocupação do seu local de trabalho. Fonte: Alessandra Soares, 2013.

- **Luciano**

Luciano trabalha como vendedor de brigadeiros há aproximadamente seis anos. Mora em Cabedelo e, geralmente, chega ao Centro às 12h30, permanecendo até vender toda a sua mercadoria (por volta das 17h).

Foi um dos primeiros trabalhadores informais com quem estabelecemos contato ao ir a campo. Ao longo das entrevistas do primeiro percurso cruzamos inúmeras vezes com ele. A partir desses encontros, decidimos entrevistá-lo. Diferentemente de outros sujeitos pesquisados, aceitou participar da pesquisa e não se importou em ser filmado. Combinamos, por telefone, um encontro para passarmos uma tarde o acompanhando, enquanto vendia brigadeiros.

A partir de alguns comentários, percebemos que Luciano realiza cotidianamente trajetórias semelhantes, inclusive tendo hora marcada em alguns lugares. Os seus principais consumidores são vendedores de lojas e camelôs. Circula entre as ruas e as lojas, entre o espaço público e o privado. Não costuma permanecer em um mesmo lugar por muito tempo.

Enquanto o seguíamos, trocamos poucas palavras. A seguir, apresento alguns *frames*⁴⁸ - de uma filmagem realizada - representativos do trajeto realizado com Luciano.

⁴⁸ *Frames* são imagens fixas de um audiovisual.

Inicia-se o trajeto...



Figura 10 – Frames do trajeto realizado com Luciano. Fonte: Alessandra Soares, 2013.

- **Comentários sobre o Percurso 01**

Percebemos, ao finalizarmos as entrevistas, que não foram indicados pelos entrevistados no Percurso 01 os camelôs que foram criticados por vários daqueles com os quais

conversamos: as vendedoras de bolsas, os que vendem mercadorias em carros caros, e os “empresários” - que segundo alguns camelôs, privatizam as ruas com carrinhos de mercadorias. Assim, compreendemos que o Percurso 01 foi construído através da existência de laços de confiança e afetividade entre os camelôs entrevistados.

Observamos, também, que a Rua Santo Elias é estreita e tem os lotes edificadas, para se manterem no lugar, os camelôs precisam insistir na adoção de táticas voltadas ao aperfeiçoamento da forma de ocupação do espaço. A ideia de "ocupar pouco espaço e deixar a calçada livre para os pedestres", por exemplo, apareceu reiteradamente durante as conversas. Outros pontos constantes nas entrevistas foram as ideias da importância de não ter grande quantidade de mercadorias à mostra, de não chamar muito a atenção e de manter um diálogo de cordialidade com os lojistas, agentes de fiscalização e com a população em geral.

2.3.3. Percurso 02 Av. Duque de Caxias – Praça do Ponto de Cem Réis

Iniciamos o segundo percurso na Av. Duque de Caxias, próximo ao Ponto de Cem Réis⁴⁹, em um trecho destinado a pedestres, compreendido entre o Shopping Popular Terceirão, em um extremo, e a Praça João Pessoa, em outro. Essa parte da rua é composta, dentre outras coisas, por uma sequência de bancos e por algumas árvores de pequeno porte. É um espaço de socialização de diversos grupos e de intenso fluxo de pessoas. Verificamos a presença constante de ambulantes. Próximo ao Ponto de Cem Réis, por exemplo, há algumas lojas de camelôs no andar térreo de um edifício abandonado - esse mesmo espaço funciona como local onde ambulantes e camelôs guardam suas mercadorias e carrinhos, assim como banheiro e local de descanso.

Começamos o Percurso 02 através de um vendedor de doces, bastante conhecido na região pela qualidade dos seus produtos. A aproximação com tal vendedor se deu sem problemas, pois já havíamos mantido contato com ele antes do início da pesquisa.

Travamos contato com três camelôs, apenas um não aceitou conversar. As entrevistas ocorreram ao longo da Av. Duque de Caxias, como indicado no mapa a seguir:

⁴⁹ A Praça Vidal de Negreiros, popularmente conhecida como Ponto de Cem Réis, foi um espaço alvo de diversas transformações urbanas. É uma ampla praça de formato quase quadrado, limitada em dois dos seus lados por edificações. Os outros dois lados são a parte integrada ao trecho destinado aos pedestres da Av. Duque de Caxias e a parte delimitada pela Av. Visconde de Pelotas. A praça é palco de diversas atividades artísticas - tais como shows, peças de teatro etc. - e comerciais - como a Feira das Flores e uma feira de frutas e verduras que ocorre na primeira terça - feira de cada mês.

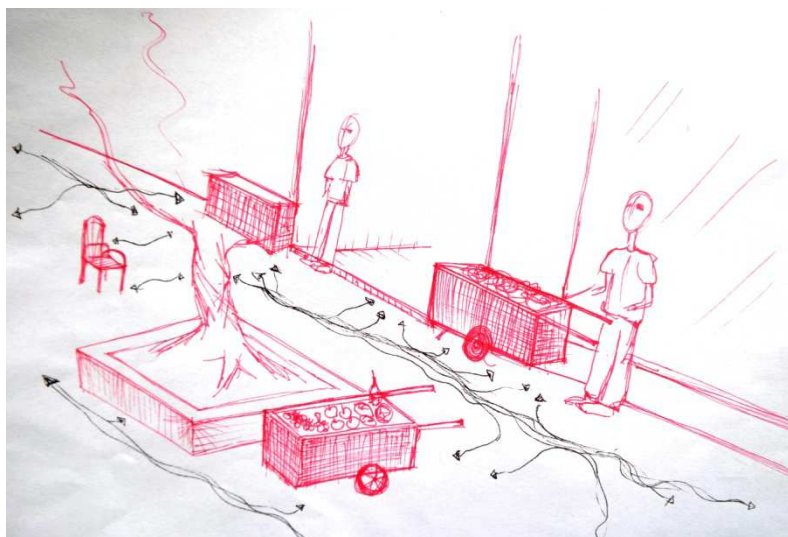
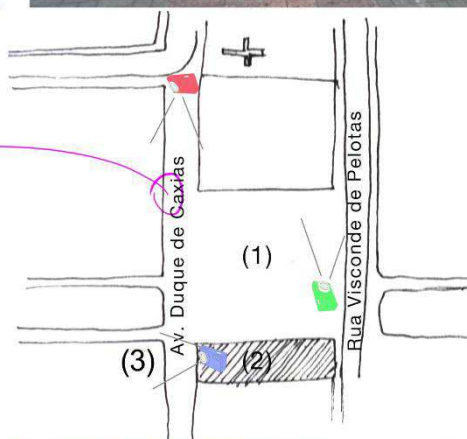
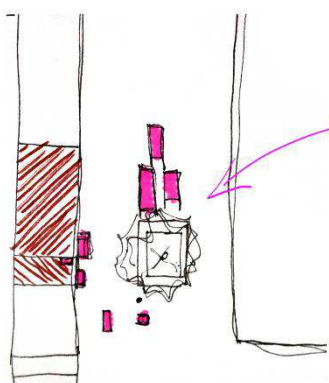


Figura 11 - Desenho do lugar de trabalho de Jô e João. Fonte: Alessandra Soares, 2014.



- (1) Praça Vidal de Negreiros – Ponto de Cem Réis.
 - (2) Shopping Popular. Paraíba Palace.
 - (3) Antigo IPASE – local onde o andar térreo é utilizado para vender e guardar mercadorias.
 - (4) Feira de frutas e verduras que acontece toda primeira terça-feira do mês, na praça. Alguns ambulantes que vendem frutas e verduras se aproximam da feira.
- (.) a cor rosa representa a localização de carrinhos de camelô.

Mapa 05 – Localização da Av. Duque de Caxias com a Praça Vidal de Negreiros e fotografias. Fonte: Alessandra Soares, 2014.

Sequência de entrevistas do Percurso 02, elaborada a partir de indicações dos próprios camelôs: Jô (vendedor de doces caseiros) → João (zelador e dono de um fiteiro) → e Pé de Pato (vendedor de antenas de TV), que não quis conversar.

- **Jô**

Trabalha há 18 anos no mesmo lugar, encostado na vitrine de uma loja na Rua Duque de Caxias, no trecho destinado a pedestres. Vende doces artesanais produzidos por ele. Já trabalhou como policial e se aposentou por invalidez, como segurança de carro-forte. Começa a vender aproximadamente às 12h30 e termina às 17h. Mora próximo ao local de trabalho e, assim, leva para casa o carrinho onde expõe a sua mercadoria.

A conversa ocorreu entre o seu carrinho de doce - de aproximadamente 80 cm por 50 cm - e uma pequena caixa de som voltada à publicidade de planos odontológicos. Próximo do local, na direção da praça, havia um pequeno fiteiro. Na nossa frente, a aproximadamente um metro e meio de distância, havia uma árvore rodeada por um banco, com algumas pessoas sentadas, dois ambulantes vendendo frutas e duas pessoas fazendo propaganda de cartão de crédito. O diálogo foi interrompido diversas vezes, pois o ritmo de venda dos doces é intenso.

- **João**

Solicitei a Jô que indicasse alguém para conversarmos. Indicou um pastor que estava comprando doce. O pastor comentou que seria melhor conversarmos com João, haja vista o propósito da nossa pesquisa.

João tem um fiteiro ao lado de onde Jô vende os doces, na fachada de uma clínica odontológica. Também trabalha como zelador no edifício onde se localiza a clínica, fato que facilita o armazenamento das suas mercadorias. Mantém mercadorias na entrada do edifício e do lado de fora.

Assim como Jô, há 18 anos trabalha no mesmo lugar. Atualmente está no local da entrevista durante seis dias da semana e mais de 10 horas por dia.

- **Pé de Pato**

João indicou Pé de Pato. Segundo ele, uma pessoa boa para conversar, pois está há anos vendendo antenas de TV no recuo da entrada de uma loja e ao anoitecer, vende DVDs em um carrinho. Vemos que, como ele, a loja também expõe mercadorias na calçada, próximo à porta principal, em expositores semelhantes a mesas, o que gera certa confusão acerca do que é informal ou formal. Percebemos que geralmente há pessoas conversando com ele, o que cria um espaço de convivência.

Nos aproximamos e explicamos a pesquisa, não demonstrou interesse em conversar e finaliza qualquer possível diálogo.



Figura 12 – Ocupação do espaço por Pé de Pato. Fonte: Alessandra Soares, 2014.



Figura 13 – Integração da Praça Vidal de Negreiros com o trecho para pedestres da Rua Duque de Caxias. Fonte: Alessandra Soares, 2013.

- **Comentários sobre o Percurso 02**

O segundo percurso ocorreu na Rua Duque de Caxias, no trecho destinado a pedestres que se integra ao Ponto de Cem Réis. Diferentemente do primeiro percurso, os dois camelôs com os quais conversamos tiveram dificuldades na indicação de outros trabalhadores com os quais poderíamos dialogar apesar do número de ambulantes e camelôs que trabalham nesse espaço ser grande. Bastante próximo ao local onde realizamos as entrevistas, por exemplo, havia vendedores de frutas e um sorveteiro. A unidade entre os três camelôs do Percurso 02 remete, entre outras coisas, ao fato de estarem trabalhando há muito tempo no mesmo lugar, mais especificamente, em fachadas de lojas. Assim, nesse percurso, o tempo aparece como elemento crucial nas conversas, já que os três camelôs estão no mesmo lugar há muitos anos.

2.3.4. Percurso 03 Rua Visconde de Pelotas com a Av. Miguel Couto

A calçada onde se desenvolveu a maior parte das conversas do terceiro percurso tem algumas características específicas. É a parte superior do viaduto da Av. Miguel Couto, limitada, de um lado, por um guarda-corpo de ferro e, do outro lado, pela Rua Visconde de Pelotas. Um espaço amplo, propício para apoiar expositores e carrinhos de camelôs como podemos ver nas figuras 14 e 15.

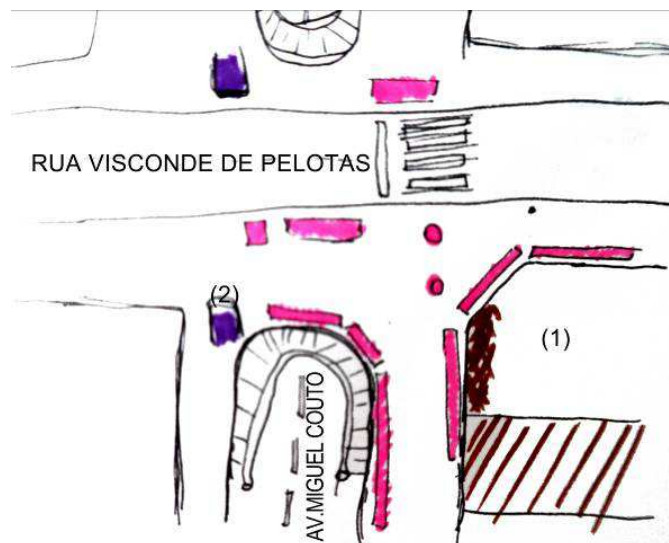


Figura 14 – Calçada onde ocorreu o Percurso 03. Fonte: Google Street View, 2014.



Figura 15 – Perspectiva do viaduto da Av. Miguel Couto. Percurso 03. Fonte: Google Street View, 2014.

No Percurso 03, estivemos em dois lugares diferentes e conversamos com quatro camelôs. Foi o único percurso em que houve a indicação de um camelô que trabalha longe do espaço físico onde nos encontrávamos. A seguir, um mapa do primeiro ponto do Percurso 03 e uma figura:



- (1) Antiga Casa dos Fotógrafos (loja voltada à revelação de fotografias e venda de materiais fotográficos); Local onde um camelô guardava as suas mercadorias.
- (2) Banheiro público subterrâneo.
- (.) Na cor rosa, ocupação de camelôs.
- (.) Na cor marrom, lojas que guardam mercadorias dos camelôs.

Mapa 06 – Primeiro ponto de conversa do segundo percurso. Fonte: Alessandra Soares, 2014.

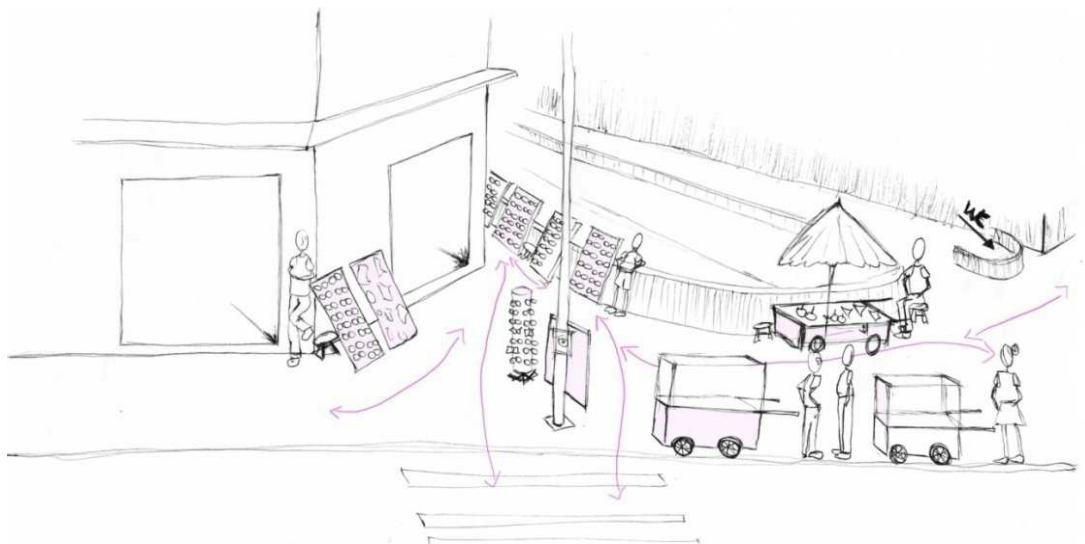


Figura 16 – Espaço do Percurso 03. As setas em rosa representam o fluxo de pessoas, enquanto conversávamos com eles. Fontes: Alessandra Soares, 2014.

O terceiro percurso teve início a partir de um camelô que conheci em 2010, na Praça João Pessoa. Durante a pesquisa, percebemos várias vezes a sua presença em um ponto da calçada da Rua Visconde de Pelotas. Decidimos iniciar o último percurso através dele.

A sequência de entrevistas do Percurso 03, elaborada a partir de indicações dos próprios camelôs: Ítalo (vendedor de churros) → Roberto (vendedor de óculos) → (vendedor de bolsa, não quis falar) → Maria (vendedora de sanduíches) → Cabedelo (vende e conserta relógios).

- **Ítalo**

Ítalo vende churros há poucos anos na calçada da Rua Visconde de Pelotas, das 14h até o início da noite, de segunda a sábado. Mora próximo ao local e guarda o seu carrinho em um estacionamento localizado ao lado do Terceirão.

A conversa ocorreu entre o seu carrinho de churros e um expositor de óculos, em frente à passagem de pedestre, tal como indicado na figura 16.

Reencontro Ítalo, um ambulante que conheci há quatro anos. Nessa época ele vendia salgados e caldo de cana na Praça João Pessoa. Quando o reencontrei estava vendendo churros na calçada da Av. Visconde de Pelotas. Fiquei curiosa em saber as motivações que o fizeram mudar de mercadoria e de lugar. Reconheceu-me. (Diário de Bordo da autora, 2014).

- **Roberto**

Roberto trabalha como ambulante há aproximadamente 30 anos. Começou a trabalhar na rua aos cinco anos, com seu pai e irmãos. Eles compravam mercadorias no Paraguai para vender no Centro de João Pessoa, em diferentes pontos. Atualmente, vende óculos de sol em vários expositores distribuídos nas proximidades – um deles foi onde ocorreu a conversa com Ítalo. Paga a um irmão para vender em alguns dos seus expositores.

Conversamos com Roberto próximo à parede de uma loja que atualmente está fechada [Casa dos Fotógrafos]. Ao seu lado encontramos seu irmão, sentado em um banco e segurando duas grades com mercadorias. No meio da calçada, outro homem, sentado em um banco, vendia mais mercadorias de Roberto.

- **Homem que vende bolsas**

A partir de uma indicação de Roberto, voltamos no outro dia para conversar com um homem que trabalha como ambulante há mais de 30 anos. Ele vende bolsas ao lado de Roberto, encostado na fachada de um prédio e guarda as suas mercadorias dentro de uma loja.

Quando chegamos, estava retirando toda a sua mercadoria da loja e empilhando-a em caixas colocadas quase no meio da calçada. A loja estava para fechar e ele precisava encontrar rapidamente outro lugar para guardá-la. Anteriormente, guardava parte das suas mercadorias na Casa dos Fotógrafos, uma loja nas proximidades que também havia fechado.

Ele não quis conversar, disse que estava com muita pressa. Perguntamos para onde estava levando as mercadorias. Não respondeu.

Presenciando a nossa tentativa de diálogo, Roberto pediu desculpas e disse que poderíamos conversar com o seu pai, a quem chamam de Cabedelo, no Ponto de Cem Réis. Mas, antes de ir, decidimos conversar com a única mulher que trabalha no espaço.

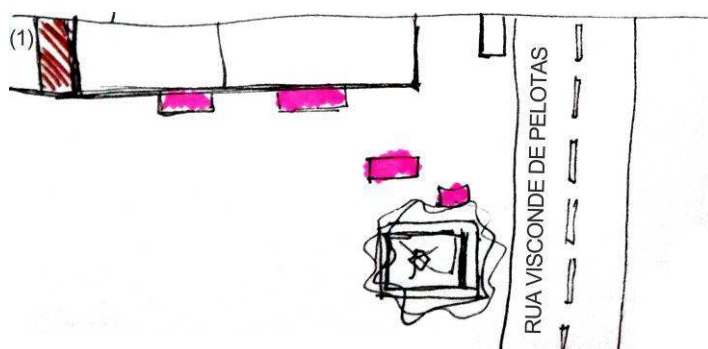
- **Maria, vendedora há dois meses**

Maria vende sanduíches na rua há dois meses, em um carrinho do cunhado. Consideramos a possibilidade de chegar até ela através da indicação de outros camelôs. Não havendo a indicação, decidimos conversar com ela, haja vista o fato de termos dialogado com apenas duas mulheres durante o trabalho e estarmos no último percurso. Assim, quebramos a proposta inicial de entrevistar apenas vendedores indicados por outros. Maria havia dado algumas informações sobre a localização de Ítalo - assim que chegamos ao espaço do Percurso

03 e não o encontramos - e percebemos que havia ficado interessada em saber o que estávamos fazendo naquele espaço, conversando com os camelôs.

- **Cabedelo**

Cabedelo trabalha há mais de 30 anos no Centro. Já trabalhou como caminhoneiro, como vendedor de carros - no Parque Solon de Lucena -, e atualmente também é professor de dança. No começo das suas atividades como camelô, comprava mercadorias no Paraguai e as vendia com os filhos, em diferentes pontos da cidade. Há muitos anos conserta e vende relógios. Durante o dia, no Ponto de Cem Réis, e à noite vende relógios na Praça da Paz, no bairro dos Bancários, na zona sul da cidade. Possui no Ponto de Cem Réis, na parede externa de um edifício, uma pequena mesa e um mostrador fixo. Guarda alguns relógios nesse objeto e os conserta na mesa (fig. 17). No edifício, onde apoia o mostrador e a mesa, apenas o andar térreo está em funcionamento, e os pavimentos superiores estão desabitados, aparentemente há anos. O espaço onde trabalha estava rodeado por outros homens, principalmente homens mais velhos, e parece ser um lugar de intensa sociabilidade. Tivemos dificuldades em iniciar a conversa, pois era constantemente procurado. É uma pessoa bastante conhecida pelos lojistas e frequentadores da praça. Através dos seus relatos, percebemos que viveu muitas das mudanças ocorridas no Ponto de Cem Reis.



(1)Local onde Cabedelo guarda sua mercadoria.

(.) na cor rosa, identificamos os espaços ocupados por carrinhos de camelô e ambulantes.

Mapa 07 – Espaço de trabalho de Cabedelo. Fonte: Alessandra Soares, 2014.

Capítulo 3

**Praticantes da cidade: O Camelô e o Ambulante no Centro de João Pessoa -
A experiência nas ruas**



America Invertida (1946), Joaquín Torres García.

“Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos”.

Manoel de Barros, trecho de *O apanhador de desperdícios*.

A partir das entrevistas e vivências no Centro, decidimos pensar as descrições, narrativas de experiências dos camelôs/ambulantes e vivência do pesquisador, divididas em três pontos que atravessam as suas práticas de trabalho: caminhos, espaço/tempo e tensões. Nessa primeira parte, que identificamos como “caminhos”, exploramos o universo dos camelôs através de informações mais gerais; no segundo momento, “espaço/tempo”, discutimos os mecanismos de apropriação do espaço, formas de permanência no mesmo, e identificamos padrões de ocupação; e no último tópico, denominado “tensões”, refletimos acerca das relações e conflitos entre poder público e camelôs. Apesar de dividirmos o capítulo em tais tópicos, compreendemos que na realidade cotidiana do trabalhador de rua esses elementos aparecem de forma simultânea. Também na constituição do texto que compõe os tópicos pode-se perceber a existência imbricada dos pontos selecionados como guias do capítulo. Assim, a divisão do capítulo se justifica mais como forma de abstrair, de isolar cognitivamente, certos processos sociais concomitantes.

3.1. Caminhos: introdução ao universo dos camelôs e ambulantes do Centro de João Pessoa/ PB – a heterogeneidade do trabalhador de rua

- **A diferença entre camelô e ambulante**

Começamos as primeiras conversas explicando a pesquisa e os designando como “ambulantes”. Muitas vezes fomos corrigidos no uso da palavra, e alguns entrevistados explanaram a heterogeneidade do termo “ambulante”.

A nossa primeira conversa ocorreu com Júnior, que começou classificando-o em dois tipos, os fixos e os móveis: “A gente é ambulante, mas é ambulante mais parado. Existe o que circula e o que fica parado. Picolé, água, açaí, coco...” (Percurso 01, informação verbal).⁵⁰

Na nossa segunda conversa do primeiro percurso, Jorge ressaltou outra classificação para os trabalhadores de rua, identificando-os como camelô:

O homem como um todo é um ser complexo, não pode chegar e dizer que ele é daquele jeito. Nem todo camelô pensa assim como eu. Existem vários tipos de camelô: existem os camelôs que trabalham para sobreviver, existe camelô que ele é empresário e ele é camelô, e tem 10 carrinhos desses no meio da rua [se refere aos

⁵⁰ Entrevista concedida por Júnior e Marcio. Entrevista I. [Nov. 2013]. Entrevistador: Alessandra Soares. João Pessoa, Paraíba, 2013. 1 arquivo .mp3 (95 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

carrinhos de açaí e coco]. Tem gente que precisa, mas esse cara tá extorquindo até o pobre coitado que tá no meio da rua. Eu acho que a realidade é mais profunda. (JORGE, Percurso 01, informação verbal).⁵¹

Com esse depoimento Jorge começou a nos introduzir na complexidade do universo dos camelôs e dos ambulantes. Elencou diversas formas de trabalhar na rua e criticou os intitulados como empresários. Relacionou o problema do camelô - uma questão local - a um contexto global.

Uma classificação parecida a de Jorge é a identificada pela mãe de A. que dividiu os trabalhadores entre os que estão na rua por necessidade e aqueles que trabalham para complementar a renda:

Tem gente trabalhando que não precisa. Que tem dinheiro, que tem loja lá em Mangabeira [bairro da cidade de João Pessoa] e tem mais de um carrinho aqui na rua, tomando espaço de quem precisa. Eu conheço um aqui, atrás de mim. Tem um [sinalizou discretamente] aí que vem passar humilhação junto aos que precisa, só porque quer mais (MÃE DE A., Percurso 01, informação verbal).⁵²

Essas classificações começaram a nos trazer referências sobre a forma de organização deles. A partir dessas três conversas, podemos pensar a definição de camelô como o trabalhador fixo, que sempre está no mesmo lugar, e a de ambulante como o trabalhador que circula pelas ruas do Centro.

- **Mercado de trabalho e acesso às mercadorias**

A explicação da razão de estar na rua varia de acordo com a história de cada entrevistado. Porém, existem indicações que parecem ser comuns à maioria das pessoas com quem conversamos. Chamamos a atenção para as seguintes justificativas: mercado formal restrito e precário, acesso fácil ao trabalho e maior autonomia.

Jorge iniciou a conversa justificando a razão de estar vendendo na rua. Disse possuir pouca formação e se encontrar em uma idade avançada. Assim, é na rua, através do comércio informal, que encontra uma alternativa para sobreviver.

[Como é o seu dia e o que faz?] - Primeiro quem trabalha no meio da rua é porque precisa sobreviver. Vai pedir trabalho numa loja e o primeiro que pedem é para você comprovar experiência com carteira assinada. Uns porque tão muito velho como eu.

⁵¹ Entrevista concedida por Jorge e Lôra. Entrevista II [Nov. 2013]. Entrevistador: Alessandra Soares. João Pessoa, Paraíba, 2013. 2 arquivo .mp3 (65 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁵² Entrevista concedida por A. e a Mãe. Entrevista III. [Nov. 2013]. Entrevistador: Alessandra Soares. João Pessoa, Paraíba, 2013. 3 arquivo .mp3 (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

Aí vou chegar numa loja e vou pedir emprego, mas não tenho experiência alguma (JORGE, Percurso 01, informação verbal).

Ele também relaciona a escolha de ser camelô com a precariedade do trabalho formal. Como a maioria dos trabalhos paga o salário mínimo, as necessidades básicas são supridas, muitas vezes, de forma insuficiente:

Você vai atrás da sobrevivência. É como aquele filme nacional *Ensaio sobre a Cegueira*. Aquilo ali é como se fosse camelô, porque aquela barbárie que acontece no filme não acontece por nada, é instinto de sobrevivência. Só tem uma pessoa que enxerga, os outros não fazem aquela algazarra toda porque são maus, mas porque querem comer, querem tomar banho. As pessoas lutam por espaço, lutam por alimento. Ela luta pela vida, pra ter paz, uma paz abstrata, mas uma paz. Camelô, na minha opinião, é isso. Você acha que se eu pudesse tá ganhando um salário em uma loja não taria? Só que eu não tenho condição, ganhar 300 reais no mês. Como vou fazer para sobreviver? Pagar 300 reais de aluguel, me alimentar, pagar passagem para universidade, pagar minhas Xerox. Então a realidade social é muito maior do que achar que o camelô tá ali porque quer... Porque gosta daquilo ali. Necessariamente você termina se acostumando, se acostuma se é bom ou se é ruim. Você quer sobreviver, tenho conta para pagar. Daqui a pouco o sol abaixa e eu tenho que ir para lá, porque se eu ficar no sol o dia todo vou ter uma insolação e minha mercadoria queima (IBID, informação verbal).

Aponta que a sua única escolha, sua única alternativa de trabalho, foi entrar no mercado informal, mais especificamente no universo dos camelôs. Ele aponta o problema da informalidade como uma questão social:

Então... o camelô ele é produto de falta de estrutura de uma falta de educação de base. O comércio é enxuto, o Estado que não tem indústria que abarque. É muita coisa! Não é simplesmente: ele é camelô. O instinto de sobrevivência dele é tão profundo que ele se tornou empreendedor (IBID., informação verbal).

A precariedade do trabalho formal continua aparecendo em outras falas. No depoimento de João, por exemplo, vemos que o trabalho informal desponta como meio de complementar a renda. Apesar de não ter garantias trabalhistas, o retorno financeiro da informalidade parece ser maior e mais vantajoso.

[Sempre trabalhou aqui?] - Antes eu trabalhava com cartão telefônico. Hoje trabalho com recarga e o fiteiro que ajuda a completar a renda. [Gosta de trabalhar aqui?] - Rapaz, eu acho legal. Trabalhei em várias empresas. 16 anos na Saelpa [antiga companhia de energia do Estado, privatizada nos anos 2000 - atualmente Energisa] e não consegui um quarto do que hoje eu tenho (JOÃO, Percurso 02, informação verbal).⁵³

A justificativa de Roberto ressalta a flexibilidade do universo de trabalho dos camelôs e a possibilidade de ganhar mais dinheiro do que em um trabalho formal. Isto é, além de criticar a falta de autonomia existente no âmbito do trabalho formal, também explicou que na informalidade a possibilidade de alcançar um bom retorno financeiro é bem maior.

⁵³ Entrevista concedida por JOÃO. Entrevista V. [Fev. 2013]. Entrevistador: Alessandra Soares. João Pessoa, Paraíba, 2013. 6 arquivo .mp3 (20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

A gente gostava de estudar, mas era por causa dos nossos pais. Eu fiz até oitava [série]. Mas minha vida hoje... eu tô bem equilibrado. Quase assim pra dizer: "Deixei de trabalhar". Encerrar o trabalho. Tô com 35 anos, mas tô bem saturado na minha vida de comércio desde novo. Tem tanto canto aí que a pessoa trabalha e ganha nem a metade como aqui. Aqui, entra a hora que quer (ROBERTO, Percurso 03, informação verbal).⁵⁴

Também indicou mudanças no processo de aquisição das mercadorias pelos camelôs, e o relacionou ao crescimento de trabalhadores na rua. Na sua concepção, o fato de atualmente o acesso às mercadorias ser mais fácil potencializa as possibilidades de pessoas se tornarem camelôs ou ambulantes.

Trabalho desde criança. Desde cinco anos de idade trabalho com meu pai. A gente viajava e trazia as coisas. Não existia, como hoje, esse contrabando de mercadorias, isso tudo não. A gente ia ao Paraguai. Naquela época trabalhava com brinquedo e equipamento de som. Hoje é tudo aqui, vende a mercadoria e compra (Percurso 03, informação verbal).

Através de seu depoimento, continuou nos revelando as modificações ocorridas ao longo do tempo no que se refere ao acesso às mercadorias industrializadas. Antes havia a necessidade de atravessar longas distâncias, atualmente, em João Pessoa, é possível encontrar mercado de varejo, principalmente introduzida pelos Chineses.

[Onde guardam as mercadorias?] - Tem um chinês, através de uma confiança que eu dei a ele. Porque chinês não é igual a brasileiro não, geralmente é muito difícil. Uma mercadoria que comprei a ele e veio passando a mais. Então o que acontece, passou uma mercadoria e eu avisei: "Isso não é meu não". E devolvi. Eu tô bem de vida, não preciso disso. Não tenho o que reclamar dela. Quero formar meus filhos. Eu gostava, na época eu viajava com 12, 13 anos. Eu ia só pro Paraguai. Meu irmão mais velho ficava lá e mandava as coisas pra cá por a gente (Percurso 03, informação verbal).

Existe uma relação direta entre a exclusão do mercado formal, crescimento econômico (acesso às mercadorias) e o mercado informal? Através dos depoimentos, percebemos que sim. Não se deve desvincular o mercado de trabalho formal da ação do camelô, pois o mercado informal parece ser um abrigo de trabalhadores com pouca ou nenhuma formação. E como vimos no depoimento de Roberto, o acesso às mercadorias, ou seja, a globalização da economia, também tem relação direta com o crescimento do trabalho informal.

Assim, vemos que a necessidade de sobreviver, muitas vezes, justifica as apropriações dos espaços por trabalhadores de rua. Se a única saída para muitos é se tornar camelô, mesmo contrariando as leis estabelecidas, constituir espaços é persistir na sobrevivência. Porém, devemos ressaltar, principalmente a partir das falas de Jorge e da Mãe de A. (no tópico anterior), que a atividade do camelô não é homogênea, que não podemos generalizar a justificativa da

⁵⁴ Entrevista concedida por ROBERTO. Entrevista VII. [Fev. 2013]. Entrevistador: Alessandra Soares. João Pessoa, Paraíba, 2013. 8 arquivo .mp3 (25 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

sobrevivência para todo o universo dos trabalhadores de rua. Lembremos que os “camelôs empresários” também constituem espaços no Centro da cidade.

- **Escolha do lugar de trabalho**

A escolha do lugar de trabalho é definida a partir de diversas variáveis identificadas. A principal delas é a importância do fluxo de pessoas, pois sem o contato direto com os pedestres não há vendas. Júnior, por exemplo, falou da importância do local para vender, da busca por estar dentro dos espaços que têm fluxo de pessoas:

Tá todo mundo aqui, todo mundo quer ganhar dinheiro. Na outra rua é fraco, na paralela. [Depois da entrevista circulei pela rua paralela e, de fato, o movimento de pessoas é menor. Porém, alguns ambulantes trabalham nela] Só digo uma coisa, ninguém quer ficar onde não vende, onde vende é que a turma quer ficar. Ninguém quer ser deslocado pra um local vazio, todo mundo dá um jeito de se virar (JÚNIOR, Percurso 01, informação verbal).

Em um fragmento da conversa com a mãe de A. também percebemos a existência indireta do argumento de que as vendas se aportam no fluxo de pessoas na rua. Ela aluga uma sala em uma galeria quase em frente ao lugar que trabalha na rua. Esse espaço funciona principalmente como ponto de apoio para o seu trabalho na rua.

[Perguntei como fazem para ir ao banheiro] Tem no shopping... mas eu tenho minha salinha aqui [Apontou para uma galeria do outro lado da rua]. Alugo uma sala. Lá tenho banheiro, guardo os óculos, o açaí, as coisas aqui. Tenho essa loja lá também, só que como é uma galeria não dá movimento. Eu já tiro daqui pra pagar lá. Uma vez ou outra chega uma cliente querendo olhar lá de dentro. Mas preciso ter, para ter onde guardar as coisas, principalmente. Por que como a gente leva? Eu não tenho carro e moro no Cristo [bairro de João Pessoa] (Mãe de A., Percurso 01, informação verbal).

As duas (A. e a mãe) circulam entre o informal e o formal, o espaço público e o espaço privado. Essa oscilação dos espaços formal e espaço informal é um tema polêmico entre eles. Inclusive a própria mãe de A. lançou a seguinte afirmação: “Tem gente trabalhando que não precisa. Que tem dinheiro, que tem loja lá em Mangabeira [bairro da cidade de João Pessoa]” (Percurso 01, informação verbal).

Percebemos que a escolha do lugar de trabalho pode definir a relação de conflito com os órgãos públicos gestores. Ser “visível demais” para a prefeitura não é o interesse deles. No início da entrevista com Júnior, essa questão veio à tona a partir da seguinte colocação:

[Perguntei a Júnior se já havia trabalhado em outro lugar] - Primeiro eu vendia no estacionamento da C&A e depois vim para cá. Saí de lá já por causa desse corre-corre. Ali é onde passa prefeitura, o prefeito passa ali. É uma área visada, né?, a olho nu. Quando ele passa, ele vê e fala que o canto tá cheio de ambulante. Aqui o poder público não passa muito, não é uma área visada (IBID., informação verbal).

A partir dessa fala, começamos a compreender a existência de uma área de disputa, e de ações do poder público que, segundo ele, busca intervir retirando ambulantes e os direcionando para áreas escondidas.

Além do fluxo de pessoas e a necessidade de não escolher um lugar “visível demais”, Marcos acrescenta que uma das condicionantes para que uma área seja propícia aos camelôs é a existência de alguma agência bancária nas proximidades, ou seja, acesso fácil a dinheiro. Ele expressa a ideia de que esse é um dos motivos do êxito do Shopping Popular Terceirão:

Aquele projeto da rodoviária. Vamos fazer porque desce muitas pessoas de frente [falou como se fosse o poder público]. Mas tem muita gente que vai pra Santa Rita de trem, que é um real. O Terceirão deu certo porque é uma passagem e tem vários bancos próximos, o cara tá com dinheiro (MARCOS, Percurso 01, informação verbal).

Muitos têm o trabalho de camelô e ambulante como o principal ofício.⁵⁵ Somente Jorge encara o trabalho de camelô como algo passageiro, os outros não demonstram a perspectiva de deixar de trabalhar na rua. A rua, muitas vezes, é vista enquanto lugar de ganhar dinheiro, de sobreviver, de trabalhar e de convívio, para isso é necessário constância, e a melhor opção parece ser encontrar um “bom lugar”.

- **Espaço para guardar as mercadorias vendidas**

O Centro é um espaço de confluência de pessoas de todos os bairros da cidade. Percebemos que existem camelôs e ambulantes, como vimos nas entrevistas, que vivem em outros bairros ou cidades próximas e decidem trabalhar no Centro de João Pessoa. São principalmente essas pessoas que procuram encontrar formas de guardar o material de trabalho e as mercadorias. Sobre isso realizamos o seguinte relato no diário de bordo:

Em uma das observações, já no começo da noite, decidi comprar algumas frutas a um ambulante no Ponto de Cem Réis. Demorei a escolher o que queria, já que não sabia muito bem. Comprei a fruta mais como uma desculpa para me aproximar de onde eles estavam. Então escutei repetidamente as seguintes frases: “- Vamos! Vamos! Quero voltar logo para Bayeux!”. Aproveitei para perguntar onde deixava o carrinho e como se deslocava até a sua casa. Falou que deixava o carrinho no Mercado Central [que fica a aproximadamente 1 km de onde nos encontrávamos] e voltava de ônibus para casa. Naquele momento, o ar já estava denso e com cheiro de carne, devido aos ambulantes da noite e de eventos que chegam para vender comida, transformando o espaço, que agora não é mais delimitado pela sombra, em uma “praça de alimentação” (Diário de Bordo, 2013).

Casualmente, através da leitura de um artigo na internet acerca de um deputado estadual, que anteriormente havia sido ambulante, soubemos da existência de um projeto cujo

⁵⁵ A rua é o principal espaço de trabalho de muitas pessoas, por se mostrar uma alternativa aos baixos salários /horas de trabalho e o acesso ao mercado de trabalho restrito a muitos sem formação.

foco é a disponibilização de um espaço para os ambulantes e os camelôs guardarem as suas mercadorias.



- (1) Prédio do INSS.
- (2) Segundo percurso realizado.

Mapa 08 – Localização do espaço para camelôs e ambulantes guardarem suas mercadorias. Fonte: Alessandra Soares, 2014.

Decidimos fazer uma visita ao local, com o intuito de conhecer mais de perto o seu funcionamento. Tivemos a oportunidade de conversar com o próprio idealizador do projeto, Toinho do Sopão⁵⁶ e com o vigia do local, que também é um ex-ambulante.

Atualmente, setenta ambulantes e camelôs guardam os seus suportes de trabalho - carrinhos, telas de metal etc. - e as suas mercadorias nesse depósito. Cada trabalhador tem um espaço estabelecido e o preço do aluguel varia de acordo com o tamanho do mesmo. Eles pagam uma mensalidade que vai de R\$ 10,00 a R\$ 40,00. O local é amplo e comporta banheiros, algumas cadeiras e uma televisão.

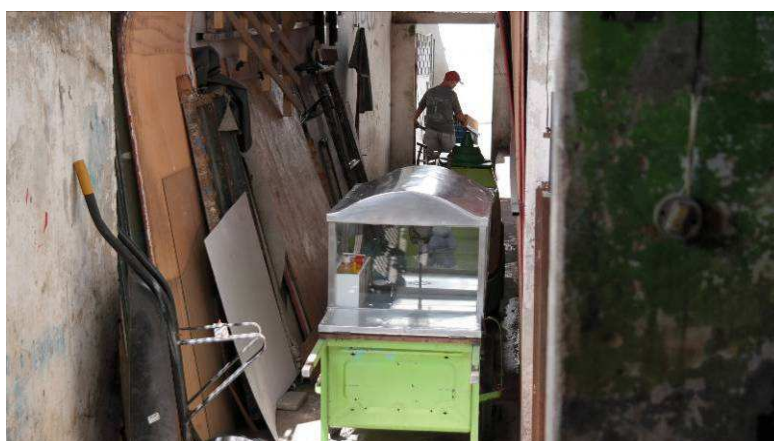
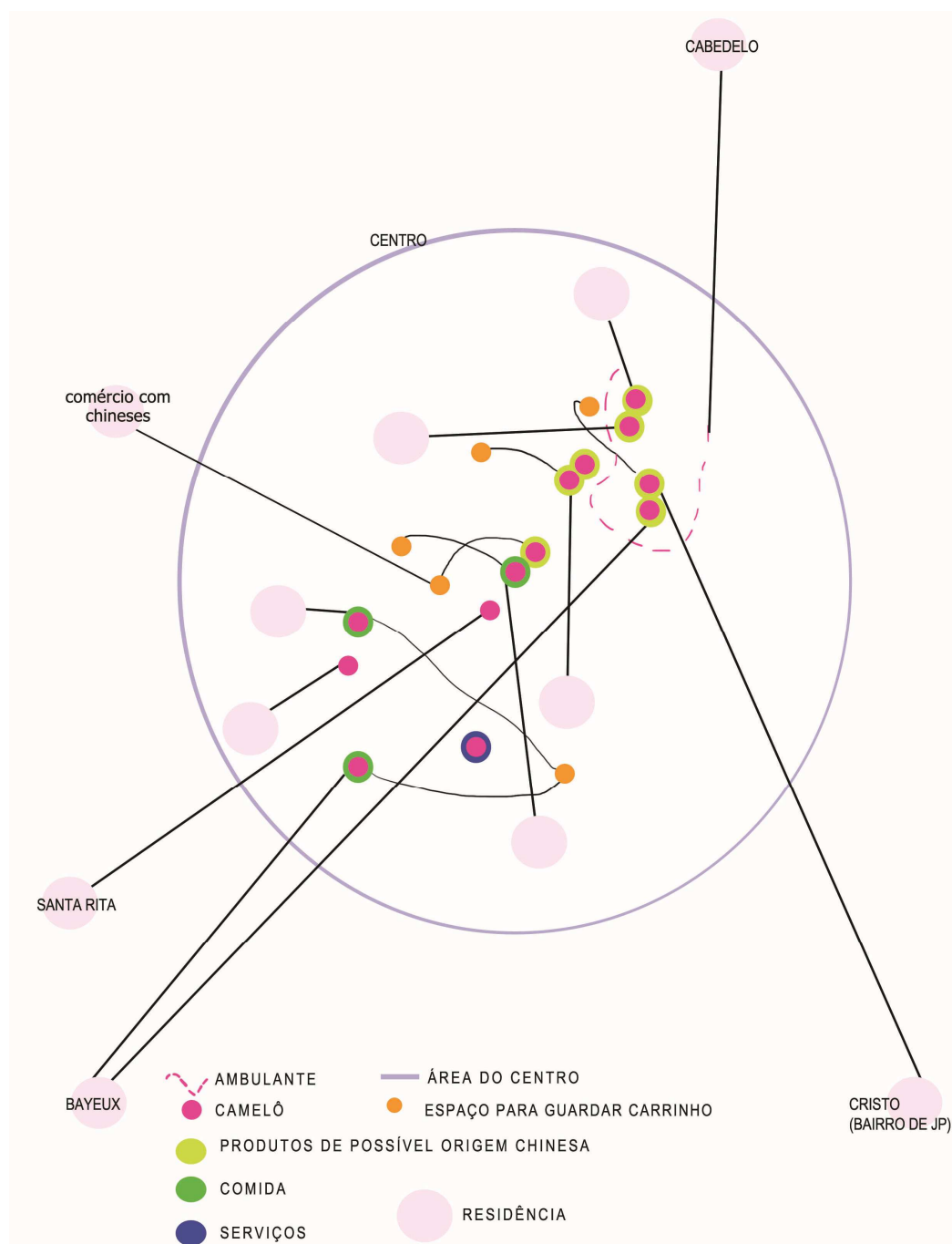


Figura 18 – Registro realizado dentro do galpão onde camelôs e ambulantes guardam suportes de trabalho e mercadorias, no momento em que um deles estava saindo para trabalhar. Fonte: Alessandra Soares, 2014.

Em todas as entrevistas realizadas, uma pergunta esteve presente: "Onde você guarda as mercadorias?". Relatamos que alguns camelôs levam os produtos para casa, que outros

⁵⁶ Toinho do Sopão foi eleito Deputado Estadual da Paraíba em 2010.

alugam espaços e, ainda, que alguns guardam dentro de lojas. Com vimos, a mãe de A. aluga uma loja para guardar os carrinhos. Ítalo guarda suas mercadorias em um galpão próximo ao Shopping Terceirão. Roberto deixa as suas mercadorias em um galpão cedido por uma família de chineses. Davi guarda os óculos na loja onde ocupa a fachada. Todos, de alguma forma, solucionam a necessidade de guardar mercadorias. A seguir, apresentamos um esquema com o trânsito diário dos trabalhadores de rua com os quais conversamos e os locais onde guardam suas mercadorias:



Esquema 04 – Trama de caminhos dos trabalhadores do Centro de João Pessoa. Fonte: Alessandra Soares, 2014.

Começamos a construir, neste primeiro tópico, um panorama do universo dos camelôs do Centro de João Pessoa – PB, a partir de questões como: a heterogeneidade do trabalho de rua, a preferência de locais de trabalho, trajetos realizados (por exemplo, para guardar mercadorias no Centro, ou para conseguir as mercadorias). Com essas informações, podemos pensar em uma teia de relações de lugares que envolvem as demandas diárias dos camelôs que trabalham no Centro.

Percebemos que dentro dessa teia existem hierarquias, regras, consensos e atribuições de valores aos espaços (há, por exemplo, o consenso de que o melhor lugar para trabalhar é onde existe fluxo de pessoas), como também atribuições de valores a eles próprios, dependendo do lugar que ocupam na sociedade. Essas articulações de situações cotidianas se relacionam com o espaço, em uma escala local, por exemplo, os espaços para guardar o carrinho, mas também em uma escala global, como o acesso às mercadorias relatado por Roberto (Percurso 03) – a compra de produtos industrializados fabricados na China. Nos dois casos, local e global, vemos a relação da racionalidade com as contraracionalidades, na mesma teia.

Podemos vincular essa ideia a um aspecto do conceito de “redes” proposto por Milton Santos (2008a), ao pensar na relação local e global:

O fato de que a rede é global e local, uma e múltipla, estável e dinâmica, faz com que sua realidade, vista num movimento de conjunto, revele a superposição de vários sistemas lógicos, a mistura de várias racionalidades cujo ajustamento, aliás, é presidido pelo mercado e pelo poder público, mas sobretudo pela própria estrutura socioespacial (SANTOS, 2008a ,p.279).

Ele ressalta a importância de compreender as “redes” como um híbrido, e de englobar várias escalas. No caso específico do universo dos ambulantes e camelôs, devemos encará-lo como uma teia mutável e aberta, porém tendo em consideração a existência de regras (que também são construídas e desconstruídas).

3.2. Espaço/tempo: apropriações no Centro de João Pessoa pelos camelôs e ambulantes.

- **Escolha do Centro como lugar de trabalho**

O histórico de ocupação dos espaços por alguns camelôs entrevistados evidencia uma relação de espaço/tempo que varia entre a permanência e a mudança. Alguns relatam se deslocar para outro lugar na busca de condições melhores, ou pela necessidade de ter que sair de onde se encontra, como no caso de Roberto (que ocupou diversos lugares do Centro), Ítalo

ou Júnior. Outros relatam que trabalham no mesmo lugar ao longo de todos os anos como camelô, como nos casos de Jô, João e Davi (há mais de 10 anos).

Um caso interessante registrado é o de Ítalo que atualmente vende outra mercadoria em um lugar diferente de onde começou a ser camelô:

[Por que você mudou para esse canto aqui?] - Primeiro porque com o caldo [caldo de cana] eu não tinha um canto fixo. Agora, aqui, eu tenho. Aqui agora é meu. [Como você descobriu esse canto?] Fiquei aqui, fui ficando. Faz bem um ano que tô aqui. A mudança foi porque o churros é mais fácil de trabalhar, você não perde mercadoria. (ÍTALO, Percurso 02, informação verbal).⁵⁷

Pela fala acima, ele afirma estar em um lugar que agora é seu, apesar de já haver se deslocado de outro “canto” que vendia. Diferente dessa perspectiva, Roberto nunca deixou de trabalhar no Centro, mas compreende que a permanência em um lugar específico pode depender de alguns fatores como, por exemplo, do poder municipal, ou do seu deslocamento com as mercadorias. Isso significa ver o espaço que ocupa como “seu” por um tempo determinando, como afirma na fala a seguir:

Tem ponto fixo não. Já trabalhei em vários cantos e agora tô aqui. Porque tá mais liberado e porque a mercadoria tá muito pesada pra sair andando. E tô guardando aqui pertinho. Uma confiança. A chinesa e o chinês me deu a chave de um lugar bem grandão. (ROBERTO, Percurso 02, informação verbal).

Percebemos que, apesar dessas duas diferentes formas de se relacionar com o espaço e o tempo, todos optam por sempre permanecer no Centro de João Pessoa e o escolhem para comercializar, mesmo morando em bairros periféricos ou em outros municípios. Como Davi (Percurso 01) que mora em Bayeux (município da região metropolitana de João Pessoa) ou A. e a mãe (Percurso 01) que moram no Cristo (bairro de João Pessoa). Isso nos faz passar a compreender o camelô e o ambulante como parte fixa e estável da rua. E a fala de Jô reforça essa ideia:

[Como você vê as mudanças que aconteceram aqui nesse espaço?] - Esse espaço nunca deixou de ter ambulantes, nunca. Aumentou, aumentou o desemprego, tem que arrumar a sobrevivência de outra maneira (JÔ, Percurso 02, informação verbal)⁵⁸.

Pensar o camelô como parte constante (fixa) da rua é também refletir sobre aspectos de insistência do camelô no espaço ao longo do tempo:

Faz 18 anos que tô aqui e faz 18 anos que tô aposentado como vigilante. Tive um acidente. Passei três meses recuperando e decidi vir vender doce aqui. Se você hoje

⁵⁷ Entrevista concedida por ÍTALO. Entrevista VII. [Fev. 2013]. Entrevistador: Alessandra Soares. João Pessoa, Paraíba, 2013. 7 arquivo .mp3 (37 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

⁵⁸ Entrevista concedida por JÔ. Entrevista IV. [Fev. 2013]. Entrevistador: Alessandra Soares. João Pessoa, Paraíba, 2013. 5 arquivo .mp3 (37 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

perguntar se eu quero ficar aqui ou quero viver da minha aposentadoria, eu prefiro ficar aqui, tu acredita? Vir pra aqui todo dia. Já venho almoçado e aqui sempre foi essa loja. Mas essa aqui do lado não era, aqui era a padaria. Padaria Fluminense, que agora foi pra aquela outra esquina. [Comentei que na hora da entrevista, aproximadamente 15h, já vendeu quase tudo] – É, mas eu não quero ir embora, só quando dá cinco horas (JÔ, Percurso 02, informação verbal).

Quando afirma que conseguiu permanecer, mesmo com as mudanças que ocorreram no Centro, talvez possamos fazer uma leitura no sentido de que ele é mais “fixo” do que vários lojistas. O Centro é modificado, as lojas mudam de lugar, porém ele permanece no mesmo “canto”.

Assim, desponta a ideia de que algumas das características dos camelôs são a insistência e a fixidez. Outra característica, relacionada às duas anteriores, é a flexibilidade, no que se refere à venda de mercadorias adequadas ao período do ano (adaptação de acordo com as demandas).

Essa flexibilidade foi identificada durante os percursos 01 e 02, em alguns trajetos realizados entre o mês de Dezembro e Janeiro, isto é, em um período de festividades e próximo da volta às aulas. Também é um período em que a quantidade de pessoas e mercadorias circulando na região cresce visivelmente. Percebemos que, com a aproximação do período de volta às aulas, muitos camelôs adaptaram suas mercadorias de Natal e Ano Novo para esse período de novas demandas. Encontramos vários ambulantes/camelôs vendendo cadernos com os desenhos da moda, bolsas escolares, estojos etc. A imagem, a seguir, exemplifica um camelô vendendo artigos escolares.



Figura 19 – Camelôs vendendo material escolar - registro realizado no mês de Janeiro de 2014. Fonte: Alessandra Soares, 2014.

Vemos como pertinente as observações de Mayol (1994) sobre a família R., referindo-se ao tempo como legitimador de um espaço, ou de uma territorialização:

Aqui não existe cálculo explícito, consciência elaborada das situações, estratégias complexas pensadas com antecedência. A territorialização do espaço público é infinitamente mais sábia ainda, entretecida nas necessidades históricas radicalizada no processo do reconhecimento. Trata-se de uma diversificação prática que visa exumar lugares próprios, e próprios somente a este ou àquele tipo de relação. Sob esses pacotes de hábitos banais, não é a aparência rotineira que se deve visar, não é o fluido tranqüilo de um dia de semana após o outro, das semanas, dos meses, dos anos; é o ritmo produzido no tempo por essa família e pelo qual ela pratica a sua singularidade. A exterioridade (aqui o bairro) se interiorizou, e ao mesmo tempo a interioridade se exterioriza nesse espaço que foi reapropriado, por se ter tornado uma exclusividade, ou seja, alguma coisa que faz sentido por oposição (MAYOL, 1994, p.90).

Podemos pensar na perspectiva de um ritmo produzido ao longo do tempo, substituindo a família R., seus percursos e laços de parentescos, por trabalhadores de rua, no Centro, em busca de um espaço para comercializar. No universo desses trabalhadores encontramos um ritmo constante de camelôs e de ambulantes, criando percursos, laços sociais e ocupações próprias, territorializando espaços. Cabedelo, por exemplo, circula pelo Centro há mais de 30 anos e está na segunda geração através do seu filho, Roberto. Também vemos a reapropriação de lugares, como a registrada no Percurso 03 (calçada da Av. Visconde de Pelotas), onde foram retiradas as barracas de camelôs, passaram-se alguns anos sem os trabalhadores, mas aos poucos eles voltaram a vender na calçada, porém a partir de uma nova maneira de ocupação. A insistência e flexibilidade no espaço garantem a fixidez, que pode ser compreendida através de um ritmo que se modifica ao longo do tempo.

- **Ocupar e se manter no espaço**

Ao finalizarmos os três percursos, percebemos que a maioria dos camelôs com os quais conversamos eram fixos no espaço, e que os temas mais recorrentes dos diálogos giraram em torno das descrições de como ocupam o espaço e o que fazem para se manter nele.

Importa destacarmos o fato de que vários camelôs apresentaram em suas falas a preocupação em ocupar pouco espaço nas calçadas - de modo a não atrapalhar o fluxo dos pedestres. Como, por exemplo, Jorge que procura estabelecer um pacto com os lojistas (veremos mais a frente em que consiste) e adapta constantemente a sua forma de vender de acordo com esses dois critérios - ocupação de pouco espaço na calçada/ acordo com os lojistas.

[Perguntei como é o seu trabalho] - Tem recuo em uma loja que tá fechada. A dona da loja não vai abrir a loja. É claro que se ela abrir a loja vou diminuir o tanto de mercadoria que coloco, mas vou continuar trabalhando no recuo. Porque se eu for trabalhar na calçada vou usar o espaço do pedestre, então eu uso o recuo da loja. No canto na parede, para não atrapalhar o espaço público. Com pouco vou tentar trabalhar para sobreviver. Quando ela for reformar eu vou encontrar uma forma de me adaptar no espaço, sem atrapalhar ela, sem atrapalhar a calçada. Porque se vier

alguém falar que eu tô atrapalhando, eu vou perguntar: em que estou atrapalhando? Quem foi que falou pra você vir mexer comigo? (JORGE, Percurso01, informação verbal).

Compreendemos a descrição de Jorge sobre a ocupação do "canto" como uma alternativa para se manter no espaço. Ele soluciona a exigência de deixar a calçada livre e, ao mesmo tempo, de expor as mercadorias de modo visível, se adaptando ao que existe, no caso, um recuo de uma loja fechada. Se a loja abrir, ele terá que pensar em um novo arranjo, ou seja, se adequar à nova realidade.

A mãe de A. também demonstra a sua preocupação em ocupar pouco espaço da calçada, a fim de facilitar a circulação dos pedestres:

[Expliquei a minha pesquisa a A. e o fato de que cheguei até ela a partir da indicação de Jorge] – [...] A desorganização também. Ali [aponta no sentido da Lagoa] é o seguinte, desde ali, seguindo a Insinuante e o Armazém Paraíba, ali embaixo é cheio de bolsa, entendeu? Aqui todo mundo tenta organizar seu cantinho. Mas os dali não colaboram, botam tudo no chão sem pensar em nada, sem deixar espaço. Se a prefeitura tá tentando organizar é para todo mundo colaborar [A Prefeitura Municipal de João Pessoa, junto com a Associação dos Ambulantes, decidiu realizar um cadastramento dos ambulantes de João Pessoa. A Rua Santo Elias é um dos pontos iniciais desse cadastramento]. Não tomar muito espaço na calçada (MÃE DE A., Percurso 01, informação verbal).

Essa preocupação, que ela chama de “tentar organizar”, aparece vinculada com a identificação e localização dos "desorganizados" - final da Rua Santo Elias, próximo ao Parque Solon de Lucena. Para ela, os “desorganizados” estão relacionados à atitude de não ter a preocupação de ocupar pouco espaço na calçada.

Quanto à lógica de ocupar pouco espaço, quase todos os entrevistados adotam alguma solução. Lembremos que Júnior desenvolveu uma estrutura própria para vender a sua mercadoria, um expositor pequeno que pode ser facilmente deslocado e que comporta muitas mercadorias. Jô e João ocupam as fachadas e se posicionam ao lado da mercadoria, sempre deixando o espaço de fluxo livre para pedestres. Davi segue a mesma lógica de deixar o expositor apoiado na parede da loja e ocupar pouco espaço. A adaptação dos expositores de mercadorias, a apropriação das paredes, o posicionamento dos carrinhos de forma estratégica demonstram a procura por deixar sempre o espaço de fluxo de pedestres livre para circulação.

Retratamos diversas formas de ocupação das calçadas pelos camelôs ao realizar o trajeto com Luciano. Alguns ocupam as margens da calçada, outros ocupam o meio-fio com a mercadoria no chão ou no braço, entre outras maneiras. Ressaltamos algumas dessas formas nas imagens abaixo:



Figura 20 - Formas de ocupar a calçada pelos camelôs. Fonte: Ilustrações, fotografias e edição, Alessandra Soares, 2014.

A partir do quadro acima, podemos perceber diversas disposições de ocupar a calçada: com mostradores, carrinhos, alguns utilizando o próprio corpo como suporte, e outros dispondo a mercadoria no chão. As situações registradas podem ser vistas, geralmente, durante o dia, (um turno de trabalho) entre às 8h até às 18h, de segunda a sábado. Os camelôs entrevistados geralmente ocupam o espaço dentro desse período do dia, organizam o “seu” lugar para comercializar e no final da jornada desmontam e retiram tudo. Para isso, utilizam carrinhos e estruturas com rodinhas, suportes de fácil locomoção e alguns mantêm um acordo com o lojista de deixar o suporte e os produtos dentro da loja como, por exemplo, no caso de Davi (Percurso 01).

Todos os dias o espaço é reconstruído e as formas de apresentar as mercadorias estão sempre sendo replanejadas. A ideia de ocupação e permanência no espaço é construída diariamente e sem estrutura fixa, constantemente adaptada. É o corpo presente que afirma o

espaço conquistado. Em uma fala de Jorge, por exemplo, essa adaptação constante está presente: “*Tem recuo em uma loja que tá fechada. A dona da loja não vai abrir a loja. É claro que se ela abrir a loja vou diminuir o tanto de mercadoria que coloco, mas vou continuar trabalhando no recuo*” (Percurso 01, informação verbal).

- **Pacto com lojista**

Observamos que a forma de permanecer e ocupar a calçada pode ser um tipo de apropriação do espaço apoiada na relação entre o formal e o informal, isto é, entre os donos de lojas e os camelôs. Consideramos essa relação como um tipo de estratégia adotada pelos camelôs com os quais conversamos. Citamos aqui o caso de Davi que mantém uma relação de troca com o lojista, guarda a sua mercadoria dentro do estabelecimento e em troca não deixa outro camelô se estabelecer. Jô explicou a sua relação com o lojista de forma parecida, ocupa um pedaço da fachada da loja a partir da relação com o dono e também A. e a mãe têm o apoio de um lojista.

Como vimos nas falas da Mãe de A.:

Aqui eu sou amiga dos donos da loja. Aqui essa dona me disse: não quero ninguém mais aqui do que você. Aí quando vem algum outro eu digo: Épa! Aqui não, porque a mulher não quer nada aqui. [...] [Perguntei se já trabalhou em outro canto] Trabalhei também cinco anos na parede da Fininveste, porque na época eu era muito amiga da gerente (MÃE DE A., Percurso 01, informação verbal).

Compreendemos que para se manter no espaço em que se encontra ela necessita aceitar algumas regras impostas pela relação com o lojista como, por exemplo, excluir a presença de outros camelôs iguais a ela.

Percebemos que o elo com os lojistas é uma prática recorrente nos percursos. As trocas existentes entre os camelôs e o comércio formal nos leva a pensar nas possíveis conexões entre algumas ideias presentes no *Ensaio sobre a Dádiva*, de Marcel Mauss, e o que encontramos em campo. Nessa obra, Mauss postula que a dádiva (o dar-e-receber) é fundamento em toda sociabilidade e comunicação humana e que através dela produzimos as alianças. O dar-e-receber é uma ação que acontece constantemente em diversas relações no mundo dos camelôs, a com os lojistas é uma dessas.

Na imagem seguinte, percebemos a existência da cumplicidade entre as duas entrevistadas (A. e a mãe) e um lojista. Importa salientar que as mercadorias estão dispostas na parte da fachada onde não há vitrine.

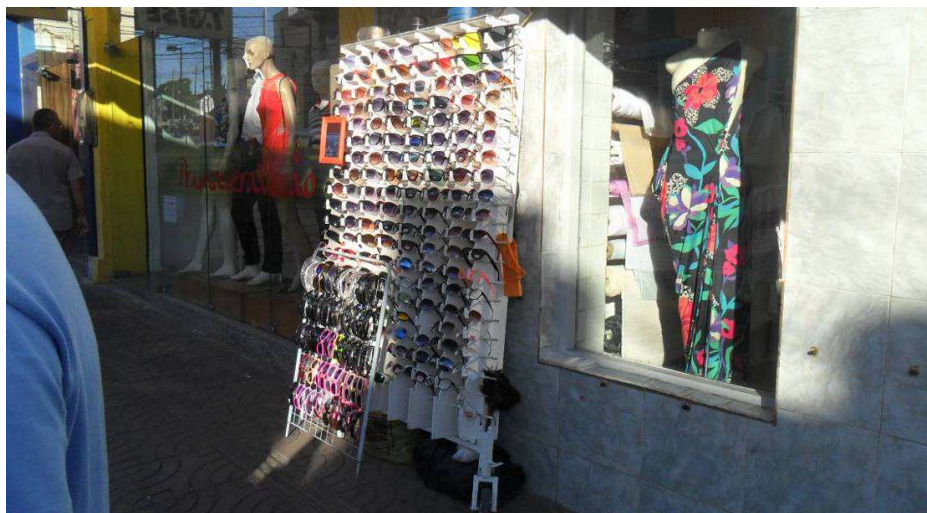


Figura 21 – Expositor de óculos apoiado na fachada de um comércio. Rua Santo Elias. Fonte: Alessandra Soares, 2013.

Importa refletir um pouco acerca da construção cotidiana da permanência no espaço realizada por camelôs. O local e o tempo de permanência são conquistados por estratégias que passam principalmente pelo diálogo com o comércio formal, através da relação com os donos das lojas em que estão apoiados na fachada. A permanência de João, por exemplo, é influenciada principalmente pelo fato de transitar entre o trabalho formal e o informal. Com o respaldo do trabalho formal, ele tem espaço para guardar e comercializar as suas mercadorias. No caso de Jô, além de ser favorecido pelo respaldo dado a João - a partir do seu emprego formal -, ele também tem o diálogo com o dono da loja em que está apoiado como algo crucial a sua permanência. Outro fator importante é a mercadoria que vende, um doce artesanal pouco ofertado no Centro da cidade e classificado pela prefeitura como comida, com potencial turístico, que pode ser vendida na rua.

O apoio dos lojistas parece fundamental para permanecer no espaço, adaptar a ocupação e não permitir a entrada de novos camelôs. A partir deles (dos lojistas) podem surgir “pactos”, troca de favores, onde muitas vezes o camelô acaba servindo de vigilante da calçada em que se encontra a loja, regulando a não apropriação dos espaços por outros camelôs. Nessas relações, muitas vezes as mercadorias do camelô se confundem com as do lojista, como no caso de Davi e a Mãe de A. (Percurso 01).

O elo entre o formal e o informal gera uma ambiguidade no que se refere aos limites entre esses campos. Percebemos que os espaços ocupados por camelôs, primeiramente atribuídos como opacos (por pertencerem a um setor marginalizado), nem sempre são invisíveis. A partir desse vínculo, é importante questionar se existe em tais “pactos” uma subordinação dos

camelôs a uma racionalidade dominante? Ou será que esses vínculos se caracterizam por uma imbricação de racionalidades heterogêneas?

É provável que não possamos classificar a relação entre camelôs e lojistas como sendo atravessada simplesmente por uma única dimensão. Entendemos que, a pesar da relação desigual de “forças” entre lojistas e camelôs, esses impõem certas diretrizes às “regras do jogo” das relações com o setor formal.

- **Princípio da organização:**

Observamos que entre os camelôs com que conversamos a forma de se manter e ocupar segue lógicas parecidas. Começamos a identificar algumas ações e técnicas (para se manter) empregadas no universo do trabalho da rua que se repetem na ocupação de diversos espaços: dispor a mercadoria nas paredes das fachadas⁵⁹, nas margens da calçada, em escadas, nos postes ou no próprio carro dos vendedores, lugares desocupados, deixando o espaço central da calçada livre para o fluxo; utilizar expositores com rodinhas, para facilitar o transporte; dialogar constantemente entre eles e com os lojistas; escolher os melhores horários e lugares para comercializar; e retirar todo o material ao final do dia. Há um padrão na ocupação, identificado como “princípio da organização” que surge através das falas dos entrevistados, sobretudo ao repetirem diversas vezes as palavras “organização”, “organizar” “organizado” ou “desorganizado”.

É interessante frisar que no primeiro percurso todos os camelôs entrevistados consideram que estão longe da “bagunça”. Isto é, desorganizados são os outros, os que vendem e ocupam grande parte da calçada com muitas mercadorias expostas. Os camelôs da “bagunça” estão localizados, principalmente, na parte final da rua - próxima ao anel externo do Parque Solon de Lucena, como exemplificou a mãe de A. ao descrever como ocupam o espaço e no trecho em que critica as mulheres que vendem bolsas, taxando-as como desorganizadas:

Esse prefeito agora quer organizar. É... não sei. Mas já entra o Ministério Público que quer a calçada livre. Mas é como eles dizem lá: cabe à prefeitura organizar. A gente aqui mesmo... eu não tô incomodando a passagem. Mas tem gente que bota, pega o carrinho e bota aqui [apontou para o meio da calçada], desce bolsa na calçada toda (MÃE DE A., Percurso 01, informação verbal).

⁵⁹ As concessões do espaço de uma fachada, a possibilidade de se estabelecer na frente de lojas ou de guardar os expositores dentro das mesmas, se dão a partir de trocas entre os donos das lojas e os camelôs. As atividades - envolvidas nas trocas - mais comentadas foram: limpar a calçada e/ou não permitir que outro camelô se instale no espaço da fachada da loja.

Ítalo também enfatizou o tema da organização da calçada ao afirmar a importância da existência de uma lógica de organização dos camelôs no espaço, que leve em consideração a necessidade de deixar as calçadas livres para circulação.

Desde que eu cheguei boto aqui, e ficou. A gente fica pedindo sempre que não bote no meio da calçada, por causa do pedestre. O meu fica ali entre as duas faixas e é bem estreitinho. [Pergunto sobre o expositor de óculos que está bem no meio da passagem] Não, esse daqui ninguém falou nada não. Mas quando cadastrar isso aqui direito, isso aqui não vai ficar aqui não. O cadastro é pra quem já tá no lugar. Lá na [rua] Santo Elias, tinham 38 camelôs, só ficaram 32. De qualquer maneira, tem que organizar. Porque se não organizar vira uma bagunça muito grande. (ÍTALO, Percurso 03, informação verbal).

Existe uma busca pela “organização” que parte dos próprios camelôs e da associação, como fala Roberto:

Quinta-feira vem a Associação dos Ambulantes aqui, junto com a gente, organizar aqui. Botar tudo para um lado, pra livrar a passagem de pedestre. Falamos que aqui, mais ou menos, tem umas 15 pessoas. Vai ser difícil. [Alguns dias depois, ao passar no local, percebi que estavam todos nos mesmos lugares] (ROBERTO, Percurso 03, informação verbal).

Podemos afirmar que a insistência, as adaptações ao longo do tempo, algumas vezes o apoio do comércio formal, vinculado a práticas e discursos do “princípio da organização”, ajudam a legitimar a apropriação e ocupação do espaço pelo camelô. A incorporação do discurso da ordem e da organização, necessária principalmente ao aceitar o pacto com o lojista, se vincula a não aceitação de novos camelôs e à crítica aos que não o praticam, como no caso da mãe de A., que identifica os “bagunçados” a partir disso.

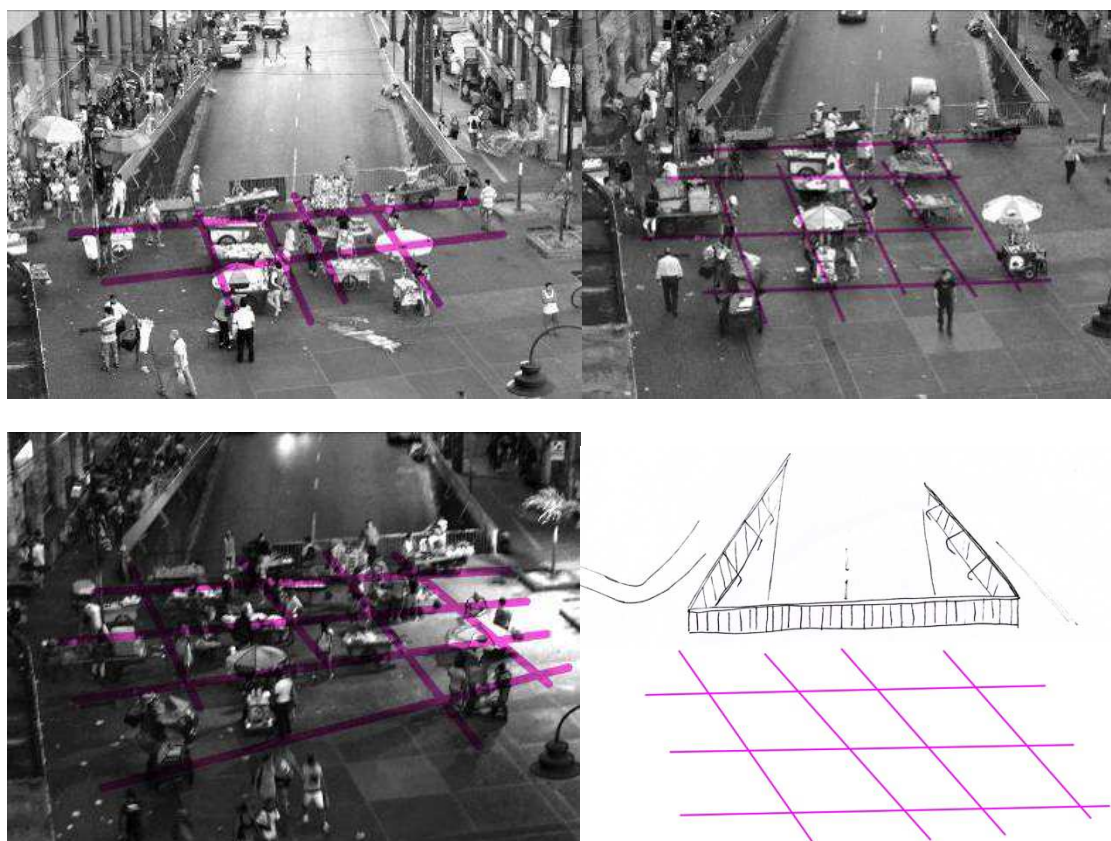
O tempo no espaço contribui para a manutenção da utilização cotidiana de um local de trabalho, ao gerar confiança e um “domínio” do lugar. Em vários momentos das conversas, tempo de utilização do lugar e confiança de permanência no mesmo aparecem diretamente proporcionais. Isto é, há uma diluição do sentimento de ameaça e medo quanto à possibilidade de ser retirado ou expulso do lugar. Vimos que essa possibilidade envolve não apenas a relação entre os camelôs/ ambulantes e o poder público, mas também a relação estabelecida entre os próprios vendedores de rua. O tempo de permanência interfere na disputa - entre camelôs - por espaço. Cabedelo⁶⁰, por exemplo, não se preocupa com o cadastro dos trabalhadores de rua realizado pela Prefeitura Municipal; ou Roberto, que mesmo tendo que sair de onde se localiza sabe que encontrará outro canto no Centro.

⁶⁰ Entre outros temas comentamos sobre o cadastramento e ele afirmou que não tem interesse em realizar o cadastro, não faz diferença no seu trabalho. Nessa afirmação, ficou evidente a importância do elemento “tempo” na confiança de Cabedelo quanto à permanência no espaço. (Diário de Bordo, 2014)

O melhor conceito encontrado para interpretar essa relação de apropriação do espaço no tempo é o de “território usado”, de Milton Santos (2011): “o território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence” (2011, p.96). Assim, o território deve ser compreendido como território usado, utilizado por uma dada população.

- **Fluxos cartesianos**

Continuando na perspectiva da prática do “princípio da organização” como discurso legitimador do espaço, percebemos a repetição da disposição dos carrinhos dos trabalhadores informais. Realizamos as observações e os registros dessa prática a partir de um ponto elevado da Praça Vidal de Negreiros. Captamos imagens em curtos intervalos de tempo (das 17h às 18h), a fim de enfatizá-la, sobreposemos algumas linhas nas fotografias abaixo:



Figuras 22 – Organização dos camelôs na Praça Vidal de Negreiros. Fonte: Alessandra Soares, 2013.

Percebemos que da primeira para a terceira fotografia, cresce o número de carrinhos no mesmo espaço, porém a disposição cartesiana, que faz alusão a um tabuleiro de xadrez, se mantém, uma característica que também podemos relacionar ao “princípio da organização”.

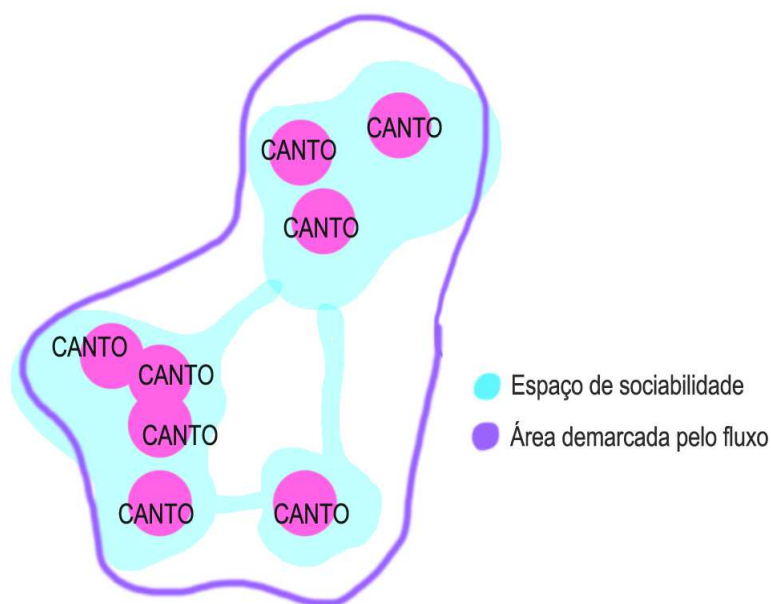
A semelhança da disposição dos carrinhos com uma malha urbana de uma cidade moderna e as características de organização adotadas pelos entrevistados talvez pressuponha um discurso que considera o espaço urbano através de regras engessadas e estáticas, como por exemplo, o da legitimação da ocupação do lugar pelo fator do tempo e das relações sociais.

- **O canto**

A busca pelo espaço começa a ser identificada como a busca pelo canto:⁶¹ um lugar que consegue se apropriar através das diferentes ações vistas anteriormente. Há aí a suposição de um espaço delimitado e individual: “[...] é um querendo invadir o canto do outro [...] organizar o seu canto” (MÃE DE A., Percurso 01, informação verbal). Percebemos que cada camelô procura ocupar um espaço que seja “seu” - que muitos designaram como “canto”. Na concepção de Roberto, é o espaço de trabalho: “Já trabalhei em todos os cantos, rodoviária, na C&A... Trabalho com óculos, chapéu... amanhã vai vir capa de celular.” (ROBERTO, Percurso 03, informação verbal).

A partir das ações de táticas e a busca do camelô para se fixar em “seu canto”, conseguimos visualizar alguns espaços ao longo dos percursos que mantêm características parecidas. Começamos com a identificação de um espaço descrito por eles como “bom para se localizar”, que é uma área demarcada pelo fluxo de pessoas, esses espaços geralmente são ruas movimentadas ou trechos de praças. Como indicou Júnior: “só digo uma coisa, ninguém quer ficar onde não vende, onde vende é que a turma quer ficar” (Percurso 01, informação verbal). Dentro dessa área de fluxo, os camelôs procuram o que intitulamos de “canto”, é o espaço individual em que comercializam as mercadorias e o adaptam às condições do local. Geralmente esse “canto” é próximo de outros cantos o que transforma em um espaço de sociabilidade e convívio diário, de alianças, de controle e fortalecimento de laços. Esquematizamos, a seguir, essas características de ocupação da seguinte forma:

⁶¹ Através de pesquisas descobrimos que a palavra “canto” já era utilizada no século XIX. “os cantos eram espaços delimitados e constituídos para os homens (e mulheres) das ruas trabalharem, ou melhor, concentrarem-se aptos à espera de trabalhos. Eram, normalmente, esquinas, movimentadas das cidade. (DURÃES, 2006).



Esquema 05 – Esquema que representa a relação espacial dos camelôs e ambulantes. Elaborado por Alessandra Soares 2014.

No trecho, a seguir, identificamos a existência de áreas no Centro que são disputadas para o trabalho na rua, espaços que aglutinam os camelôs.

Agora a pessoa que trabalha com mercadoria, como a gente trabalha aqui, tem que ficar num canto que passa gente. Que só vendo onde passa pessoa. É o cara pegar a gente aqui e colocar naquela rua que não passa ninguém. É o tipo da coisa, é difícil demais convencer a mente de um ambulante a fazer tal coisa. Um quer uma coisa, outro quer outra... Ele pode sair dois dias, mas depois ele volta. Depois ele volta porque já se identifica com muita gente aqui na rua. Tem os donos das lojas, o pessoal que trabalha... o costume de você trabalhar. Aí te levam para outra rua, chega desanima. É como você sair de João Pessoa para andar em São Paulo. Não fica perdido? A mesma coisa é um ambulante de um canto para outro, ele se perde. Tem aquela adaptação, aquela história toda. Quando eu saí de lá pra cá [Júnior se refere ao período em que trabalhou no estacionamento da C&A, vendendo DVDs em um carro. Por receber ameaças de alguns agentes da Sedurb decidiu sair, vender o carro e ir para o local onde trabalha atualmente] tive que ir me adaptando. Vendia muito mais lá. Depois de um tempo foi melhorando e tomando alegria de trabalhar (JÚNIOR, Percurso 01, informação verbal).

A construção de um "canto" parece estar atravessada pelo seguinte dilema: não pode se dar em um espaço de intensa opacidade, pois a venda de mercadorias depende do fluxo de pessoas, mas também se deve evitar os espaços mais "luminosos", pois, apesar de serem espaços com fluxo intenso de pessoas, oferecem maior risco à permanência, devido à sua visibilidade. O espaço "intermediário" entre "luminosidade" e "opacidade" desponta como o mais conveniente à construção do "canto". A partir do posicionamento de Júnior, talvez possamos caracterizar o espaço onde trabalha como sendo mais "opaco" do que outros espaços do Centro. A Lagoa, por exemplo, aparece em oposição a tal "opacidade", na medida em que é um dos mais importantes espaços turísticos da cidade, isto é, um local de maior visibilidade pública.

- **Identificação com o espaço**

Quando Júnior fala da sua história de mudança de canto, no trecho acima, percebemos que existe, de acordo com ele, uma construção de identidade entre o trabalhador e o espaço onde vende suas mercadorias e essa relação faz com que os trabalhadores queiram permanecer no mesmo local. Associamos essa identificação com o convívio que surge da reunião desses “cantos”. Podemos exemplificar o espaço de sociabilidade em todas as conversas: no encontro com Júnior em que Marcos acabou participando da entrevista por vender ao seu lado e escutar nossa conversa. Na calçada da Rua Visconde de Pelotas com Ítalo, Maria e Roberto, um espaço em que sempre existe uma conversa “coletiva”. Na conversa com Jorge e Lôra, no diálogo de A. e a mãe, ou no espaço de Jô e João e no canto de Cabedelo.

A identidade e o vínculo com o local aparecem na conversa com Jô ao revelar a importância de estar na rua vendendo doces, na medida em que através desse espaço mantém relações sociais:

Minha aposentadoria é boa, mas eu venho por amor. É bom tá na rua. Decidi tirar 15 dias de férias. Fui pra Alagoa Grande [PB], só passei três dias. Eu não conseguia dormir. Era esse me ligando [o homem que conversei em seguida, que tem um fiteiro na fachada, ao lado de onde Jô vende os doces]. O povo tá atrás de doce! Amanhecia todo quebrado. Peguei minhas coisas e vim. Cheguei aqui e as dores passaram, acredita? Eu só paro quando morrer. Enquanto puder empurrar esse carrinho, eu me sinto bem, não sinto nada. Eu só tenho férias se for pra uma cidade bem longe. Porque se ficar por aqui, eu fico: "Eita, esse cara compra doce a mim, porque eu num tô vendendo a ele?". Mas se eu tiver distante, conhecendo outras pessoas, aí eu paro (JÔ, Percurso 02, informação verbal).

Em diversos momentos da entrevista, captamos a existência de conexões de amizade no lugar onde ele trabalha. Enquanto Jô desenvolvia uma de suas falas, por exemplo, vimos uma mulher, que estava sentada na nossa frente, se aproximando e deixando encostado, dentro do carrinho dele, um copo contendo a sopa que é distribuída todas as tardes, no Cem Réis. Em Jô, também nos chamou a atenção a quantidade de informações lançadas, nomes de pessoas, preços, datas, entre outros. Certamente isso indica o fato de estar imbricado com o local de trabalho.

Outra relação de intimidade e companheirismo foi percebida entre os camelôs que trabalham na calçada da Av. Visconde de Pelotas. Isto é, o espaço da calçada em que eles se encontram é um espaço de sociabilidade. Ítalo, em um determinado momento de seu depoimento, apontou para a existência do sentimento de fraternidade entre os camelôs que trabalham no mesmo espaço.

[Ítalo falou sobre o seu trabalho antes de ser camelô: tinha um bufê e decorava festas de casamento. Mudou por ter prejuízo financeiro] - Olhe, pra mim não tem tempo ruim não. Eu nem ligo, vou trabalhar e arrumo de novo. Aqui a gente se ajuda. Aqui conheço todo mundo. É mesmo do que ser irmão (ÍTALO, Percurso 03, informação verbal).

O fato de que os camelôs que trabalham no mesmo espaço se conhecem evidencia que a aproximação entre eles envolve tanto o aspecto da união/aliança (defesa coletiva a possíveis violências etc.) quanto do controle (crítica aos camelôs empresários e impedimento de novos camelôs se estabelecerem no espaço). É possível que a sociabilidade existente entre os camelôs e ambulantes possa ser interpretada a partir desse duplo aspecto (aliança/controle).

A presença do controle no espaço pode ser percebida no trecho em que Jorge demonstrou conhecer a vida de outras pessoas que trabalham nas proximidades. No lugar onde ocorreu a conversa com Jorge existe a presença de pessoas que se aproximam para beber água, conversar, mas também visualizamos o aspecto da regulação:

[Jorge retomou sua fala] - É como o cara que tem um Box no CCP [Centro Comercial de Passagem] e a mulher vende bolsa ali. O outro tem um Box no CCP e tem outras pessoas trabalhando na rua. O problema é de gestão. Nessa rua todo mundo conhece todo mundo. Não tem como mentir, são muitas falas para confirmar. Ali é o Nininho [aponta em uma direção e descreve a vida familiar de um camelô que trabalha nas proximidades]. Os novatos que tão chegando de fora tem que saber por que tão chegando aqui. Camelô tem em todo mundo, tem nos Estados Unidos, na China (JORGE, Percurso 01, informação verbal).

Júnior também demonstrou conhecimento sobre a vida de outros trabalhadores. Na descrição, ele trata a questão da identidade do camelô com o espaço exemplificando a partir da história de Marcos e Luciano – um camelô e um ambulante. É interessante perceber como essa situação (fala de Júnior sobre as escolhas de Marcos e de Luciano) possivelmente explicitou o fato de que muitos indivíduos do grupo pesquisado, mesmo participando de subgrupos diferentes (os móveis e os fixos), se conhecem e sabem das trajetórias alheias de trabalho.

Eu acredito que a coisa mais difícil que exista hoje é retirar um ambulante do local dele. É difícil. Esse aqui [Marcos] está há 10 anos. Mesmo apurando bem pouquinho, mas é melhor do que ir para lá [apontou na direção do Parque Solon de Lucena], que o cara fala que ganha muito. Ele nunca aceitaria trabalhar lá, pois o costume dele é trabalhar aqui. Na praia ele não quer [fomos interrompidos por Luciano, o ambulante que vende brigadeiros andando pelas ruas do Centro com um microfone, oferecendo brigadeiros]. Ai é que tá o problema, muitos querem andar e outros querem ficar parado. Ele [se referindo a Luciano], se você botar uma banquinha e colocar, não fica. [Luciano fala] - Eu não fico não, já tentei várias vezes. [Depois foi embora] (JÚNIOR, Percurso 01, informação verbal).

Para adquirir esse conhecimento sobre as pessoas, os ritmos e acontecimentos do lugar, o camelô precisa permanecer muito tempo no espaço. Como exemplo de uma longa jornada de trabalho, utilizamos a descrição de João acerca dos seus horários:

[A partir de que horas você chega?] - Eu chego cedo. Tem dias que eu chego às seis da manhã, pra abrir a clínica. O resto do dia eu fico por aqui. O fiteiro eu guardo aqui dentro. Moro aqui perto do Comando Militar. Passo o dia aqui, o dia todo. Depende do trabalho, tem dias que tem algo para fazer à noite. Eu fico aqui (JOÃO, Percurso 02, informação verbal).

Por permanecer muito tempo no lugar, eles compreendem as regularidades do espaço, sabem os horários de maior concentração de pessoas, como acontece a maioria dos acidentes nas proximidades e como o público varia de acordo com os dias da semana.

Como vemos, o exemplo de controle pode ser identificado em uma passagem durante a conversa de Júnior em que percebeu um carro do STTRANS em cima de uma faixa de pedestre. Em seguida, ligou para um primo e pediu para ele fotografar e veicular o acontecimento nas redes sociais. Percebemos que essa tentativa de regulação do espaço pode surgir através do uso cotidiano da rua.

Se meu carro não pode o dele também não pode. Não é porque ele é autoridade que o carro dele pode ficar ali na faixa. Eles atuam como fiscalizadores. [Marcos colocou a sua opinião] - Pode, pode sim! (JÚNIOR, Percurso 01, informação verbal).

Começamos apontando para uma relação imbricada de controle/aliança com a identificação com o lugar, sustentada a partir da seguinte afirmação: [Marcos] – Somos o termômetro da rua! A minha escola é a rua (JÚNIOR, Percurso 01, informação verbal). Se identificar como termômetro da rua é se designar como referencial e possível “leitor” do espaço.

A ideia de aliança surge pela relação de companheirismo existente entre eles, mas também através de “parcerias” como a que relata Roberto ao indicar que guarda as suas mercadorias em um galpão do seu fornecedor: “Confio em ninguém não, só em você, só em você [imitando a chinesa que cedeu o galpão]. Através de uma mercadoriazinha que devolvi que veio a mais. Criou uma grande confiança” (ROBERTO, Percurso 02, informação verbal).

Outra ação de aliança que ajuda a se manter no espaço é sempre dialogar e buscar fazer amizades:

Quem procura fazer amizade é mais tranquilo, o que perde mais é aquele que quer brigar. Você tem que ser insistente. Ele vai embora, você volta. A turma quer ficar onde vende, e ele quer que você vá para uma rua que ninguém nem veja. Mas o lugar onde ele [se refere ao poder público] não lhe vê é também o lugar onde você não vende. (JÚNIOR, Percurso 01, informação verbal).

Voltamos à perspectiva de Jorge sobre a necessidade de trabalhar na rua para falar da identidade do camelô com o espaço:

É isso, sou um cara que luta para sobreviver e não acho bom trabalhar como camelô. Gosto do dia-a-dia. O que é legal é ver uma pessoa feliz. Aí entra trabalhar, vem a questão da rotina e do cotidiano. O cotidiano ele tem um significado e a rotina não.

Mas quando você dá significado àquilo que você faz, tudo muda. Então eu gosto do que eu faço nesse cotidiano. Conversar com a pessoa. Eu dou um filme pra ela que sei que vai ser bom, ela pode tá precisando daquilo. Tem isso aqui [se refere ao espaço de convivência próximo ao carro de Lôra] (JORGE, Percurso 01, informação verbal).

Verificamos no seu depoimento que essa busca pela sobrevivência envolve uma trama complexa de interações sociais com outros camelôs e com pessoas que circulam no seu espaço de trabalho. No trecho acima, essas relações parecem terminar dando sentido à experiência de trabalho dele.

Percebemos que algumas das características dos camelôs são: a insistência, a flexibilidade e a fixidez no espaço. Para ocupar e se manter, criam critérios, valores e transformam o espaço a partir dessas qualidades, o que gera encontros, trocas de informações, de narrativas de experiências, entre outras ações que vão além das atividades específicas de compra e venda. Por que não pensar na ideia de que os trabalhadores de rua “fazem cidade”, seguindo o conceito de Michel de Agier, que criam um lugar de convivência que pertence a uma teia de relações sociais a partir de contra-usos (o da apropriação)?

Inevitavelmente, essa questão nos leva a uma segunda: que espaços são esses apropriados pelos camelôs? Continuando na perspectiva de Agier, podemos compreender esses espaços apropriados pelos vendedores de rua como “[...] espaços entre dois, nem demasiado dentro nem demasiado fora. O que nos leva à ideia de rua, não ao fato em si mesmo da rua mas à ideia de rua como intermediária entre a grande praça anônima e o lar doméstico” (AGIER, 2011, p.188).

3.3. Tensões: relação entre camelô e poder público

- **Conflitos (pega! ou encosta lá no cantinho)**

Júnior e Marcos começam a entrevista com uma afirmação, que revela o conflito como centro da vida deles de camelô:

[Marcos] - É uma briga, a gente tem sempre que se reinventar. [Júnior] - Eles tentando combater a gente e a gente lutando para trabalhar. [Marcos] - A vida é essa... assim. Não tem muita coisa diferente não (JÚNIOR, Percurso 01, informação verbal).

Quando tratamos da relação entre camelôs e poder público, esse último elemento remete, sobretudo, ao poder de gestão municipal. Desde a primeira entrevista nos chamou a atenção a constante comparação feita pelos entrevistados entre gestões municipais, mais

especificamente entre a atual e a anterior. As comparações indicam formas distintas de gestão do espaço e de ações voltadas aos trabalhadores de rua, principalmente aos trabalhadores fixos.

Os camelôs descreveram a abordagem adotada pela anterior gestão municipal como violenta, inflexível e sem prática de diálogo. Por exemplo, a mãe de A. explicitou a ocorrência de conflitos com a prefeitura:

[A. passou a atender uma cliente. Comecei a conversar com a sua mãe] - Aqui é uma vida tão sofrida. Eu tô aqui [encostada na parede da loja com a estrutura de vender óculos] porque tenho autorização do dono da loja. Eles [agentes da SEDURB] agora são mais calmos, mas quando eles vêm já é tomando. Levam as coisas e pra pegar paga, e nunca vem a mercadoria completa. [Perguntei sobre o cadastramento] - É boa essa ideia, pra organizar e não entrar mais gente. E, realmente, se não organizar enche mesmo, com esse desemprego que tá aí. Como tá todo mundo quer ir - de Caruaru, de Recife, Natal... - comprar mercadoria e vir vender, porque não tem emprego. Vem gente demais de fora (A. E A MÃE, Percurso 01, informação verbal).

Júnior e Marcos também falaram das perseguições que sofreram em anos anteriores:

Tinha uma mulher que ela fazia assim: "pega!". E os caras saiam feito cachorro, parecia que tavam soltando da coleira, tudo treinado, tuf. Muitos apanharam demais, não aguentaram ficar na rua. Agora não, diminuiu muito (JÚNIOR, Percurso 01, informação verbal).

Lôra e Jorge falaram do despreparo dos fiscais da prefeitura e da existência de uma desconfiança com a aparente calma atual:

Se é cansativo, muda de emprego [se refere aos agentes da SEDURB, "os bombados"]. Ele foi contratado para organizar a calçada pública, para informar. Ele não foi contratado para ir lá e tomar, não. Mas ele chega tomando sem avisar, como se fosse acabar com o problema mundial. [Perguntei se houve alguma mudança nessa nova gestão] Houve muita mudança, muuita mudança. Tanta mudança que aí você fica pensando se vai acontecer algum problema. É claro que esse governo é mais flexível, mas aí você fica perguntando até que ponto. Essa flexibilidade é o que? O que vai se tornar isso? É que ninguém engana ninguém. Vai chegar a hora que a bomba vai explodir e é pro lado de quem? E eu tava até falando com ele [Lôra]. Rapaz, tá muito calmo, então alguma coisa tá errado. [Lôra falou] - De repente vai estourar e a gente não sabe, vai chegar aqui e a mercadoria tá apreendida (JORGE E LÔRA, Percurso 01, informação verbal).

Por estar vendendo no mesmo ponto há muitos anos, Jô viu e passou por diversas modificações no espaço, assim como por variadas formas de opressões a ambulantes e camelôs, sem ser afetado por elas.

Mesmo quando Ricardo Coutinho assumiu e botou os bombados para tirar todo mundo da rua, todo mundo saiu menos eu. Driblei o meio de campo e fiquei. É tanto que tem gente que chega hoje aqui e faz: "Você é foda meu amigo, mudou a praça, saiu sapateiro e você ainda tá aqui" (JÔ, Percurso 01, informação verbal).

Em outras falas fica evidente a existência de embates diretos entre camelôs e agentes da prefeitura. Quando perguntamos a Jorge se já havia tido algum problema com a fiscalização, a sua resposta foi: "Sim. Claro que eu tive problemas. Eles são grossos, mal educados. Eles

roubam, tomam pra eles com cassetete na mão. Como se fossem autoridade.” (Percurso 01, informação verbal).

João abordou a violência da gestão anterior para com os ambulantes e camelôs, como violenta e despreparada para a atuação.

Eu conheço algumas pessoas daquela época que tão maluco. Ele é o culpado [antigo prefeito]. Saiu do lugar, não tinham como sobreviver. Não deu assistência nenhuma. Foram embora, saíram daqui. Venderam o que tinham. Outros caíram em depressão (JOÃO, Percurso 02, informação verbal).

Explicou também que não teve problemas nessa época por estar "respaldado" pelo trabalho formal que desempenha.

[E você, teve problema nesse período?] - Não, eu não tive não. Comigo, como eu faço parte da empresa, então o que que eu fiz: botei tudo aqui [sinalizou para a entrada da clínica, um corredor que atualmente tem só uma parte do fiteiro], eu e ele [se refere a Jô, o vendedor de doces]. Um do lado, outro do outro. Até as coisas acalmarem (JOÃO, Percurso 02, informação verbal).

Júnior também abordou diferentes formas de conflitos em vários espaços da cidade. Na perspectiva dele existe uma diferença entre trabalhar como camelô no Centro e em outro bairro da cidade.

Para você ver, aqui já não tem muita briga entre camelô, o dono do Shopping e as lojas. Já no Shopping Manaira [primeiro shopping da cidade, localizado no bairro de Manaira] o pessoal diz que quando chega lá põem num carro, e que o dono manda levar pra bem longe. Porque a preocupação do dono do shopping aqui não é com a gente, é toda quarta-feira. Aqui eles passam a semana todinha planejando como vão fazer na quarta-feira (JÚNIOR, Percurso 01, informação verbal).

Uma questão que foi levantada por muitos ao tratar sobre os conflitos entre poder público e camelô é a da inserção, no Centro, de trabalhadores informais de outros Estados:

[Marcos interrompeu a conversa] - Aqui o grande problema com o espaço é a quantidade de gente de fora que vem, Fortaleza, Natal. Vem vender as coisas aqui, depois vão embora e o problema fica pra gente, e ainda vão embora com dinheiro (JÚNIOR, Percurso 01, informação verbal).

E no geral descrevem a gestão atual como menos violenta e mais aberta ao diálogo. Como Ítalo que aponta a existência de uma relação mais amena com a atual gestão municipal e afirmou a necessidade do estabelecimento de uma organização nas calçadas, aparentando recriminar a utilização de barracas.

Mas hoje o prefeito tá deixando muito liberado, aí tá crescendo o camelô. Tem que ter uma lei, uma ordem. Porque se deixar o camelô, ele invade tudo. Teve um tempo, eu era pequeno na época, era um monte de barraca no meio de tudo. [Ele é o dono do mostrador de óculos citado anteriormente por está no meio da passagem de pedestres] (ÍTALO, Percurso 02, informação verbal).

Jô explica a diferença entre as duas gestões municipais em relação à forma de abordar a presença dos camelôs e ambulantes no Centro e sobre o contato de alguns vendedores de frutas com agentes da SEDURB:

[E os carrinhos que vendem frutas?] - A prefeitura não quer, os bombados vão mais atrás deles. O prefeito quer que mande andar. Aqui chega um bombado e diz: "Vá dar uma vortinha". Ou então: "Saia daí", "Vá lá pra frente", "Encoste lá no cantinho". É diferente da época de Ricardo, que não tinha conversa. Chegavam já tomando, e se reagisse levava pêia, como vi muitos aqui apanhando (JÔ, Percurso 02, informação verbal).

A partir dessa fala fica claro o entendimento que os camelôs têm da perspectiva da prefeitura de encarar a rua como espaço de circulação. E compreendemos que essa relação, entre a prefeitura e os ambulantes/camelôs, ainda não havia sido descrita. Em outros relatos ela apareceu, de forma aproximada, entre camelôs e lojistas.

Jô também apontou alguns fatos através dos quais tomamos consciência de que a prefeitura tem o poder de definir os tipos de ambulantes e camelôs que podem vender nas ruas e, ao mesmo tempo, nos fazem perceber que tal definição é desconhecida pelos próprios vendedores de rua:

Foi tanto que ano passado estavam fazendo um cadastramento de caldo de cana e água de coco, porque era demais pela cidade. Aí eu fiquei doido, vai afetar eu também. Aí cheguei lá pra fazer o cadastro do carro de doce. Eles me perguntado o que vendia, aí disse: doce americano – quebra-queixo. Aí ele falou: "No meu entendimento só tem duas pessoas vendendo esse doce, você e uma menina. Podem ficar tranquilo. Aguardem a segunda ordem". Depois eu fui concorrer a uma loja no shopping. Quando me chamaram para entregar a chave, eu falei a minha atividade, doceiro. Aí eles não me entregaram a chave. Falaram que a minha atividade era de rua. "A sua mercadoria é uma mercadoria turística, então é de rua. Você está envolvido nos sorveteiros, pipoqueiros e tapioqueiros" (JÔ, Percurso 02, informação verbal).

Jorge apresenta uma perspectiva de que o problema ultrapassa a relação entre camelô e poder municipal:

"[Voltou à questão da situação atual dos camelôs no Centro de João Pessoa] - O problema ele não tá melhor por causa dessa gestão. O problema ele é social, é muito amplo. É como o problema do lixo, ninguém resolve. Da água, ninguém vai resolver. Do alimento e do espaço, não vai ter espaço!"

Percebemos que nas duas gestões prevalece o discurso da rua como espaço de circulação. Explicitamos, através de alguns relatos, que as tentativas de retirada de camelôs e ambulantes das ruas são muitas vezes justificadas com os seguintes argumentos: obstrução da passagem e desordem⁶². As descrições realizadas pelos camelôs acerca das relações com os

⁶² O projeto *Calçada Livre*, por exemplo, se baseia largamente nesses argumentos.

agentes da SEDURB invariavelmente remetem à ideia de não ocupar a calçada, ou de ocupar apenas espaços específicos da mesma, tal como ocorre no Ponto de Cem Réis.

Associamos essa busca do poder público à “desobstrução” das calçadas para circulação com a seguinte afirmação de Milton Santos: “[...] uma das características do mundo atual é a existência de fluidez para circulação de ideias, mensagens, produtos ou dinheiro, interessando aos atores hegemônicos” (2008,p.274).

Ao presenciar alguns conflitos entre camelôs, apontamos que a luta por espaço é constante e também disputa entre eles, como no relato a seguir:

Em um dia de pesquisa, estando nessa parte do Cem Réis, aproximadamente às 16h, presenciamos uma discussão entre dois ambulantes - um vendedor de dindins, que acabava de chegar, e um vendedor de caldo de cana e salgados, que costuma vender no mesmo ponto a partir das 17h. O homem que vende caldo de cana gritou: – Caldo de cana, caldo de cana. Chegou um cliente e o vendedor começa a moer a cana. No mesmo instante, o homem que estava próximo, vendendo dindins, se irritou e começou a gritar: “- Vá circular, vá circular! Circular!”. Enquanto o homem que vendia caldo de cana, atendendo o cliente, falou: “– Estou vendendo o meu produto”. Agentes da SEMOB se aproximaram e todos os que estavam parados começaram a andar. O cenário se desfez (Dário de Bordo, 2013).

- **Alterações ao longo do tempo na forma de ocupar a rua**

Percebemos que alguns lugares (calçadas e praças) do Centro deixaram de ser utilizados por camelôs e ambulantes durante um período de tempo, mas recentemente alguns desses espaços estão sendo reocupados por eles. A rapidez com que o espaço é apropriado e modificado pode ser representado por alguns camelôs entrevistados no percurso 03, no trecho da calçada da Av. Visconde de Pelotas. Irenild, Maria e outros vendedores foram ocupando um espaço que passou anos sem a presença de camelôs: “[E quando você chegou aqui, tinha essa movimentação toda?] - Não, o único que tinha era esse homem do óculos e o da bolsa. Depois foi que encheu.” (ÍTALO, Percurso 03, informação verbal)

Verificamos esse “retorno” também a partir das imagens a seguir (fig.23 e 24):



Figuras 23 e 24: Comparação (a) 1997 (b) 2014. Fonte: (a) Jornal A União, (b) Alessandra Soares.

A alteração na forma de ocupação dos lugares está possivelmente relacionada à gestão municipal, que buscou retirar os camelôs do Centro. Um dos principais indícios dessa transformação do modo de ocupar o espaço está na atual ausência de barracas no Centro.⁶³ É interessante como Ítalo (Percurso 03) utilizou um acento negativo ao se referir às barracas que os camelôs utilizavam anteriormente, inclusive no espaço onde trabalha atualmente, e um acento positivo quando se referiu aos atuais elementos móveis, fáceis de serem transportados e retirados no final do dia:

Até os turistas chegarem aqui, falarem: "Olha só como são os ambulantes aqui!" - O que não pode fazer é como antigamente. Porque a primeira vez que eu vim aqui na cidade, era tanto do camelô, cheio de banca de feira. Aqui não presta não. É pra ser tudo bonitinho, organizado. Na hora de ir embora, vai embora, leva tudo. Esse negócio de banca de feira, coisa feia.

Destacamos nessa fala o surgimento da ideia de que os camelôs devem se estabelecer no espaço sem ter uma estrutura física permanente para o apoio das mercadorias. Tudo deve ser montado e desmontado no mesmo dia.

A alteração do espaço também pode ser relacionada com a jornada diária. A partir das observações na Praça Vidal de Negreiros (Cem Réis), identificamos como o espaço pode ser flexível, alterado, apresentando diversos usos ao longo de um dia (características relacionadas anteriormente ao universo dos trabalhadores de rua). Tal identificação se deu, sobretudo, a partir

⁶³ Ver Fig.23, referente a uma fotografia presente em uma matéria do Jornal A União (1997) acerca das barracas de camelôs presentes no bairro do Centro. O ano da notícia sobre as barracas do Centro coincide com o de outra notícia, publicada no mesmo jornal, sobre reformas no Centro: "O centro histórico pessoense está passando por uma grande cirurgia plástica para voltar a ter cara de quando a cidade estava começando a crescer. Antigos prédios transformados em ruínas estão sendo recuperados para dar lugar a novas formas de exploração da chamada Cidade Antiga. Trata-se de um amplo projeto que o Instituto do Patrimônio Histórico vem desenvolvendo há cerca de sete anos e agora conta com o apoio da Prefeitura de João Pessoa, Governo do Estado, Governo Espanhol e iniciativa privada." (JORNAL A UNIÃO apud SCOCUGLIA, 2004, p.179).

de observações voltadas à presença de camelôs/ambulantes que vendem frutas na Praça, durante o dia, e de outros que vendem espetinhos e outras comidas, no turno da noite.

No diário de bordo, essa área aparece descrita da seguinte maneira:

Nesse grande espaço existe um ponto de confluência dos ambulantes - a esquina entre o novo shopping popular Paraíba Palace Shopping e a Rua Duque de Caxias (de pedestre). Um espaço que, aproximadamente a partir das 14h, começa a ser coberto pela sombra de um edifício. Entro nela [na sombra] e percebo duas filas de carrinhos de ambulantes vendendo frutas, uma conversa constante entre eles e as falas: “5 por 2 reais”, “olha a laranja” “manga! manga!” – o som ultrapassa o espaço físico. Poucos minutos depois, o espaço da sombra, que parecia estar com aquela configuração há horas, se desfaz e a sombra fica apenas como espaço de circulação, com a presença dos agentes de SEMOB. Quando os agentes decidem ir para outro canto a imagem que tinha visto antes volta muito parecida: filas de carrinhos, os vendedores conversando, organizando as frutas e vendendo, e as pessoas passando, costurando os ambulantes e seus carrinhos, muitos parando para comprar. E esse movimento de idas e vindas fica até aproximadamente às 16h ou 17h, quando os agentes da SEMOB terminam o expediente e o espaço se constitui - na minha perspectiva – como uma feira de frutas.

A partir de alguns registros realizados em cima do Paraíba Palace Shopping se torna mais fácil visualizar o espaço onde os eventos narrados acima ocorreram. Na sequência das imagens a seguir, é possível perceber diferentes configurações da apropriação espacial:



Figura 25 – Sequência de imagens do ponto descrito anteriormente, entre às 16h – 18h. Fonte: Alessandra Soares, 2013.



Figura 26 - Comparação do espaço em horários diferentes. Fonte: Alessandra Soares, 2013.

Compreendemos que existem regras claras de utilização desse espaço e que elas estão em constante construção. Em alguns momentos são criadas entre os próprios camelôs e ambulantes que o ocupam, em outros momentos pelos agentes da prefeitura. Devemos levar em consideração que a própria forma do espaço, com seus elementos particulares - guarda-corpo, declives etc. -, também influencia na constituição de tais regras.

- **Planejamento do espaço**

Mesmo afirmando a necessidade de realização de uma organização do espaço urbano, levando em consideração certo controle e padronização de elementos, muitos camelôs discordam da forma de atuação do poder municipal, na medida em que não manifesta a possibilidade de superação, a partir de um planejamento urbano mais amplo, além da ideia de retirar os camelôs das ruas. Lembremos da seguinte fala de Júnior:

Mas hoje, depois que retiraram todos [se refere ao que aconteceu anos atrás: houve uma grande perseguição aos ambulantes, que temporariamente ficaram fora das ruas], não houve nenhum planejamento, até agora nada! Só o combate, são oito anos lutando para combater. Nunca pensaram outro meio: não vamos combater, vamos tentar organizar (JÚNIOR, Percurso 01, informação verbal).

Júnior e Marcos apontam a necessidade de existência de planejamento para obtenção de uma melhor relação entre o poder público e eles. Continuando com a conversa, ele despontou a ideia de que o conflito entre camelôs/ambulantes, empresários, lojistas e poder público é antigo e de difícil acordo, e da necessidade de mudança: “- Acho que chega a mais de 100 anos a briga entre ambulantes com lojistas, grandes empresários... Era um negócio que já era pra ter mudado.” (Percurso 01, informação verbal).

Apesar de manter um “princípio da organização” e seguir a lógica do discurso da gestão municipal não existe controle sobre o que poderá acontecer com a ocupação dos espaços.

Através das falas transmitem certo desconhecimento acerca de possíveis projetos e ideias em relação ao que poderá acontecer com eles. Resgatamos alguns depoimentos sobre essas incertezas: “É claro que esse governo é mais flexível, mas aí você fica perguntando até que ponto. Essa flexibilidade é o quê? O que vai se tornar isso?” (Jorge, Percurso 01, informação verbal). “Dessas 1400 carrocinhas que mandou fazer, seis são para doceiros. Agora não sei como vão fazer. Se vão dar ou vão cobrar uma taxa. [E o modelo já existe? Vocês opinaram?] – Não, nunca perguntaram.” (Jô, Percurso 02, informação verbal).

João reclamou da falta de participação nas decisões das gestões municipais:

[A prefeitura já veio perguntar o que vocês acham?] – Pra falar a verdade não, nunca! Temos um sindicato, temos uma associação, mas os caras não fazem nada, só pensam neles. Nada, não perguntam pra nós não, pra mim pelo menos não. A respeito do que tá certo ou errado. Vieram algumas vezes aqui, os secretários e a equipe dele. Mas vieram pra retirar a gente. Prometeu rios a todo mundo, mas na hora nem a terra ele deu. [...] Hoje o prefeito tá aí dizendo que vão legalizar todos e organizar, organizar. Eu espero que seja isso mesmo que ele fala, que tenha consciência. Mas pela proposta que a gente tá ouvindo aí, parece que é diferente. Espero que ele cumpra. Se quiser fazer, faz. Eu acho se todos procurassem conversar, escutar um ao outro, a coisa era outra. O problema tá aí: não procurar dialogar. Não tem diálogo, não vai pra canto nenhum (JOÃO, Percurso 02, informação verbal).

Ao mesmo tempo, através da fala a seguir, notamos certa ausência de comunicação entre os camelôs do Centro. A proximidade parece ocorrer apenas entre os trabalhadores que dividem cotidianamente a mesma área.

[E como afeta você essa história do cadastramento dos camelôs?] Por sinal, fui lá hoje na Associação dos Camelôs. Aqui na [rua] Santo Elias já estão com as camisas e tudo [Retornei à Rua Santo Elias, algumas semanas após a entrevista, para me informar acerca do recebimento das camisas, como Ítalo havia falado. Voltei a conversar com Jorge. Ele afirmou que o Ministério Público não liberou e não legitimou a ação. Ninguém está usando as camisas]. E quinta ela vai cadastrar a gente aqui. É bom que a gente pode trabalhar com liberdade, sem medo (ÍTALO, Percurso 03, informação verbal).

Percebemos que não são escutados, mesmo mantendo um diálogo junto à associação dos ambulantes na tentativa de conquistar algumas reivindicações.

Muitos têm opiniões formadas sobre as transformações e destinos das reformas nos edifícios do Centro. Na conversa que estabelecemos com Jô, encontramos uma crítica à estratégia da prefeitura em relação ao antigo Paraíba Palace Hotel, ao ser transformado em um shopping popular: “[...] esse shopping aí é privado. Já tem 10 lojas fechadas. Aí você pagou 3.500 de luva, 380 de aluguel. Aí não apura, você vende pra pagar o aluguel” (Percurso 02, informação verbal). Ele vê como falida a transformação do local em um shopping popular - Shopping Paraíba Palace. Também criticou o abandono de prédios antigos no Centro da cidade, e lançou informações sobre a lógica de especulação imobiliária no Centro:

Se eu fosse o prefeito da cidade eu tomava esse prédio [aponta para o prédio abandonado de esquina]. Perguntava: “Você quer abrir e deixar alugado pra dar para quem quer trabalhar, comercializar?”. Quer não, ele tem prazer de ver o prédio fechado. Igual ao da esquina [Na outra esquina tem outro prédio fechado]. Aquele ali é mais fácil ainda, que é Federal. Aqui é privado. O dono desse prédio aqui é vivo, é Dr. Dráuzio. É de João Pessoa, tem 70 e tantos anos. Quando perguntam se ele quer alugar uma loja dessa, ele fala que não quer não: “A minha aposentadoria de 2 mil tá muito bom pra mim viver”. Ele não gosta de dinheiro não. Ele sente prazer em tá fechado. - E esse prédio do Bradesco, ali, é de Rivaldo, aquele ex-jogador da seleção. É alugado por 27 mil. O Credicard vai sair daqui, foi vendido ao Itaú. Só que o Itaú não quer o prédio. Acho que vai ser só ações, devem alugar pra outra coisa (JÓ, Percurso 02, informação verbal).

Outro que criticou e lançou sua opinião sobre as intervenções ocorridas no Centro foi Júnior. Apesar de considerarem o Shopping Terceirão como um bom exemplo de intervenção do poder público, explicam que essa experiência é uma espécie de exceção no Centro, não podendo ser aplicada indiscriminadamente em outros lugares, e que talvez seja mais interessante a adoção de outras formas de “acordo”.

[Júnior] - Acho que todo mundo que tá aqui não gostaria de viver de corre-corre, viver de aperreio. Eu acho que se a prefeitura demarcasse um lugar para gente, 1m por 1.5m [perguntei se desejavam que fosse onde eles estavam]. Sim, aqui na rua. Cobrando imposto. Pode ser até o mesmo imposto da loja. Todo camelô teria que abrir CNPJ, emitir nota fiscal. Todos nós queria isso, o que não queria era tá é nesse corre-corre. Todo mundo aceitaria, o negócio não é pagar imposto, o que queremos é trabalhar. [afirmei que todo dia entram pessoas novas para trabalhar na rua]. O que entrasse teria que ir para uma linha de cadastro e se enquadrar em todas as normas que a prefeitura prevê, abrir CNPJ... (JÚNIOR, Percurso 01, informação verbal).

Marcos criticou a ausência de planejamento:

Como fizeram com a Maciel Pinheiro, desapropriaram aquela área e fizeram um shopping... pra nada! Não planejam. É lá onde vendem pedra. Gastaram milhões. Vamos pegar essa corja que não presta e botar pra longe [Fala como se fosse o poder público], tentando maquiagem o que tá aqui na cara. Como esses apartamentos lá na periferia. Enquanto não existir uma estrutura bacana de cidade e de governo, vamos continuar a mesma. É pra ajudar e não complicar (JÚNIOR, Percurso 01, informação verbal).

E outra opinião sobre a localização deles próprios:

[A partir dessa afirmação surgiu o interesse de saber a percepção dele - ou o seu desejo - quanto ao que poderia ser um espaço ideal de trabalho] Rapaz... tem muita gente que fala em fazer igual a 25 de março, colocar todo mundo em uma rua. Mas eu já não sou a favor disso porque vira bagunça. Acho melhor assim, do jeito que tá, tentar organizar todo mundo no canto (JÚNIOR, Percurso 01, informação verbal).

Uma das soluções para a compreensão do cotidiano do camelô é expressa por Júnior ao opinar que o acordo entre camelôs/ambulantes e o poder público somente se tornará uma possibilidade a partir do dia em que os gestores vivenciarem os espaços para saberem da sua realidade. Talvez possamos conectar essa crítica lançada por Júnior à concepção de Ana Clara Torres Ribeiro da valorização do cotidiano na leitura do urbano, reconhecendo os “Outros Urbanos” e suas ações possíveis.

Sabe quando vai mudar o pensamento do prefeito e da prefeitura? Quando ele vier fazer o que você tá fazendo. Porque, por exemplo, ontem eu tava no jogo e ele tava lá na minha frente. Eles tavam no jogo, sabem o que acontecem no jogo, vão pra cadeira. Como ele viu que é tranquilo, ele fica lá no meio da multidão. Para saber o que o camelô precisa ele tem que vir passar um dia aqui, para saber o que a gente faz (JÚNIOR, Percurso 01, informação verbal).

O discurso de Jorge seguiu a mesma direção, de que a prefeitura não compreende o camelô no cotidiano e que a realidade deles é bem mais complexa do que as práticas da prefeitura procuram mostrar. Ele relacionou essa necessidade da vivência da vida do camelô por parte do poder público revelando a relação do legal e do ilegal.

A questão da prefeitura com o camelô é que ela não entende o camelô na prática, na vida no dia a dia. Há uma diferença entre a vivência e o que ele coloca como teoria. Por exemplo, eu, eu sou um infrator, sou um bandido, porque trabalho pra sobreviver. Isso é mercadoria, isso é ilegal. Mas só que se você for ver à risca pela ilegalidade, então você vai ver milhões de produtos entrando no Brasil, ilegais, milhões. Vai ver peça de carro, de computador, eletrodoméstico. Tudo que você imaginar o chinês fabrica. Uma loja dessas de óculos compra um produto que é chinês e bota a marca deles, e acabou-se. E ninguém fala nada. E aí vem falar que pirataria é crime, se todo mundo vive de pirataria no Brasil, a maioria. Procura um produto. Aqueles óculos ali é original? Essa sandália aqui é? Até aquelas sandálias que estão dentro daquela loja ali, não tem como chegar. O problema da prefeitura é porque não treinou as pessoas para lidar com essa realidade dos trabalhadores (JORGE, Percurso 01, informação verbal).

A fala dele aborda problemas da economia formal e do desemprego a partir da sua própria realidade. Conecta a realidade “micro”, a necessidade de vender, de estar na rua e a ilegalidade estigmatizada dos camelôs, com uma dimensão abrangente das relações globais da origem das mercadorias - que envolve o comércio legal e ilegal. Aqui, podemos recordar, mais uma vez, o conceito de “redes” de Milton Santos (2008^a). Por vezes, suas falas, ao apontarem para o fato de que as repressões e violências são sempre seletivas, destinadas a “culpabilizar” e “estigmatizar” quem tem menos poder, parecem apontar para a existência de uma “hipocrisia” na sociedade.

- **Desejo**

Finalizávamos as entrevistas sempre perguntando como seria aquele espaço ideal. Percebemos que nas respostas descreveram possibilidades distintas ao espaço atual em que ocupam. Júnior, Ítalo e Jô propõem três espaços, diferentes do atual, em que se deslocam das margens das fachadas e recebem destaques no espaço, passando a serem mais “visíveis”.

Júnior nos proporciona um interessante depoimento acerca de um projeto que imaginou para melhorar a circulação e criar uma solução para os ambulantes daquela área:

Ó, um projeto que pensei com um colega meu. Não sou formado em arquitetura, mas também acho difícil isso acontecer por causa do cartão portal da cidade. Mas se já

tivesse sido feito, tivesse fechado o anel interno da lagoa só pros ônibus e tivesse sido ligado à Eptácio e à Beira Rio por cima da Lagoa [Parque Solon de Lucena], com um viaduto ligando à rodoviária, ao mercado central. Um projeto bem feito, ruas largas que também não prejudicasse a vista para quem vê a Lagoa. [a fala foi interrompida por uma mulher que perguntou por sua esposa] Que é o que o pessoal quer ver pra bater foto e tal. E uma área em cima também para colocar os ambulantes com passarelas. Uma coisa bonita feito Curitiba. Aí fica aí esse espaço em cima da Lagoa, só porque é um cartão postal de mais de... 100, 200 anos. Se é pra melhorar a cidade tem que acabar o cartão postal. Acho que tem que deixar o cartão postal nas fotos antigas. [afirmei que poderia ocorrer uma mudança] Mudar, ela vai continuar embaixo, então... se ele [o viaduto] passar por cima, pelo anel interno, arrodando a Lagoa. Mas eles pensam em não gastar. Ficaria bem legal, com barracas em cima, com praças para o pessoal vir. Não tem um lugar em João Pessoa que eu pense assim: vou pagar cinco reais pra fazer um piquenique com meu filho. Tem a bica, mas tá defasada demais, entregue. [Comentei sobre o projeto da ciclovia que ocorre todo domingo na Av. Eptácio Pessoa. Ele disse que faz tempo que não vai à praia]. (Percurso 01, informação verbal)

Podemos perceber que ele reivindica um espaço público de lazer e questiona um ponto turístico da cidade, tal como formatado no presente. Nesse discurso, privilegia a criação de mais vias como forma de solução para certos problemas urbanos.

Jô idealiza um espaço em que ele seria o “centro da praça”:

[Como seria um espaço ideal?] - Aqui, o meu lugar aqui. [tempo de silêncio] Cada um é cada um. Se eu fosse prefeito... Rapaz, eu chego aqui 12h30 – 13h. Chega muita gente aqui, na base de umas 300 pessoas nesse horário, entre gente grande e peão. Eu botaria no meio da praça o quebra-queixo, porque é tão conhecido. Do meu conhecimento, só tem eu e um homem, ali na Esplanada [área próxima ao anel externo do Parque Solon de Lucena], comandando essa demanda todinha (JÔ, Percurso 02, informação verbal).

João identifica possibilidades de mudança na realidade dos ambulantes e camelôs que trabalham no Centro. Comentou sobre o projeto que considera viável. Contudo, adota uma postura um pouco “cética” em relação à concretização das possibilidades de transformação, argumentando que a falta de diálogo e transparência, por parte do poder público, é uma constante.

[Se você tivesse oportunidade de mudar alguma coisa na rua, o que mudaria?] Pra falar a verdade, minha filha, mudaria tudo. Porque se eles quisessem mudar, eles mudavam. Primeiro, tem uma sequência de poste na rua. O poste tá fixo, parado. Falam que não podemos utilizar a calçada porque é de pedestre. Mas os postes são públicos, então porque não aproveitam a área do poste? Ali botava um negócio pequeno. Quem tem uma proposta dessa é Toinho do Sopão [Deputado Estadual eleito em 2010, mais a frente comentaremos acerca dessa proposta]. Mas a prefeitura não aceitou, disse que teria problema com a Energisa, não sei quê mais. Cobrar uma quantia de cada um, não muito. Mas do jeito que tá, fica difícil. Quando quer, vai. Mas quando não quer... E é assim que a coisa vai (JOÃO, Percurso 02, informação verbal).

Ao visitar o projeto do espaço para guardar carrinhos dos camelôs e ambulantes do deputado Toinho do Sopão, também nos apresentou um protótipo de uma de suas propostas -

designada como "Escritório na Rua" - para os camelôs que trabalham no Centro. A proposta, que não foi aprovada na Câmara, consiste em duas estruturas de latão colocadas em lados opostos de um poste. Ele explicou que os mostradores de latão poderiam servir para qualquer tipo de serviço, e que a sua utilização poderia estar pautada em uma taxa mensal, que variaria de acordo com o local do Box. Acrescentou que as laterais da estrutura poderiam receber anúncios publicitários e uma lixeira. Compreendemos que Toinho do Sopão, a fim de justificar a sua proposta, utilizou certos parâmetros de organização que já haviam sido apontados nos percursos anteriores: não obstruir a passagem dos pedestres, ocupar pouco espaço e criar um padrão formal.



Figura 27 – Protótipo de uma das propostas desenvolvidas pelo Deputado Estadual Toinho do Sopão para camelôs que trabalham no Centro. Fonte: Alessandra Soares, 2014.

Apesar de idealizarem transformações do espaço eles parecem não criar muita expectativa quanto à possibilidade de concretização das suas ideias. Um dos aspectos centrais da fala de João é a ausência de diálogo com o poder público. Na sua visão, não existe vontade de mudar o panorama urbano, principalmente a realidade dos ambulantes/camelôs. Assim como no primeiro percurso, eles falaram da violência que constantemente recai sobre os camelôs/ambulantes que trabalham no Centro, marcando a diferença entre a gestão municipal anterior e a atual.

A partir dessa última pergunta Ítalo apontou para um fato de grande importância na realidade dos trabalhadores informais: a condição de trabalho dos ambulantes/camelôs se relaciona com a forma como o poder público pretende construir uma imagem de cidade, a fim de

alavancar o turismo. Criticando o modelo das barracas fixas no espaço, ele parece incorporar a ideia de que uma "organização limpa" dos ambulantes/camelôs no espaço é fundamental para transmitir uma boa imagem de cidade.⁶⁴

[O que você mudaria na cidade?] - Não, não tem que mudar não. A única coisa que tem que fazer já tão fazendo é cadastrar direitinho, trabalhar fardado com crachá da prefeitura. Até os turistas chegarem aqui, falarem: "Olha só como são os ambulantes aqui!"- O que não pode fazer é como antigamente. Porque a primeira vez que eu vim aqui na cidade era tanto do camelô, cheio de banca de feira. Aqui não presta não. É pra ser tudo bonitinho, organizado. Na hora de ir embora, vai embora, leva tudo. Esse negócio de banca de feira, coisa feia. Mas assim como tá agora não. Tá bom, tá bom demais. O que a prefeitura não pode deixar é encher de banca de novo. Mas se o camelô veio, depois juntou as coisinhas dele, mais tarde vai embora, tem problema não. Se você passar aqui às 6 horas, não tem mais nada.

Muitas das ideias registradas através da pergunta "como seria o espaço ideal?", atitudes como a de não permitirem outros camelôs no mesmo espaço, ou a padronização de ações, seguindo o ideal da rua como espaço de circulação, parecem se aproximar de certos princípios do urbanismo que tentou padronizar a cidade através de funções – circulação, habitação, trabalho e lazer.

Porém, através das necessidades diárias de comercializar e de se manter no espaço, os trabalhadores de rua constroem uma teia em constante processo. Identificamos que, através da apropriação do espaço, criam-se tensões com o poder municipal e também entre eles. A luta para permanecer passa pela incorporação de regras, consensos e alianças vinculadas a uma lógica racional do espaço. O tempo de permanência permite adequar as ações ao espaço (por exemplo, a troca de barracas por carrinhos), criar dinâmicas e vínculos. A continuidade de certas atividades no mesmo espaço, e dessa teia (como vimos no primeiro ponto, "Caminhos"), possivelmente nos faz perceber e pensar, a partir do conceito de "território usado", a complexidade da vida urbana.

No esquema abaixo, podemos relacionar esse processo com o território usado através do sujeito (o camelô/ambulante) que se apropria do espaço (a rua) e, para nele permanecer

⁶⁴ Vinculamos essa ideia de construção de imagem da cidade com uma proposta lançada recentemente pela Prefeitura de João Pessoa, um projeto, voltado ao Parque Solon de Lucena, que caracterizam como sendo de revitalização do espaço. Alguns meses após essa divulgação, o IAB-PB (Instituto dos Arquitetos do Brasil) lançou uma nota pedindo o embargo da obra, devido ao processo de elaboração do projeto: "[...] No entanto, questiona-se o seu processo de elaboração: sem concurso público, sem atender à normativa de preservação cultural – além de ser um bem tombado individualmente, o Parque está inserido na delimitação do Centro Histórico de João Pessoa – e sem a legítima participação da população nas diretrizes projetuais, esta, por último, que deveria ocorrer por meio de audiências públicas".

(tempo), encontra estratégias, incorpora discursos e, assim, constrói teias, relações, isto é, “faz cidade”.



Esquema 06 – Apropriação da rua por camelôs e ambulantes. Elaborado por Alessandra Soares, 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da presente pesquisa, procuramos aprofundar o debate sobre a cidade contemporânea. Sabendo da impossibilidade de abarcar a totalidade da realidade dos camelôs e ambulantes, assim como de retratar inteiramente as experiências e vivências deles nas ruas do bairro do Centro de João Pessoa, lançamos reflexões sobre o urbano a partir de um recorte, de um olhar voltado à vida de um grupo de pessoas que trabalham na rua.

Na busca por responder ao problema proposto na pesquisa (“Como os ambulantes e camelôs inseridos no bairro do Centro de João Pessoa experienciam a rua e compreendem o espaço em que atuam?”), optamos por ir a campo (à rua), por uma leitura do espaço urbano a partir “do nível do chão”, fato que implicou aceitar questões adversas e maiores do que as propostas no trabalho. Em certa altura do diário de bordo, temos a seguinte anotação: “[...] não imaginava tudo que viria a descobrir com a rua” (Diário de Bordo da autora, 2013). A potencialidade da ação de ver e ouvir revela e expõe o pesquisador a diversas realidades ou possibilidades de cidade-vida que, muitas vezes, o leva a rever valores e produzir autocríticas. Assim, o trabalho de campo além de possibilitar uma discussão objetiva acerca do espaço urbano, pode provocar reflexões sobre a posição do arquiteto na compreensão e na produção da cidade.

A pesquisa na rua pode ser extremamente pedagógica, no sentido de que muitas afirmações encontradas em obras teóricas se tornam mais concretas, e aspectos da realidade não mostrados por essas mesmas obras revelam-se aos olhos do pesquisador, impactando-o intensamente. No caso da presente pesquisa, isso se revela na seguinte passagem do diário de bordo: “Boto-me à prova, revejo valores, pois não são todos os dias que deito com o corpo efervescendo de sentimentos → E agora tento captar todas essas emoções e conseguir transformar em ciência” (Diário de Bordo da autora, 2013).

Inúmeras vezes, ao longo da pesquisa de campo, surgiram questões como: de onde olhamos (enquanto arquitetos e urbanistas) a cidade quando a teorizamos? A nossa decisão (que também pode ser encarada como uma forma de olhar e pensar a cidade) foi a de observar as experiências dos trabalhadores de rua considerando os seus trajetos, suas descrições e narrativas de experiências.

A primeira constatação surgida a partir das descrições e narrativas dos entrevistados foi que as formas de ocupar e permanecer no espaço têm importância crucial na vida dos

camelôs/ambulantes. Entendemos que essa importância revela a existência de conflitos na cidade, como também a busca pelo controle do espaço e a atuação do poder público em relação a eles [camelôs e ambulantes].

Assim, afirmamos que reflexões sobre a realidade do camelô - trabalhador fixo que vende na calçada, no meio-fio, na praça, na fachada de alguma loja, entre outros espaços - são importantes para se discutir usos e ocupações da rua. Reiteremos tal declaração com a seguinte afirmação de Ana Clara Torres Ribeiro: "O que acontece é que, além da leveza, temos que pensar o peso; além dos fluxos, temos que pensar os fixos [...] O camelô tanto sai do lugar quanto busca ficar no lugar; não está somente circulando, está lutando para ficar aí, grudado no lugar" (RIBEIRO, 2012c, p.107).

Para pensar "os fixos" no espaço e as apropriações que realizam, devemos levar em consideração a heterogeneidade do universo dos trabalhadores de rua, as relações entre Estado e camelôs (que aqui no Centro de João Pessoa aparecem, principalmente, como relações entre a Prefeitura Municipal e os trabalhadores), e as ações de apropriação para se manter no espaço.

Quanto ao primeiro ponto, independente do caráter heterogêneo do camelô e ambulante, a rua é o espaço do cotidiano, da sociabilidade, de trocas de informações e, sobretudo, local de "ganhar dinheiro". A maioria das justificativas dadas pelos camelôs, no tocante ao trabalho na rua, de fato remete à necessidade de sobrevivência, porém, como vimos, existem diversas razões para se trabalhar na rua e nem todos se enquadram nessa justificativa.

Para permanecerem no espaço os camelôs/ambulantes assumem uma racionalidade própria, definem critérios e criam padrões de comportamento ao incorporarem regras e valores que transitam entre os espaços "luminosos" e os espaços "opacos" (essas transições de espaços podem ser identificadas no pacto com os lojistas). A ideia de "deixar a calçada livre para pedestres" guia grande parte dessas ações, principalmente a criação do que designamos de "princípio da organização". Nessa lógica, surgem espaços que são construídos e desconstruídos todos os dias, gerando sempre possíveis novos arranjos.

Importa destacar que a maioria dos camelôs com os quais dialogamos afirma que apóia mudanças quanto à forma como ocupam o espaço, assim como é a favor de uma "organização institucional" dos camelôs no Centro de João Pessoa. Porém, muitos reclamam da ausência de participação nas decisões dos projetos voltados ao bairro do Centro, e percebem claramente a necessidade de o poder público se aproximar e conhecer o cotidiano deles, para poder realizar ações que os favoreçam.

Ressaltamos que a quantidade de informações sobre mudanças urbanísticas, projetos, estabelecimentos e acontecimentos que os camelôs narraram ao longo das entrevistas, demonstra intimidade com o espaço onde atuam; fato que nos leva a pensar sobre o caráter de fixidez ou de constância dos trabalhadores de rua, no Centro. Lembremos de Roberto (Percurso 03), que trabalha há 30 anos como camelô em diversos lugares, mas sempre no bairro do Centro.

A partir dessas reflexões, acreditamos que possam surgir novas discussões que estimulem a continuação da presente pesquisa por novos e instigantes caminhos. Vemos, por exemplo, que há muito que se discutir sobre o tema da relação entre o corpo e o espaço apropriado, pois, como vimos, é através da presença constante do indivíduo que se reafirma o espaço ocupado. Também visualizamos a abertura para o aprofundamento de reflexões acerca do próprio espaço apropriado (que, no caso da presente pesquisa, se apresenta como um espaço intermediário, isto é, nem rua nem casa), e da lógica de apropriação (será que a fixidez dos camelôs denota uma reprodução do espaço, também dentro de uma lógica do privado?).

Independente da possibilidade de concretização desses aprofundamentos, compreendemos que a presente pesquisa contribui para reafirmar questões importantes como, por exemplo, a vitalidade cotidiana do bairro do Centro de João Pessoa, a constatação de que a expressão “fazer cidade” revela uma conjuntura de ações no cotidiano, que demonstra que a cidade está em contínuo processo de construção e desconstrução, e que na lógica da apropriação e dominação do espaço a cidade aparece apropriada de distintas formas pelos seus habitantes.

Meses após finalizarmos a pesquisa de campo, retornamos aos mesmos locais onde ocorreram as entrevistas e percebemos que alguns deles estavam sendo ocupados por outros trabalhadores de rua, isto é, não mais por alguns daqueles com os quais conversamos. A partir dessas observações, voltamos à seguinte afirmação de Ana Clara Torres Ribeiro, citada na abertura do trabalho: a cidade viva e experimental não morreu, “[...] apesar dos impactos da crise societária, esta cidade permanece ativa na tessitura do cotidiano” (RIBEIRO, CADERNOS, 2012, p.66).

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. 2011. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Editora Terceiro Nome. 213 p.

ALCÂNTARA, André. **Ambulantes e Direito à Cidade: trajetórias de vida, organização e políticas públicas**/ André Alcântara; Francisco Comaru; Geilson Sampaio; Luciana Itikawa; Luiz Kohara; Maria Carolina Ferro. – Projeto Trabalho Informal e Direito à Cidade. São Paulo: Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, 2013. 152 p.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **Berlim e Barcelona: duas imagens estratégicas**. São Paulo: Ed. Annablume, 2012.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas**. In Arantes, Otília, VAINER, Carlos, MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. 6ª ed: Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.11-74.

ASCHER, François, **As duas formas de compartilhar uma rua**, in BORTHAGARAY, Andrés (org). **Conquistar a rua! Compartilhar sem dividir**. Instituto para a cidade em movimento, 2010.

BAUDELAIRE, Charles. **Pequenos poemas em prosa [O spleen de Paris]**. São Paulo: Ed. Hedra, 2011.

BRITTO, Fabiana Dutra; Jacques, Paola Berenstein (Org.). **Corpocidade: debates, ações e articulações** - Salvador: EDUFBA, 2010.

BORJA, Jordi. **As cidades e o planejamento estratégico: uma reflexão europeia e latinoamericana**. In: FISCHER, T. (org.) Gestão contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 79 - 99.

CERTEAU, Michel de, **A invenção do cotidiano: 1 a arte de fazer**- Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DURÃES, Bruno José Rodrigues; **Trabalho de Rua no Brasil e o processo de acumulação capitalista: o trabalho gratuito**. 2006; 6º Colóquio Internacional Marx e Engels.

DEBORD, Guy-Ernest; **Fragmentos do documento fundacional: por uma internacional Situacionista** in FELÍCIO, Erahsto (org.), Internacional Situacionista. Deriva, psicogeografia e urbanismo unitário. Porto Alegre: Deriva, 2007. p.48-64.

DEBORD, Guy-Ernest; **Situacionistas e o trânsito**, (1959) 2006, <http://apocalipsemotorizado.blogspot.com.br/2006/10/situacionistas-e-o-trnsito.html>.

FRAMPTON, Kenneth. **Historia crítica da arquitetura moderna**, 2º ed. – São Paulo – Martins Fontes, 2008.

FERNANDES, Ana; **Cidades e Cultura: rompimento e promessa**, in Corpo e Cenários urbanos: território urbano e políticas urbanas, organizadores: Henri Pierre Jeudy e Paola Berenstein Jacques, Salvador: EDUFBA, PPG-AU/FAUFBA, 2006.

JACOBS, Jane, **Morte e Vida de grandes cidades**, São Paulo, Martins Fontes, 2000.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade**, in JEUDY, Henri Pierre, JACQUES, Paola Berenstein, *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*, Salvador. EDUFBA; PPG-AU/FAUFBA, 2006.

_____. **Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade**, in cadernos PPG-AU/FAUFBA, Ano VI – Número Especial – 2008.

_____. **Notas sobre espaço público e imagens da cidade**. *Arquitextos*, São Paulo, 10.110, Vitruvius, jul 2009 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.110/41>>.

_____. **Zonas de Tensão: em busca de micro-resistências urbanas**. In: BRITTO, Fabiana Dultra; Jacques, Paola Berenstein (Org.). **Corpocidade: debates, ações e articulações**. Salvador: EDUFBA, 2010.

_____. **Experiência errática**, in revista redobra p. 160-178, nº 9, 2012, Salvador.

_____. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012 a.

JAKOBSEN, Kjeld a., **A dimensão do trabalho informal na América Latina e no Brasil**, in Mapa do trabalho informal Perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo, organizador: KjeldJakobsen, Renato Martins, OsmirDombrowski, 1996.

LEFEBVRE, Henri, **O Direito à Cidade**, São Paulo, 2008.

MAGNANI, José Guilherme. **Rua, símbolo e suporte da experiência urbana**. 1993.

MAGNANI, José Guilherme. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. 2002.

MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Vol. 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1994. (p.35 -185).

OLIVIERI, Silvana. **Quando o cinema vira urbanismo: o documentário como ferramenta de abordagem da cidade** – Salvador: EDUFBA, PPGAU, Florianópolis: ANPUR, 2011.

PEREIRA, Margareth da Silva, **A reconquista das ruas: o desafio urgente das cidades brasileiras**, (p.140-145) in BORTHAGARAY, Andrés (Org). **Conquistar a rua! Compartilhar sem dividir**. Instituto para a cidade em movimento, 2010.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Dança De Sentidos: na busca de alguns gestos**. In: BRITTO, Fabiana Dultra; Jacques, Paola Berenstein (Org.). **Corpocidade: debates, ações e articulações**. Salvador: EDUFBA, 2010.

RIBEIRO, Ana Clara Torres, **Homens Lentos, Opacidades e Rugosidades**, in revista redobra p. 58 - 71, nº 9, 2012, Salvador.

_____. **Entrevista por Alessia de Biase**, in revista redobra p. 09 - 21, nº 9, 2012b, Salvador.

_____. **Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012c.

_____. **Cartografia da ação social região latino-americana e novo desenvolvimento urbano**, p.147-156. In: Cadernos da America Latina XI, 2009.

RIO, João, **Alma encantadora das ruas**, crônicas, organização Raúl Antelo - São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** São Paulo, Ed: Brasiliense, 2004.

_____. **O que é cidade?** São Paulo, Ed: Brasiliense, 1988.

SANTOS, Milton, **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**, 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a, Coleção Milton Santos; 1.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico** – científico – informacional, 5ª edição, Edusp, 2008b, 176 p. Coleção Milton Santos; 11.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 20ª Ed. - RJ: Record, 2011.

SANTOS, Carlos Nelson F., VOGEL, Arno, **Quando a rua vira casa, a antropologia do espaço de uso coletivo em um centro de bairro**. Convênio IBAM/FINEP. 2ª ed. ver. E atualizada. Rio de Janeiro, 1981.

SANTOS, Carlos Nelson F., **Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo**. In: VELHO, Gilberto (org.), Rio de Janeiro. Ed. Campus, 1980, p. 37-57.

SCOCUGLIA, JovankaBaracuhy Cavalcanti (org.), **Cidade, Cultura, Urbanidade**, João Pessoa-PB, Ed: Universidade Federal da Paraíba, 2012, p.416.

_____. **Revitalização urbana e (re) invenção do centro histórico na cidade de João Pessoa (1987 – 2002)**; João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 2004, p. 265.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental** – Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**- São Paulo: Contexto, 2007.

TRIGUEIRO, Marcele, **Pacificação da cidade: A urbanidade legitimada – O caso dos espaços públicos do grand ensemble LésMinguettes, em Lyon**, in Urbanidades, organizadores: AGUIAR, Douglas, NETTO, Vinicius, Rio de Janeiro, Ed: Letra e Imagem, 2012.

ŽIŽEK, Slavoj, **Problemas no Paraíso**, 2013, disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2013/07/05/problemas-no-paraíso-artigo-de-slavoj-zizek-sobre-as-manifestacoes-que-tomaram-as-ruas-do-brasil/>, acessado 8 de novembro de 2013.

A UNIÃO, **A cidade e as barracas**, João Pessoa – PB, p.03, 1950.

A UNIÃO, **Luta por um espaço garante sobrevivência**, João Pessoa – PB, p.03 e p.07, Ano CIV, nº 53, 1997.

APÊNDICE A

1. Entrevista I

Entrevista concedida por Júnior e Marcos. Entrevista I. [Nov. 2013]. Entrevistador: Alessandra Soares. João Pessoa, Paraíba, 2013. 1 arquivo .mp3 (95 min.)

[Marcos] - É uma briga, a gente tem sempre que se reinventar.

[Júnior] - Eles tentando combater a gente e a gente lutando para trabalhar.

[Marcos] - A vida é essa... assim. Não tem muita coisa diferente não.

[Júnior] - A gente é ambulante, mas é ambulante mais parado. Existe o que circula e o que fica parado. Picolé, água, açai, coco...

[Perguntei a Júnior se já havia trabalhado em outro lugar] [Júnior] - Primeiro eu vendia no estacionamento da C&A e depois vim para cá. Saí de lá já por causa desse corre-corre. Ali é onde passa prefeitura, o prefeito passa ali. É uma área visada né, a olho nu. Quando ele passa ele vê e fala que o canto tá cheio de ambulante. Aqui o poder público não passa muito, não é uma área visada.

[Júnior] - Acho que chega a mais de 100 anos a briga entre ambulantes com lojistas, grandes empresários... Era um negócio que já era pra ter mudado. [A partir dessa afirmação surgiu o interesse de saber a percepção dele - ou o seu desejo - quanto ao que poderia ser um espaço ideal de trabalho] Rapaz... tem muita gente que fala em fazer igual a 25 de março, colocar todo mundo em uma rua. Mas eu já não sou a favor disso porque vira bagunça. Acho melhor assim, do jeito que tá, tentar organizar todo mundo no canto.

[Júnior] - Agora a pessoa que trabalha com mercadoria, como a gente trabalha aqui, tem que ficar num canto que passa gente. Que só vendo onde passa pessoa. É o cara pegar a gente aqui e colocar naquela rua que não passa ninguém. É o tipo da coisa, é difícil demais convencer a mente de um ambulante a fazer tal coisa. Um quer uma coisa, outro quer outra... Ele pode sair dois dias, mas depois ele volta. Depois ele volta porque já se identifica com muita gente aqui na rua. Tem os donos das lojas, o pessoal que trabalha... o costume de você trabalhar. Aí te levam para outra rua, chega desanima. É como você sair de João Pessoa para andar em São Paulo. Não fica perdido? A mesma coisa é um ambulante de um canto para outro, ele se perde. Tem aquela adaptação, aquela história toda. Quando eu saí de lá pra cá [Júnior se refere ao período em que trabalhou no estacionamento da C&A, vendendo DVDs em um carro. Por receber ameaças de alguns agentes da Sedurb decidiu sair, vender o carro e ir para o local onde trabalha atualmente] tive que ir me adaptando. Vendia muito mais lá. Depois de um tempo foi melhorando e tomando alegria de trabalhar.

[Júnior] - Eu acredito que a coisa mais difícil que exista hoje é retirar um ambulante do local dele. É difícil. Esse aqui [Marcos] está há 10 anos. Mesmo apurando bem pouquinho, mas é melhor do que ir para lá [apontou na direção do Parque Solon de Lucena], que o cara fala que ganha muito. Ele nunca aceitaria trabalhar lá, pois o costume dele é trabalhar aqui. Na praia ele não quer [fomos interrompidos por Luciano, o ambulante que vende brigadeiros andando pelas ruas do Centro com um microfone, oferecendo brigadeiros]. Aí é que tá o problema, muitos querem andar e outros querem ficar parado. Ele [se referindo à Luciano], se você botar uma banquinha e colocar, não fica. [Luciano fala - Eu não fico não, já tentei várias vezes. Depois foi embora].

[Júnior] - Devido da bagunça e da doidera. Você vê que a turminha que passa aqui na quarta é diferente da dos outros dias da semana. É o terror.

[Júnior] - Tá todo mundo aqui, todo mundo quer ganhar dinheiro. Na outra rua é fraco, na paralela. [Depois da entrevista circulei pela rua paralela e, de fato, o movimento de pessoas é menor. Porém, alguns ambulantes trabalham nela] Só digo uma coisa, ninguém quer ficar onde não vende, onde vende é que a turma quer ficar. Ninguém quer ser deslocado pra um local vazio, todo mundo dá um jeito de se virar.

[Júnior] - Quem procura fazer amizade é mais tranquilo, o que perde mais é aquele que quer brigar. Você tem que ser insistente. Ele vai embora, você volta. A turma quer ficar onde vende, e ele quer que você vá para uma rua que ninguém nem veja. Mas o lugar onde ele [se refere ao poder público] não lhe vê é também o lugar onde você não vende. [Marcos interrompeu e fez a seguinte colocação] - Como fizeram com a Maciel Pinheiro, desapropriaram aquela área e fizeram um shopping... pra nada! Não planejam. É lá onde vendem pedra. Gastaram milhões. Vamos pegar essa corja que não presta e botar pra longe [Fala como se fosse o poder público], tentando maquiagem o que tá aqui na cara. Como esses apartamentos lá na periferia. Enquanto não existir uma estrutura bacana de cidade e de governo, vamos continuar a mesma. É pra ajudar e não complicar.

[Júnior] - Se meu carro não pode o dele também não pode. Não é porque ele é autoridade que o carro dele pode ficar ali na faixa. Eles atuam como fiscalizadores. [Marcos colocou a sua opinião] - Pode, pode sim!

[Marcos]- Somos o termômetro da rua! A minha escola é a rua.

[Júnior] - Acho que todo mundo que tá aqui não gostaria de viver de corre-corre, viver de aperreio. Eu acho que se a prefeitura demarcasse um lugar para gente, 1m por 1.5m [perguntei se desejavam que fosse onde eles estavam]. Sim, aqui na rua. Cobrando imposto. Pode ser até o mesmo imposto da loja. Todo camelô teria que abrir CNPJ, emitir nota fiscal. Todos nós queriam isso, o que não queria era tá é nesse corre-corre. Todo mundo aceitaria, o negócio não é pagar imposto, o que queremos é trabalhar. [afirmei que todo dia entram pessoas novas para trabalhar na rua]. O que entrasse teria que ir para uma linha de cadastro e se enquadrar em todas as normas que a prefeitura prevê, abrir CNPJ...

[Marcos] - Aquele projeto da rodoviária. Vamos fazer porque desce muitas pessoas de frente [falou como se fosse o poder público]. Mas tem muita gente que vai pra Santa Rita de trem, que é um real. O Terceirão deu certo porque é uma passagem e têm vários bancos próximos, o cara tá com dinheiro.

[Júnior] - Sabe quando vai mudar o pensamento do prefeito e da prefeitura? Quando ele vier fazer o que você tá fazendo. Porque, por exemplo, ontem eu tava no jogo e ele tava lá na minha frente. Eles tavam no jogo, sabem o que acontecem no jogo, vão pra cadeia. Como ele viu que é tranquilo, ele fica lá no meio da multidão. Para saber o que o camelô precisa ele tem que vir passar um dia aqui, para saber o que a gente faz.

[Júnior] - Tinha uma mulher que ela fazia assim: "pega!". E os caras saíam feito cachorro, parecia que tavam soltando da coleira, tudo treinado, tuf. Muitos apanharam demais, não aguentaram ficar na rua. Agora não, diminuiu muito.

[Júnior] - Para você ver, aqui já não tem muita briga entre camelô, o dono do shopping e as lojas. Já no shopping Manaira [primeiro shopping da cidade, localizado no bairro de Manaira] o pessoal diz que quando chega lá põem num carro, e que o dono manda levar pra bem longe. Porque a preocupação do dono do shopping aqui não é com a gente, é toda quarta-feira. Aqui eles passam a semana todinha planejando como vão fazer na quarta-feira. [Marcos interrompeu

a conversa] - Aqui o grande problema com o espaço é a quantidade de gente de fora que vem, Fortaleza, Natal. Vem vender as coisas aqui, depois vão embora e o problema fica pra gente, e ainda vão embora com dinheiro.

[Júnior] - Mas hoje, depois que retiraram todos [se refere ao que aconteceu anos atrás: houve uma grande perseguição aos ambulantes, que temporariamente ficaram fora das ruas], não houve nenhum planejamento, até agora nada! Só o combate, são oito anos lutando para combater. Nunca pensaram outro meio. Não vamos combater, vamos tentar organizar. [Júnior parou e apontou para outro camelô] – Pronto, aquele menino que está conversando com ele é o dono da loja [a loja em frente ao local onde conversavam].

[Júnior] - Ó, um projeto que pensei com um colega meu. Não sou formado em arquitetura, mas também acho difícil isso acontecer por causa do cartão postal da cidade. Mas se já tivesse sido feito, tivesse fechado o anel interno da lagoa só pros ônibus e tivesse sido ligado a Epitácio e a Beira Rio por cima da Lagoa [Parque Solon de Lucena], com um viaduto ligando à rodoviária, ao mercado central. Um projeto bem feito, ruas largas que também não prejudicasse a vista para quem vê a Lagoa. [a fala foi interrompida por uma mulher que perguntou por sua esposa] Que é o que o pessoal quer ver pra bater foto e tal. E uma área em cima também para colocar os ambulantes com passarelas. Uma coisa bonita feito Curitiba. Aí fica aí esse espaço em cima da Lagoa, só porque é um cartão postal de mais de... 100, 200 anos. Se é pra melhorar a cidade tem que acabar o cartão postal. Acho que tem que deixar o cartão postal nas fotos antigas. [afirmei que poderia ocorrer uma mudança] Mudar, ela vai continuar embaixo, então... se ele [o viaduto] passar por cima, pelo anel interno, arrodando a Lagoa. Mas eles pensam em não gastar. Ficaria bem legal, com barracas em cima, com praças para o pessoal vir. Não tem um lugar em João Pessoa que eu pense assim: vou pagar cinco reais pra fazer um piquenique com meu filho. Tem a bica, mas tá defasada demais, entregue. [Comentei sobre o projeto da ciclovia que ocorre todo domingo na av. Epitácio Pessoa. Ele disse que faz tempo que não vai à praia].

2. Entrevista II

Entrevista concedida por Jorge e Lôra. Entrevista II. [Nov. 2013]. Entrevistador: Alessandra Soares. João Pessoa, Paraíba, 2013. 2 arquivo .mp3 (65 min.).

[Perguntei como é o seu dia e o que faz] [Jorge] - Primeiro quem trabalha no meio da rua é porque precisa sobreviver. Vai pedir trabalho numa loja e o primeiro que pedem é para você comprovar experiência com carteira assinada. Uns porque tão muito velho como eu. Aí vou chegar numa loja e vou pedir emprego, mas não tenho experiência alguma.

[Jorge] - Você vai atrás da sobrevivência. É como aquele filme nacional Ensaio sobre a Cegueira. Aquilo ali é como se fosse camelô, porque aquela barbárie que acontece no filme não acontece por nada, é instinto de sobrevivência. Só tem uma pessoa que enxerga, os outros não fazem aquela algazarra toda porque são maus, mas porque querem comer, querem tomar banho. As pessoas lutam por espaço, lutam por alimento. Ela luta pela vida, pra ter paz, uma paz abstrata, mas uma paz. Camelô, na minha opinião, é isso. Você acha que se eu pudesse tá ganhando um salário em uma loja não taria? Só que eu não tenho condição, ganhar 300 reais no mês. Como vou fazer para sobreviver? Pagar 300 reais de aluguel, me alimentar, pagar passagem para universidade, pagar minhas Xerox. Então a realidade social é muito maior do que achar que o camelô tá ali porque quer... Porque gosta daquilo ali. Necessariamente você termina se acostumando, se acostuma se é bom ou se é ruim. Você quer sobreviver, tenho conta para pagar. Daqui a pouco o sol abaixa e eu tenho que ir para lá, porque se eu ficar no sol o dia todo vou ter uma insolação e minha mercadoria queima.

[Jorge] - O homem como um todo é um ser complexo, não pode chegar e dizer que ele é daquele jeito. Nem todo camelô pensa assim como eu. Existem vários tipos de camelô: existem os camelôs que trabalham para sobreviver, existe camelô que ele é empresário e ele é camelô, e tem 10 carrinhos desses no meio da rua [se refere aos carrinhos de açaí e côco]. Tem gente que precisa, mas esse cara tá extorquindo até o pobre coitado que tá no meio da rua. Eu acho que a realidade é mais profunda. Então... o camelô ele é produto de falta de estrutura de uma falta de educação de base. O comércio é enxuto, o Estado que não tem indústria que abarque. É muita coisa! Não é simplesmente: ele é camelô. O instinto de sobrevivência dele é tão profundo que ele se tornou empreendedor. Então ele lutou por aquele espaço e ele vai lutar pelo espaço, porque tem a família para sustentar.

[Jorge] - A questão da prefeitura com o camelô é que ela não entende o camelô na prática, na vida no dia a dia. Há uma diferença entre a vivência e o que ele coloca como teoria. Por exemplo, eu, eu sou um infrator, sou um bandido, porque trabalho pra sobreviver. Isso é mercadoria, isso é ilegal. Mas só que se você for ver à risca pela ilegalidade, então você vai ver milhões de produtos entrando no Brasil, ilegais, milhões. Vai ver peça de carro, de computador, eletrodoméstico. Tudo que você imaginar o chinês fabrica. Uma loja dessas de óculos compra um produto que é chinês e bota a marca deles, e acabou-se. E ninguém fala nada. E aí vem falar que pirataria é crime, se todo mundo vive de pirataria no Brasil, a maioria. Procura um produto. Aqueles óculos ali é original? Essa sandália aqui é? Até aquelas sandálias que estão dentro daquela loja ali, não tem como chegar. O problema da prefeitura é porque não treinou as pessoas para lidar com essa realidade dos trabalhadores.

[Jorge] - [Perguntei se ele já teve algum problema com a fiscalização da prefeitura] Sim, claro que eu tive problemas. Eles são grossos, mal educados. Eles roubam, tomam pra eles com cassete na mão. Como se fossem autoridade. Só que quem pode prender é polícia civil. Nem polícia militar pode levar. Como é que o cara vem e pega, se a polícia federal tem que pedir um ofício para a polícia civil? Tem que ter ofício, mandados. Então são realidades.

[Jorge] - Se é cansativo, muda de emprego [se refere aos agentes da SEDURB, "os bombados"]. Ele foi contratado para organizar a calçada pública, para informar. Ele não foi contratado para ir lá e tomar, não. Mas ele chega tomando sem avisar, como se fosse acabar com o problema mundial. [Perguntei se houve alguma mudança nessa nova gestão] Houve muita mudança, muuita mudança. Tanta mudança que aí você fica pensando se vai acontecer algum problema. É claro que esse governo é mais flexível, mas aí você fica perguntando até que ponto. Essa flexibilidade é o que? O que vai se tornar isso? É que ninguém engana ninguém. Vai chegar a hora que a bomba vai explodir e é pro lado de quem? E eu tava até falando com ele [Lôra]. Rapaz, tá muito calmo, então alguma coisa tá errado. [Lôra falou] - De repente vai estourar e a gente não sabe, vai chegar aqui e a mercadoria tá apreendida.

[Jorge retomou sua fala] - É como o cara que tem um Box no CCP [Centro Comercial de Passagem] e a mulher vende bolsa ali. O outro tem um Box no CCP e tem outras pessoas trabalhando na rua. O problema é de gestão. Nessa rua todo mundo conhece todo mundo. Não tem como mentir, são muitas falas para confirmar. Ali é o Nininho [aponta em uma direção e descreve a vida familiar de um camelô que trabalha nas proximidades]. Os novatos que tão chegando de fora tem que saber por que tão chegando aqui. Camelô tem em todo mundo, tem nos Estados Unidos, na China.

[Perguntei como é o seu trabalho] [Jorge] - Tem recuo em uma loja que tá fechada. A dona da loja não vai abrir a loja. É claro que se ela abrir a loja vou diminuir o tanto de mercadoria que coloco, mas vou continuar trabalhando no recuo. Porque se eu for trabalhar na calçada vou usar o espaço do pedestre, então eu uso o recuo da loja. No canto na parede, para não atrapalhar o espaço público. Com pouco vou tentar trabalhar para sobreviver. Quando ela for reformar eu vou

encontrar uma forma de me adaptar no espaço, sem atrapalhar ela, sem atrapalhar a calçada. Porque se vier alguém falar que eu tô atrapalhando, eu vou perguntar: em que estou atrapalhando? Quem foi que falou pra você vir mexer comigo?

[Durante a conversa, quando o sol não batia mais na fachada em que trabalha, uma criança apareceu, puxando a camisa de Jorge, a fim de se informar sobre o horário em que ele iniciaria as vendas dos DVDs] - Porque você já não está lá, vendendo DVDs? Não vai vender hoje?

[Voltou à questão da situação atual dos camelôs no Centro de João Pessoa] - O problema ele não tá melhor por causa dessa gestão. O problema ele é social, é muito amplo. É como o problema do lixo, ninguém resolve. Da água, ninguém vai resolver. Do alimento e do espaço, não vai ter espaço!

[Jorge] - É isso, sou um cara que luta para sobreviver e não acho bom trabalhar como camelô. Gosto do dia-a-dia. O que é legal é ver uma pessoa feliz. Aí entra trabalhar, vem a questão da rotina e do cotidiano. O cotidiano ele tem um significado e a rotina não. Mas quando você dá significado àquilo que você faz tudo muda. Então eu gosto do que eu faço nesse cotidiano. Conversar com a pessoa. Eu dou um filme pra ela que sei que vai ser bom, ela pode tá precisando daquilo. Tem isso aqui [se refere ao espaço de convivência próximo ao carro de Lôra].

2. Entrevista III

Entrevista concedida por A. e a Mãe. Entrevista III. [Nov. 2013]. Entrevistador: Alessandra Soares. João Pessoa, Paraíba, 2013. 3 arquivo .mp3 (30 min.).

[Expliquei a minha pesquisa a A. e o fato de que cheguei até ela a partir da indicação de Jorge] - A questão é o seguinte: é um querendo invadir o canto do outro. A desorganização também. Ali [aponta no sentido da Lagoa] é o seguinte, desde ali, seguindo a Insinuante e o Armazém Paraíba, ali embaixo é cheio de bolsa, entendeu? Aqui todo mundo tenta organizar seu cantinho. Mas os dali não colaboram, botam tudo no chão sem pensar em nada, sem deixar espaço. Se a prefeitura tá tentando organizar é para todo mundo colaborar [A Prefeitura Municipal de João Pessoa, junto com a Associação dos Ambulantes, decidiu realizar um cadastramento dos ambulantes de João Pessoa. A Rua Santo Elias é um dos pontos iniciais desse cadastramento]. Não tomar muito espaço na calçada.

- E é isso, também a questão das apreensões que tão tendo. [Perguntei se já apreenderam alguma mercadoria dela] Já levaram o carrinho do açaí da minha irmã [o carrinho que estava no meio fio, ao lado dela]. Ela vende óculos. E outra [outra questão], tava tendo agressão dos guardas municipais. Tá errado, porque eles têm que chegar e conversar, não é agredir.

[A. passou a atender uma cliente. Comecei a conversar com a sua mãe] - Aqui é uma vida tão sofrida. Eu tô aqui [encostada na parede da loja com a estrutura de vender óculos] porque tenho autorização do dono da loja. Eles [agentes da SEDURB] agora são mais calmos, mas quando eles vêm já é tomando. Levam as coisas e pra pegar paga, e nunca vem a mercadoria completa. [Perguntei sobre o cadastramento] - É boa essa ideia, pra organizar e não entrar mais gente. E, realmente, se não organizar enche mesmo, com esse desemprego que tá aí. Como tá todo mundo quer ir - de Caruaru, de Recife, Natal... - comprar mercadoria e vir vender, porque não tem emprego. Vem gente demais de fora.

- Esse prefeito agora quer organizar. É... não sei. Mas já entra o Ministério Público que quer a calçada livre. Mas é como eles dizem lá: cabe à prefeitura organizar. A gente aqui mesmo... eu

não tô incomodando a passagem. Mas tem gente que bota, pega o carrinho e bota aqui [apontou para o meio da calçada], desce bolsa na calçada toda.

- Aqui eu sou amiga dos donos da loja. Aqui essa dona me disse: não quero ninguém mais aqui do que você. Aí quando vem algum outro eu digo: Êpa! Aqui não, porque a mulher não quer nada aqui.

[Perguntei como fazem para ir ao banheiro] Tem no shopping... mas eu tenho minha salinha aqui [Apontou para uma galeria do outro lado da rua]. Alugo uma sala. Lá tenho banheiro, guardo os óculos, o açaí, as coisas aqui. Tenho essa loja lá também, só que como é uma galeria não dá movimento. Eu já tiro daqui pra pagar lá. Uma vez ou outra chega uma cliente querendo olhar lá de dentro. Mas preciso ter, para ter onde guardar as coisas, principalmente. Por que como a gente leva? Eu não tenho carro e moro no Cristo [Bairro de João Pessoa].

[Perguntei se já trabalhou em outro canto] Trabalhei também cinco anos na parede da Fininveste, porque na época eu era muito amiga da gerente. Tem gente trabalhando que não precisa. Que tem dinheiro, que tem loja lá em Mangabeira e tem mais de um carrinho aqui na rua, tomando espaço de quem precisa. Eu conheço um aqui, atrás de mim. Tem um [sinalizou discretamente] aí que vem passar humilhação junto aos que precisa, só porque quer mais.

4. Entrevista IV

Entrevista concedida por JÔ. Entrevista IV. [Fev. 2013]. Entrevistador: Alessandra Soares. João Pessoa, Paraíba, 2013. 4 arquivo .mp3 (37 min.).

[Como você vê as mudanças que aconteceram aqui nesse espaço?] - Esse espaço nunca deixou de ter ambulantes, nunca. Aumentou, aumentou o desemprego, tem que arrumar a sobrevivência de outra maneira.

- Faz 18 anos que tô aqui e faz 18 anos que tô aposentado como vigilante. Tive um acidente. Passei três meses recuperando e decidi vir vender doce aqui. Se você hoje perguntar se eu quero ficar aqui ou quero viver da minha aposentadoria, eu prefiro ficar aqui, tu acredita? Vir pra aqui todo dia. Já venho almoçado e aqui sempre foi essa loja. Mas essa aqui do lado não era, aqui era a padaria. Padaria Fluminense, que agora foi pra aquela outra esquina. [Comentei que na hora da entrevista, aproximadamente 15h, já vendeu quase tudo] – É, mas eu não quero ir embora, só quando dá cinco horas.

- Mesmo quando Ricardo Coutinho assumiu e botou os bombados para tirar todo mundo da rua, todo mundo saiu menos eu. Driblei o meio de campo e fiquei. É tanto que tem gente que chega hoje aqui e faz: “Você é foda meu amigo, mudou a praça, saiu sapateiro e você ainda tá aqui”.

- Dessas 1400 carrocinhas que mandou fazer, seis são para doceiros. Agora não sei como vão fazer. Se vão dar ou vão cobrar uma taxa. [E o modelo já existe? Vocês opinaram?] – Não, nunca perguntaram.

[Explicou o que informaram a eles sobre como devem proceder após o novo cadastramento da prefeitura] - Você vai se responsabilizar pela limpeza no local. Se vier outro lá de Natal ou Recife, vier e botar aqui, a gente vai se responsabilizar de não deixar isso acontecer, pra não tumultuar. E se ele insistir, a gente se responsabiliza em ligar para a Secretaria.

[E os carrinhos que vendem frutas?] - A prefeitura não quer, os bombados vão mais atrás deles. O prefeito quer que mande andar. Aqui chega um bombado e diz: “Vá dar uma voltinha”. Ou então: “Saia daí”, “Vá lá pra frente”, “Encoste lá no cantinho”. É diferente da época de Ricardo,

que não tinha conversa. Chegavam já tomando, e se reagisse levava pêia, como vi muitos aqui apanhando.

[Como faz para ir ao banheiro?] - Rapaz, eu acho que já tô adaptado. Eu faço tudo em casa. Já venho todo programado. Parece mentira, eu chego aqui 12h30. Se você chegar 12h30, eu tô aqui. Se chegar 17h, eu tô aqui. Eu tenho muita atenção aos meus clientes. Muitos perguntam: “Como você aguenta? Não tem nem um banquinho?”. Eu digo a vocês, eu já sou adaptado a isso daqui. Às vezes eu vou lá na casa do meu irmão, perto do cemitério. Subo aquela ladeira todinha. Uma vez um carro parou e ficou admirando. E perguntou: “O senhor tá cansado?”. Respondi: - Tô não.

- Quando eu saio daqui vou no Mercado Central. Compro o coco, compro o açúcar. Chego em casa tomo um banho e janto. Vou rapar coco pra deixar na geladeira pra amanhã fazer o doce.

- Minha aposentadoria é boa, mas eu venho por amor. É bom tá na rua. Decidi tirar 15 dias de férias. Fui pra Alagoa Grande [PB], só passei três dias. Eu não conseguia dormir. Era esse me ligando [o homem que conversei em seguida, que tem um fiteiro na fachada ao lado de onde Jô vende os doces]. O povo tá atrás de doce! Amanhecia todo quebrado. Peguei minhas coisas e vim. Cheguei aqui e as dores passaram, acredita? Eu só paro quando morrer. Enquanto puder empurrar esse carrinho, eu me sinto bem, não sinto nada. Eu só tenho férias se for pra uma cidade bem longe. Porque se ficar por aqui, eu fico: “Eita, esse cara compra doce a mim, porque eu num tô vendendo a ele?”. Mas se eu tiver distante, conhecendo outras pessoas, aí eu paro.

[Como seria um espaço ideal?] - Aqui, o meu lugar aqui. [tempo de silêncio] Cada um é cada um. Se eu fosse prefeito... Rapaz, eu chego aqui 12h30 – 13h. Chega muita gente aqui, na base de umas 300 pessoas nesse horário, entre gente grande e peão. Eu botaria no meio da praça o quebra-queixo, porque é tão conhecido. Do meu conhecimento, só tem eu e um homem, ali na Esplanada [área próxima ao anel externo do Parque Solon de Lucena], comandando essa demanda todinha.

- Foi tanto que ano passado estavam fazendo um cadastramento de caldo de cana e água de coco, porque era demais pela cidade. Aí eu fiquei doido, vai afetar eu também. Aí cheguei lá pra fazer o cadastro do carro de doce. Eles me perguntado o que vendia, aí disse: doce americano – quebra-queixo. Aí ele falou: “No meu entendimento só tem duas pessoas vendendo esse doce, você e uma menina. Podem ficar tranquilo. Aguardem a segunda ordem”. Depois eu fui concorrer a uma loja no shopping. Quando me chamaram para entregar a chave, eu falei a minha atividade, doceiro. Aí eles não me entregaram a chave. Falaram que a minha atividade era de rua. “A sua mercadoria é uma mercadoria turística, então é de rua. Você está envolvido nos sorveteiros, pipoqueiros e tapioqueiros”.

- Esse shopping aí é privado. Já tem 10 lojas fechadas. Aí você pagou 3.500 de luva, 380 de aluguel. Aí não apura, você vende pra pagar o aluguel.

- Se eu fosse o prefeito da cidade eu tomava esse prédio [aponta para o prédio abandonado de esquina]. Perguntava: “Você quer abrir e deixar alugado pra dar para quem quer trabalhar, comercializar?”. Quer não, ele tem prazer de ver o prédio fechado. Igual ao da esquina [Na outra esquina tem outro prédio fechado]. Aquele ali é mais fácil ainda, que é Federal. Aqui é privado. O dono desse prédio aqui é vivo, é doutor Dráuzio. É de João Pessoa, tem 70 e tantos anos. Quando perguntam se ele quer alugar uma loja dessa, ele fala que não quer não: “A minha aposentadoria de 2 mil tá muito bom pra mim viver”. Ele não gosta de dinheiro não. Ele sente prazer em tá fechado. - E esse prédio do Bradesco, ali, é de Rivaldo, aquele ex-jogador da seleção. É alugado por 27 mil. O Credicard vai sair daqui, foi vendido ao Itaú. Só que o Itaú não quer o prédio. Acho que vai ser só ações, devem alugar pra outra coisa.

Ao finalizar a conversa, pediu para João olhar o carrinho, para poder ir comprar, no Mercado Central, os ingredientes para fazer o doce do próximo dia.

5. Entrevista V

Entrevista concedida por JOÃO. Entrevista V. [Fev. 2013]. Entrevistador: Alessandra Soares. João Pessoa, Paraíba, 2013. 5 arquivo .mp3 (20 min.).

[Sempre trabalhou aqui?] - Antes eu trabalhava com cartão telefônico. Hoje trabalho com recarga e o fiteiro que ajuda a completar a renda.

[Gosta de trabalhar aqui?] - Rapaz, eu acho legal. Trabalhei em várias empresas. 16 anos na Saelpa [antiga companhia de energia do Estado, privatizada nos anos 2000 - atualmente Energisa] e não consegui um quarto do que hoje eu tenho.

[A partir de que horas você chega?] - Eu chego cedo. Tem dias que eu chego às seis da manhã, pra abrir a clínica. O resto do dia eu fico por aqui. O fiteiro eu guardo aqui dentro. Moro aqui perto do Comando Militar. Passo o dia aqui, o dia todo. Depende do trabalho, tem dias que tem algo para fazer à noite. Eu fico aqui.

[E o cadastramento?] - Olha, é provável, já que todos tão cadastrados. Apesar de que eu sou cadastrado na prefeitura desde 92 e até agora não saiu nada. Mas uma hora vai sair.

[A prefeitura já veio perguntar o que vocês acham?] - Pra falar a verdade não, nunca! Temos um sindicato, temos uma associação, mas os caras não fazem nada, só pensam neles. Nada, não perguntam pra nós não, pra mim pelo menos não. A respeito do que tá certo ou errado. Vieram algumas vezes aqui, os secretários e a equipe dele. Mas vieram pra retirar a gente. Prometeu rios a todo mundo, mas na hora nem a terra ele deu.

- Eu conheço algumas pessoas daquela época que tão maluco. Ele é o culpado [antigo prefeito]. Saiu do lugar, não tinham como sobreviver. Não deu assistência nenhuma. Foram embora, saíram daqui. Venderam o que tinham. Outros caíram em depressão.

[E você, teve problema nesse período?] - Não, eu não tive não. Comigo, como eu faço parte da empresa, então o que que eu fiz: botei tudo aqui [sinalizou para a entrada da clínica, um corredor que atualmente tem só uma parte do fiteiro], eu e ele [se refere a Jô, o vendedor de doces]. Um do lado, outro do outro. Até as coisas acalmarem.

[Se você tivesse oportunidade de mudar alguma coisa na rua, o que mudaria?] Pra falar a verdade, minha filha, mudaria tudo. Porque se eles quisessem mudar, eles mudavam. Primeiro, tem uma sequência de poste na rua. O poste tá fixo, parado. Falam que não podemos utilizar a calçada porque é de pedestre. Mas os postes são públicos, então porque não aproveitam a área do poste? Ali botava um negócio pequeno. Quem tem uma proposta dessa é Toinho do Sopão [Deputado Estadual eleito em 2010, mais a frente comentaremos acerca dessa proposta]. Mas a prefeitura não aceitou, disse que teria problema com a Energisa, não sei quê mais. Cobrar uma quantia de cada um, não muito. Mas do jeito que tá, fica difícil. Quando quer, vai. Mas quando não quer... E é assim que a coisa vai.

- Hoje o prefeito tá aí dizendo que vão legalizar todos e organizar, organizar. Eu espero que seja isso mesmo que ele fala, que tenha consciência. Mas pela proposta que a gente tá ouvindo aí, parece que é diferente. Espero que ele cumpra. Se quiser fazer, faz. Eu acho se todos procurassem conversar, escutar um ao outro, a coisa era outra. O problema tá aí: não procurar dialogar. Não tem diálogo, não vai pra canto nenhum.

6. Entrevista VI

Entrevista concedida por ÍTALO. Entrevista VI. [Fev. 2013]. Entrevistador: Alessandra Soares. João Pessoa, Paraíba, 2013. 5 arquivo .mp3 (37 min.).

[Por que você mudou para esse canto aqui?] - Primeiro porque com o caldo [caldo de cana] eu não tinha um canto fixo. Agora, aqui, eu tenho. Aqui agora é meu. [Como você descobriu esse canto?] Fiquei aqui, fui ficando. Faz bem um ano que tô aqui. A mudança foi porque o churros é mais fácil de trabalhar, você não perde mercadoria.

[E os óculos? - a conversa aconteceu ao lado de um expositor de óculos, que ele organizava] - Não, os óculos não são meus. [E quando você chegou aqui, tinha essa movimentação toda?] - Não, o único que tinha era esse homem do óculos e o da bolsa. Depois foi que encheu.

[Ítalo falou sobre o seu trabalho antes de ser camelô: tinha um bufê e decorava festas de casamento. Mudou por ter prejuízo financeiro] - Olhe, pra mim não tem tempo ruim não. Eu nem ligo, vou trabalhar e arrumo de novo. Aqui a gente se ajuda. Aqui conheço todo mundo. É mesmo do que ser irmão.

[E como afeta você essa história do cadastramento dos camelôs?] Por sinal, fui lá hoje na Associação dos Camelôs. Aqui na [rua] Santo Elias já estão com as camisas e tudo [Retornei à Rua Santo Elias, algumas semanas após a entrevista, para me informar acerca do recebimento das camisas, como Ítalo havia falado. Voltei a conversar com Jorge. Ele afirmou que o Ministério Público não liberou e não legitimou a ação. Ninguém está usando as camisas]. E quinta ela vai cadastrar a gente aqui. É bom que a gente pode trabalhar com liberdade, sem medo.

[O que você mudaria na cidade?] - Não, não tem que mudar não. A única coisa que tem que fazer já tão fazendo. É cadastrar direitinho, trabalhar fardado com crachá da prefeitura. Até os turistas chegarem aqui, falarem: "Olha só como são os ambulantes aqui!" - O que não pode fazer é como antigamente. Porque a primeira vez que eu vim aqui na cidade era tanto do camelô, cheio de banca de feira. Aqui não presta não. É pra ser tudo bonitinho, organizado. Na hora de ir embora, vai embora, leva tudo. Esse negócio de banca de feira, coisa feia. Mas assim como tá agora não. Tá bom, tá bom demais. O que a prefeitura não pode deixar é encher de banca de novo. Mas se o camelô veio, depois juntou as coisinhas dele, mais tarde vai embora, tem problema não. Se você passar aqui às 6 horas, não tem mais nada.

- Desde que eu cheguei boto aqui, e ficou. A gente fica pedindo sempre que não bote no meio da calçada, por causa do pedestre. O meu fica ali entre as duas faixas e é bem estreitinho. [Pergunto sobre o expositor de óculos que está bem no meio da passagem] Não, esse daqui ninguém falou nada não. Mas quando cadastrar isso aqui direito, isso aqui não vai ficar aqui não. O cadastro é pra quem já tá no lugar. Lá na [rua] Santo Elias, tinham 38 camelôs, só ficaram 32. De qualquer maneira, tem que organizar. Porque se não organizar vira uma bagunça muito grande. O que não pode é proibir que as pessoas ganhem o pão de cada dia honestamente. Olhe, nesse instante passou três moças. Pois uma delas ainda roubou um óculos, um tipo desse aqui [mostrou um óculos]. Isso a gente aqui conversando, tudinho. Aí foi quando o rapaz fez: "Corre, a moça acabou de roubar o óculos!". Aí saíram correndo e pegaram ela aí. Aí tomou. É pra esse tipo de gente que tem que tá o policiamento na rua, a guarda municipal. Porque do mesmo modo que ela passou aqui, ela pode passar e roubar uma joia de uma pessoa, uma carteira. Não é o pessoal que trabalha honestamente não.

- O comércio acabou desde setembro. Olhe, o tempo do comércio juntar um dinheirinho é em dezembro. Esse ano começou no vermelho e terminou no vermelho. É tanto que você pode analisar, quando chega em janeiro sai no jornal: "Esse ano o comércio teve tanto de crescimento". Repara se esse ano saiu. Saiu não, e parece que foi em todo o Brasil que ninguém comentou. A essa hora aqui, era pra tá um formigueiro. Tá vazio. Em dezembro mudou um pouco, tão pouco que o comércio nem notou.

7. Entrevista VII

Entrevista concedida por ROBERTO. Entrevista VII. [Fev. 2013]. Entrevistador: Alessandra Soares. João Pessoa, Paraíba, 2013. 7 arquivo .mp3 (25 min.).

- Trabalho desde criança. Desde cinco anos de idade trabalho com meu pai. A gente viajava e trazia as coisas. Não existia, como hoje, esse contrabando de mercadorias, isso tudo não. A gente ia ao Paraguai. Naquela época trabalhava com brinquedo e equipamento de som. Hoje é tudo aqui, vende a mercadoria e compra.

- A gente gostava de estudar, mas era por causa dos nossos pais. Eu fiz até oitava [série]. Mas minha vida hoje... eu tô bem equilibrado. Quase assim pra dizer: "Deixei de trabalhar". Encerrar o trabalho. Tô com 35 anos, mas tô bem saturado na minha vida de comércio desde novo. Tem tanto canto aí que a pessoa trabalha e ganha nem a metade como aqui. Aqui, entra a hora que quer.

- Mas hoje o prefeito tá deixando muito liberado, aí tá crescendo o camelô. Tem que ter uma lei, uma ordem. Porque se deixar o camelô, ele invade tudo. Teve um tempo, eu era pequeno na época, era um monte de barraca no meio de tudo. [Ele é o dono do mostrador de óculos citado anteriormente por está no meio da passagem de pedestres].

- Já trabalhei em todos os cantos, rodoviária, na C&A... Trabalho com óculos, chapéu... amanhã vai vir capa de celular. [Depois nos mostrou na mão, escrito com caneta, o lucro bruto do dia, os gastos e o lucro final dele]. Eu que não vou trabalhar pra ninguém. Chego aqui às 9h e fico até às 17h. Só tô aqui agora [17h30] porque esse rapaz disse: "Vamos ficar um pouco mais aqui? Descolar mais uma coisinha?".

[Onde guardam as mercadorias?] - Tem um chinês, através de uma confiança que eu dei a ele. Porque chinês não é igual a brasileiro não, geralmente é muito difícil. Uma mercadoria que comprei a ele e veio passando a mais. Então o que acontece, passou uma mercadoria e eu avisei: "Isso não é meu não". E devolvi. Eu tô bem de vida, não preciso disso. Não tenho o que reclamar dela. Quero formar meus filhos. Eu gostava, na época eu viajava com 12, 13 anos. Eu ia só pro Paraguai. Meu irmão mais velho ficava lá e mandava as coisas pra cá por a gente. Mas meu sonho era estudar, mas agora vão meus filhos porque agora eu não posso. Eu tô num grau mais elevado. Às vezes culpo meu pai, mas tem o lado bom. Pode ser que formado eu não tivesse tão bem como estou hoje.

- Quinta-feira vem a Associação dos Ambulantes aqui, junto com a gente, organizar aqui. Botar tudo para um lado, pra livrar a passagem de pedestre. Falamos que aqui, mais ou menos, tem umas 15 pessoas. Vai ser difícil. [Alguns dias depois, ao passar no local, percebi que estavam todos nos mesmos lugares].

- Tem ponto fixo não. Já trabalhei em vários cantos e agora tô aqui. Porque tá mais liberado e porque a mercadoria tá muito pesada pra sair andando. E tô guardando aqui pertinho. Uma confiança. A chinesa e o chinês me deu a chave de um lugar bem grandão e falou: "- Confio em

ninguém não, só em você, só em você". Através de uma mercadiazinha que devolvi que veio a mais. Criou uma grande confiança.

8. Entrevista VIII

Entrevista concedida por MARIA. Entrevista VIII. [Fev. 2013]. Entrevistador: Alessandra Soares. João Pessoa, Paraíba, 2013. 8 arquivo .mp3 (20 min.).

[Por que você decidiu vir para cá?] Não tinha nada para fazer, eu vim para cá. [Mas trabalhava em algum outro canto?] Não trabalhava.

[Como é estar aqui pra você?] Pra mim tá bom, até conseguir algo melhor. Um próprio. Eu tava parada e aqui tão precisando de uma pessoa para trabalhar durante o dia.

[Para ir ao banheiro?] Aqui embaixo. [É um banheiro público subterrâneo]

[E já fez amizade aqui com o pessoal?] Mai, com tudinho! É bom trabalhar aqui na rua, não tem nada pra mim fazer, melhor do que tá em casa.

- Chego 8h30 aqui. No Centro, chego às 5h30. Eu moro em Santa Rita. Pego o carrinho no Mercado Central e venho. Tem um canto que guarda, um homem aluga. Fico até 17h30, aí o homem chega e eu vou. [E o movimento, como tá?] Rapaz, tá meio fraco, mas tá bom. Quando ele chega [o cunhado], 17h30 - 18h, tem mais gente. Mas essa hora de manhã não é bom.